

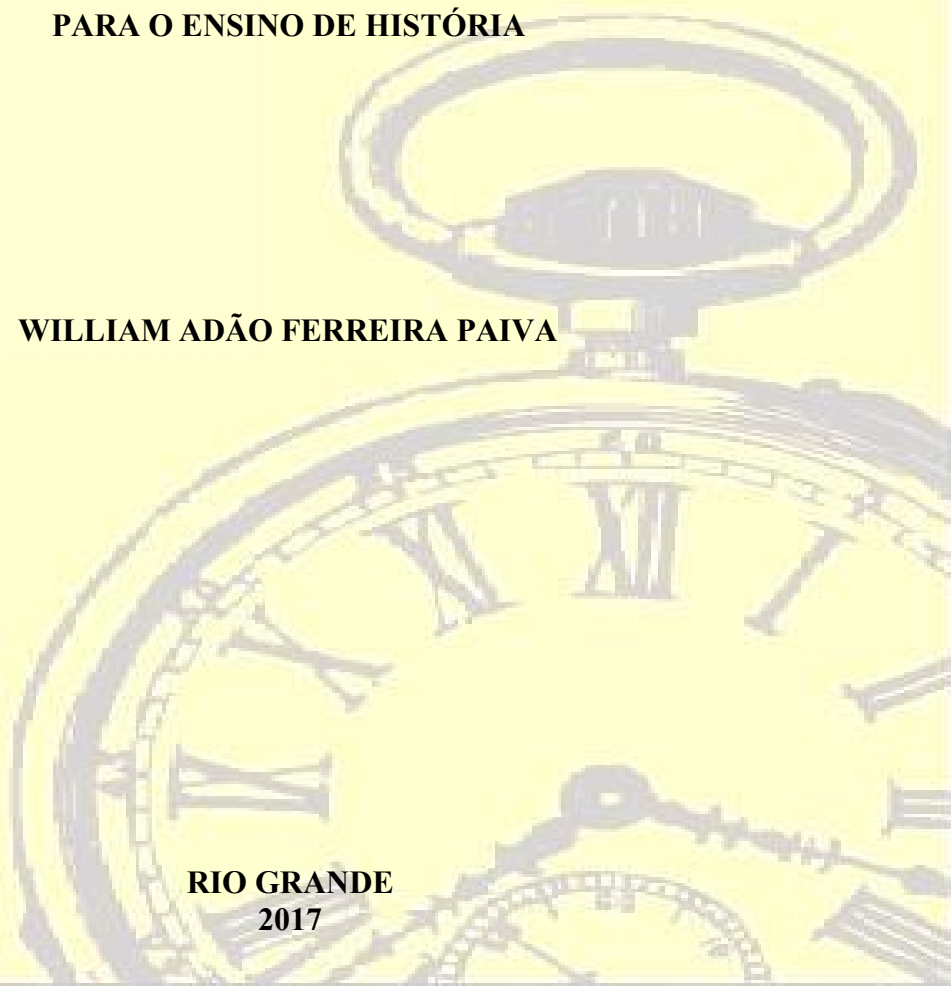
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
MESTRADO PROFISSIONAL EM  
HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**PPGH**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA

**A CATEDRAL DE SÃO PEDRO E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA  
CIDADE DO RIO GRANDE: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM  
PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

**WILLIAM ADÃO FERREIRA PAIVA**

**RIO GRANDE  
2017**



**WILLIAM ADÃO FERREIRA PAIVA**

**A CATEDRAL DE SÃO PEDRO E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA  
CIDADE DO RIO GRANDE: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM  
PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado Profissional) da Universidade Federal do Rio Grande - FURG como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História na linha de concentração de estudos “História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem”, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Braz Gonçalves.

Rio Grande  
2017

### Ficha Catalográfica

P149c Paiva, William Adão Ferreira

A Catedral de São Pedro e a educação patrimonial na Cidade do Rio Grande: uma proposta de abordagem para o ensino de História / William Adão Ferreira Paiva. - 2017.  
216 f.

Orientadora: Renata Braz Gonçalves. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

1. História. 2. Ensino de História. 3. Educação Patrimonial. 4. Rio Grande - RS.  
I. Título.

CDU: 94(816.5RG)

WILLIAM ADÃO FERREIRA PAIVA

**A CATEDRAL DE SÃO PEDRO E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA  
CIDADE DO RIO GRANDE: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM  
PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado Profissional) da Universidade Federal do Rio Grande - FURG como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História, na linha de concentração de estudos “História, pesquisa e vivências de ensino- aprendizagem”.

Data da Defesa: 21 de dezembro de 2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Braz Gonçalves (Orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Rodrigues Gastaud  
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Carvalho Rodrigues  
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Grecco dos Santos  
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)



## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos os sujeitos para quem eu pude dar ouvidos e também para aqueles que utilizam as suas Práticas Pedagógicas no Processo Educacional. Sintam-se ainda mais Pertencidos ao nosso Patrimônio Histórico e Cultural.

## AGRADECIMENTOS

Neste momento, gostaria de expressar meu agradecimento a todas as pessoas que participaram da construção desta Dissertação e que acabaram por contribuir a ela através de diversas formas. Muitas foram as mudanças ocorridas no período em que estive dedicado aos aprendizados e as escritas do mestrado...

Mudança de trabalho, mudança de casa, mudança de cidade e mudança de estado.

Quando temos um ideal, percorremos diversos caminhos para conquistá-lo e não foi diferente nessa mais nova página de minha vida, considerando aqui a finalização do Curso de Mestrado. Muitas pessoas compartilharam seus saberes, trocaram experiências, seja por comentários ou até mesmo por meio de suas vivências. Sei que as simples palavras colocadas aqui não serão suficientes para demonstrar a dimensão deste “muito obrigado”, mas vamos lá então.

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por estar comigo na construção e término de mais esta etapa da vida, pela sabedoria que tive nos momentos de dificuldade, pela motivação nos momentos de angústia e pela força de vontade em querer vencer.

Agradeço à minha orientadora, Professora Renata Braz, pelas sábias palavras em muitas das vezes, pelas sugestões, pelas problematizações e “provocações” durante os encontros que fizeram parte da orientação, pela disponibilidade sempre que necessário, pela dedicação e principalmente pela confiança em mim depositada. Obrigado pelo incentivo e pela amizade construída ao longo desta trajetória.

Agradeço tanto à Banca de Qualificação quanto à Banca de Defesa da Dissertação, compostas pelas Professoras Carla Rodrigues Gastaud, Márcia Carvalho Rodrigues e Rita de Cássia Grecco dos Santos, responsáveis pelas valiosas observações e contribuições que me ajudaram na escrita desta Dissertação;

Agradeço a Alessandro Petzold, pela convivência e pelo grande apoio nos momentos que fizeram parte da escrita. Sua amizade e compreensão foram muito importantes.

Agradeço a Giovana Dias pelo seu empenho em me auxiliar, na importante etapa de enviar e remeter o instrumento de coleta de dados. Sou muito grato pela sua colaboração.

Agradeço a Juliane Medeiros, pela sua disponibilidade em me ajudar sempre que necessitava retirar livros na biblioteca e textos no Centro de Convivência da Universidade.

Agradeço a Keli Chaves, pela compreensão diante de minhas ausências no trabalho para participar dos eventos e pela sua disposição em sempre querer ajudar.

Agradeço a Emilly Paiva, pelo apoio e auxílio na coleta dos dados para esta Dissertação, principalmente quando a distância entre Rio Grande/RS e Florianópolis/SC ficou ainda maior, me impossibilitando de fazer algumas coisas.

Agradeço aos Colegas de turma do mestrado, que iniciaram esta caminhada junto a mim: Alessandra, Diego, Inácio, Márcia e Paola. Nossa convivência e discussões nas disciplinas foram muito ricas e importantes para compor este momento.

Agradeço aos Professores e Professoras da Rede Municipal e Estadual do Rio Grande/RS que participaram da pesquisa e pelo comprometimento de cada um ao responder o Questionário. O resultado desta Dissertação também é para vocês e para o ensino de História.

Agradeço em especial a minha família, por compreender que em muitos momentos a minha ausência era necessária e que nem sempre eu pude estar presente nos encontros que ocorreram ao longo destes meses, período esse em que me dediquei à escrita deste trabalho.

Agradeço a muitos de meus amigos pelo apoio e respeito que tiveram comigo no decorrer desta etapa, entendendo que a construção de uma dissertação de mestrado torna-se essencial para a formação do profissional.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande e também aos Professores do Programa de Pós-Graduação em História, por eu fazer parte de seu corpo discente e poder aprender com suas experiências. O conhecimento de cada um foi fundamental para que eu pudesse me aprimorar e evoluir.

“É preciso que a temática e as metodologias associadas à Educação Patrimonial estendam-se às escolas, e que as crianças, desde cedo, tenham contato com o Patrimônio Cultural. Assim, a escola, a família, os alunos e os educadores assumirão a responsabilidade para com o conhecimento e a preservação patrimonial em suas comunidades. É possível afirmar que a Educação Patrimonial estimula e valoriza a apropriação da herança cultural pela sociedade, sendo uma apropriação que orienta a preservação sustentável dos bens, fortalecendo os sentimentos de identidade e de cidadania de um povo, de uma nação”.

Áurea da Paz Pinheiro (2010, p. 48)

## RESUMO

Esta Dissertação apresenta a pesquisa realizada, cujo objetivo foi contribuir para o desenvolvimento do ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Rio Grande/RS a partir de uma proposta de Educação Patrimonial, trazendo como referencial a Catedral de São Pedro. Existe uma carência de trabalhos que divulguem ações ou façam alusão à relação entre a Educação Patrimonial e o ensino de História na cidade do Rio Grande/RS, mais precisamente sobre a Catedral de São Pedro. Ela foi a primeira igreja erguida no Estado do Rio Grande do Sul, tendo suas obras iniciadas no ano de 1755, sendo reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural através do Decreto Lei nº 25 de 30/11/1937 e considerada ainda um dos símbolos da cidade. Para responder ao propósito geral da investigação, utilizou-se como método para coletar dados a Pesquisa Bibliográfica; a Pesquisa Documental nas fontes que relataram e/ou descreveram as diversas representações da Catedral frente ao município, sendo consultados ainda os Projetos Pedagógicos, os Guias Turísticos e também os Artigos de Jornais e a aplicação de um questionário aos professores da rede escolar do município. Como resultado principal, foram apresentadas duas Cartilhas (recursos didáticos) que deverão ser utilizadas tanto pelos professores quanto pelos alunos, em referência às práticas pedagógicas do ensino de História nas escolas de Rio Grande/RS, a partir de uma proposta de Educação Patrimonial na Catedral de São Pedro.

**Palavras-chave:** História; Ensino de História; Educação Patrimonial; Rio Grande/RS.

## ABSTRACT

This dissertation presents the research carried out, whose objective was to contribute to the development of the teaching of History in the Early Years of Elementary School in Rio Grande/RS from a proposal of Patrimonial Education, bringing as reference the Cathedral of St. Peter. There is a shortage of works that publicize actions or allude to the relationship between Patrimonial Education and History teaching in the city of Rio Grande/RS, more precisely on St. Peter's Cathedral. It was the first church erected in the State of Rio Grande do Sul, and its works began in 1755, being recognized as Historical and Cultural Patrimony through Decree Law nº. 25 of November 30, 1937 and considered one of the symbols of the city. To answer the general purpose of the investigation, it was used like method to collect data to Bibliográfica Research; the Documentary Research in the sources that reported and/or described the various representations of the Cathedral in front of the municipality, being also consulted the Pedagogical Projects, the Tourist Guides and also the Articles of Newspapers and the application of a questionnaire to the teachers of the school network of the municipality. As a main result, two Charts were presented (didactic resources) that should be used by both teachers and students, in reference to the pedagogical practices of teaching History in the schools of Rio Grande/RS, based on a proposal of Patrimonial Education in the Cathedral of St. Peter.

**Keywords:** History; History Teaching; Patrimonial Education; Rio Grande/RS.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem da Cartilha Papareia .....	45
Figura 2 – A praça e o Largo Dr. Pio na década de 1920.....	47
Figura 3 – Mapa da Vila do Rio Grande (RS) no ano de 1776, com a demarcação da Igreja Matriz de São Pedro .....	50
Figura 4 – Representação da Catedral de São Pedro no cabeçalho do jornal Cruzeiro do Sul	51
Figura 5 – Recorte da Ata que aprova a Inscrição da Matriz de São Pedro no Livro do Tombo .....	56
Figura 6 – Informações Técnicas sobre a Catedral de São Pedro em Rio Grande/RS .....	58
Figura 7 – Divulgação da mídia sobre o material encontrado nas escavações realizadas na Catedral de São Pedro.....	60
Figura 8 – Reportagem do Jornal Agora veiculando a importância da Catedral de São Pedro, no que tange a história e a memória da cidade do Rio Grande/RS .....	62
Figura 9 – Notícia sobre a reabertura da Catedral de São Pedro .....	63
Figura 10 – Folder de divulgação das festividades, em alusão a reabertura oficial da Catedral de São Pedro em Rio Grande/RS – 1997.....	64
Figura 11 – Notícia sobre a reabertura da Catedral de São Pedro, após suas obras de restauração .....	66
Figura 12 – Manchete informando sobre o templo e a sua reinauguração no município .....	67
Figura 13 – Imagem enaltecendo o Patrimônio Histórico e Cultural do Município .....	68
Figura 14 – Cartaz comemorativo do aniversário de 250 anos da Catedral de São Pedro .....	70
Figura 15 – Folder informativo, referente aos seus 250 anos de existência (vista externa).....	70
Figura 16 – Folder informativo, referente aos seus 250 anos de existência (vista interna).....	71
Figura 17 – Manifestação popular no espaço público em frente à Catedral de São Pedro, no dia 15/03/2017.....	72
Figura 18 – Imagem da Catedral de São Pedro em referência ao ato de pichação ocorrido em 02/07/2016.....	74
Figura 19 – Capa do Jornal Agora sobre a notícia da pichação na Catedral .....	74
Figura 20 – Símbolo da Catedral de São Pedro através do rótulo da bebida Jurupiga (garrafa de 50ml).....	80
Figura 21 – Rótulo da bebida Jurupiga (garrafa de 355ml).....	81
Figura 22 – Imagem da Catedral de São Pedro, disposta na parede do Ginásio Municipal de Esportes Professor Farydo Salomão como símbolo da Cidade .....	82
Figura 23 – Vista da imagem da Catedral na parede, ao lado do nome oficial do Ginásio.....	83
Figura 24 – Guia-Mapa da cidade do Rio Grande/RS – 1987.....	84
Figura 25 – Macroprodutos Turísticos da Cidade do Rio Grande/RS.....	85
Figura 26 – Logomarca utilizada no Plano Turístico da Cidade do Rio Grande, enfatizando a Catedral de São Pedro.....	87
Figura 27 – Imagem evidenciando a Catedral de São Pedro e a Cidade do Rio Grande/RS como Patrimônio do Estado .....	87
Figura 28 – Propostas de Roteiros Turísticos para a cidade do Rio Grande, de acordo com o segmento adotado .....	88
Figura 29 – Roteiro Turístico 1: Rio Grande: Cidade Histórica, Cidade do Mar.....	89
Figura 30 – Roteiro Turístico 9: Roteiro Artístico-Religioso da Cidade do Rio Grande.....	90
Figura 31 – Logomarca do PPGH - FURG e a imagem estilizada da Catedral de São Pedro .	91

Figura 32 – Página de acesso ao site do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI) da FURG.....	91
Figura 33 – Detalhe da imagem utilizada no site do ICHI como referência para divulgar a página de acesso ao PPGH da FURG.....	92
Figura 34 – Capa destacando a imagem da Catedral de São Pedro em Rio Grande/RS .....	93
Figura 35 – Representação da Imagem da Catedral de São Pedro, presente na 39ª edição da FEARG em Rio Grande/RS.....	95
Figura 36 – Graffiti no Muro externo aos Pavilhões em que foi realizada a 39ª FEARG em Rio Grande/RS .....	96
Figura 37 – Catedral de São Pedro representada na forma de Graffiti, em comemoração à 39ª edição da FEARG em Rio Grande/RS .....	97



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dificuldade ao encontrar materiais sobre os Patrimônios Históricos e Culturais do Rio Grande/RS.....	108
Gráfico 2 – Avaliação do conhecimento referente a História da Catedral de São Pedro em Rio Grande/RS .....	110

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronologia sobre a Representação da Imagem da Catedral de São Pedro .....	97
Quadro 2 – Ano de Atuação no Espaço Escolar.....	107
Quadro 3 – Abordagem nas aulas sobre a História dos Patrimônios em Rio Grande/RS .....	108

## LISTA DE ABREVIATURAS

COEPEA	Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
FEARG	Feira do Artesanato, Indústria, Comércio e Serviços do Rio Grande
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
ICHI	Instituto de Ciências Humanas e da Informação
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
OJS	Open Journal System
PEE	Plano Estadual de Educação
PME	Plano Municipal de Educação
PMRG	Prefeitura Municipal do Rio Grande
PPGH	Programa de Pós-Graduação em História
SEDUC/RS	Secretaria da Educação
SEER	Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas
SMED	Secretaria de Município da Educação
SMTTEL	Secretaria Municipal do Turismo, Esporte e Lazer
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TCM	Trabalho de Conclusão de Mestrado

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>21</b>
1.1 MEMÓRIA E LEMBRANÇA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	21
1.2 ENTENDENDO O SIGNIFICADO DO QUE É O PATRIMÔNIO .....	23
1.3 ORGANIZAÇÃO E PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL BRASILEIRO: O DECRETO-LEI NÚMERO 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937.....	25
1.4 APONTAMENTOS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: IMPORTÂNCIA E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	28
1.5 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA METODOLOGIA ALIADA À PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA.....	31
<b>CAPÍTULO II – PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA CIDADE DO RIO GRANDE: A CATEDRAL DE SÃO PEDRO.....</b>	<b>40</b>
2.1 DA CONSTRUÇÃO AO RECONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO .....	40
2.2 O PROCESSO DE RESTAURO E A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO NOS DIAS ATUAIS .....	59
<b>CAPÍTULO III – METODOLOGIA.....</b>	<b>76</b>
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	77
<b>CAPÍTULO IV – A CATEDRAL PELOS OLHOS DOS RIO-GRANDINOS: PRIMEIROS RESULTADOS.....</b>	<b>80</b>
4.1 A IMAGEM DA CATEDRAL DE SÃO PEDRO E SUAS DIVERSAS REPRESENTAÇÕES .....	80
4.2 PROJETO PEDAGÓGICO ESCOLAR E ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE NECESSÁRIA .....	99
4.3 DANDO OUVIDOS AOS SUJEITOS DE PESQUISA: O QUESTIONÁRIO COMO INSTRUMENTO POTENCIALIZADOR NA CONSTRUÇÃO DA CARTILHA.....	106
<b>CAPÍTULO V – A ELABORAÇÃO DA CARTILHA SOBRE A CATEDRAL DE SÃO PEDRO: UMA PROPOSTA DE TRABALHO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA CIDADE DO RIO GRANDE .....</b>	<b>112</b>
5.1 A RELAÇÃO ENTRE OS PROFESSORES E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA .....	112
5.2 A CARTILHA VISTA COMO RECURSO DIDÁTICO NO PROCESSO EDUCACIONAL DAS ESCOLAS .....	115
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>121</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>124</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário aplicado aos Professores para Levantar Dados sobre a Elaboração da Cartilha .....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICE B – Cartilha para o professor sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS.....</b>	<b>137</b>
<b>APÊNDICE C – Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS.....</b>	<b>179</b>
<b>APÊNDICE D – Autorização do Autor para utilização de suas Imagens na Capa e Contracapa da Cartilha .....</b>	<b>215</b>

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que as instituições de memória, a exemplo dos Museus, Bibliotecas, Arquivos e até mesmo os Templos, são responsáveis pela guarda, manutenção e acesso aos seus acervos, uma vez que apresentam um papel fundamental em uma sociedade. São os seus registros, na maioria das vezes, que revelam os fatos ocorridos e motivados por uma ação causada no tempo. Essa relação entre documento e informação acaba sendo orgânica e muitas vezes inevitável, pois educação, memória e história se tornam indissociáveis, no que diz respeito às vivências de cada indivíduo e até mesmo da coletividade diante de um fato.

Consoante à temática ligada à Educação, seja ela patrimonial, bem como ao ensino da História Local e também ao Patrimônio Cultural, pretende-se corroborar para que a história e a memória não sejam esquecidas pela falta de registros ou de informações, que por ventura não venham a ser explanadas dentro do ambiente escolar. Aquilo que se deixa hoje, enquanto aprendizado e educação, necessitará ser compartilhado com as demais pessoas que queiram saber, por exemplo, os fatos atinentes a um passado e presente.

Podemos pensar ainda que “[...] o ensino de História é um espaço rico de possibilidades de se trabalhar com a Educação Patrimonial. Desde a primeira fase escolar é possível falar de história, memória, cidadania” (APOLINÁRIO, 2012, p. 63), sendo esses considerados alguns dos temas mais relevantes, para fins de composição da educação da criança. Sabe-se ainda que a Educação Patrimonial poderá servir ao ensino de História, como uma metodologia desenvolvida para aliar-se ainda mais na construção desse próprio ensino. Como modelo a esta proposta educacional, não se deve deixar de falar na cidade, que é o espaço de convivência e de descobertas que faz parte do cotidiano desta mesma criança.

Nesta mesma perspectiva, Callai (1988, p. 11) aborda que:

Estudar o município é importante e necessário para o aluno, na medida em que ele está desenvolvendo o processo de conhecimento e de crítica da realidade em que está vivendo. Ali estão o espaço e o tempo delimitados, permitindo que se faça a análise de todos os aspectos da complexidade do lugar.

Esses espaços de formação, ou seja, os que integram a cidade, são compostos pelos mais diversos patrimônios, levando em conta que todos eles podem ser considerados como mediadores ao processo educacional, por meio de sua exploração e do próprio contato na aprendizagem através do passado. A essa educação através do olhar, com base nos traços e objetos que fazem parte da urbe, será possível refletir e ao mesmo tempo atribuir diferentes significados, tais como aqueles expressos pelas formas, pelos desenhos e até mesmo pela

materialidade desse objeto, com vistas a entender o seu contexto de inserção no espaço. Essa prática de ensino com base na aproximação aos patrimônios, acaba sendo tão importante quanto o próprio contato que os alunos fazem aos mesmos, utilizando para tal os meios tecnológicos em sala de aula, por exemplo (POSSAMAI, 2013).

Ainda sobre a relação existente entre a Educação Patrimonial e o ensino de História, cabe destacar que ela não pode ser meramente uma ação, de apenas “repassar” os conhecimentos do professor ao aluno de forma mecânica ou utilizando o próprio método cartesiano para se ensinar. Entretanto, a metodologia da Educação Patrimonial deverá levar os alunos ao processo de conhecimento sobre os bens culturais, identificando o significado que cada um possui através dos tempos e da própria historicidade que o envolve. Somente assim será possível que esse educando se sinta herdeiro dessa memória coletiva e também responsável pela construção da história que o circunda. (APOLINÁRIO, 2012)

A memória e a história acabam se interligando neste processo, uma vez que muitas pessoas somente irão saber de algum fato datado, precisamente, através das informações que estão registradas nos documentos e também nos livros. Como a Catedral de São Pedro é um Patrimônio Histórico da cidade do Rio Grande/RS, faz-se necessário que os educadores explanem em suas práticas pedagógicas diversas referências, diante dos assuntos relacionados a Educação Patrimonial e ao Patrimônio Histórico e Cultural.

A Catedral é considerada Patrimônio Histórico e Cultural da cidade do Rio Grande/RS e é preservada por Lei. Esta pesquisa justifica-se pelo fato da imagem da Catedral possuir uma significância de símbolo histórico no município, pois sua representação esteve presente em muitos patrimônios reconhecidos da cidade, a exemplo do ofício de produção da Jurupiga na Ilha dos Marinheiros. Também esteve inserida no logotipo da Prefeitura Municipal do Rio Grande (PMRG) e ficou denominada, no período, como “Cidade Histórica”, sendo que está disposta ainda ao lado da descrição do Ginásio Municipal de Esportes Professor Farydo Salomão, erguido na Praça Saraiva.

Sua imagem acompanha o slogan “Rio Grande, Cidade Histórica, Cidade do Mar”, considerada como “Patrimônio do Rio Grande do Sul”, uma vez que a mesma esteve empregada ao lado das vagonetas dos molhes da barra, com grande representação também diante do município. Seu nome ainda é o mesmo entoadado ao padroeiro da Cidade do Rio Grande/RS: São Pedro.

Embora existam trabalhos pioneiros, como os de Alves (1995; 2004; 2006), Torres (1999; 2007; 2008), Mentz Ribeiro, Penha e Pestana (2004) e Valente (2006a; 2006b), os quais fundamentaram essa pesquisa ao longo da escrita, ainda se pode afirmar que existe uma

carência de materiais, que possuam como enfoque a relação existente entre a Educação Patrimonial e o ensino da disciplina de História na cidade do Rio Grande/RS, mais precisamente sobre a Catedral de São Pedro. Isso mostra que esse tema ainda pode ser melhor trabalhado e explorado pelos pesquisadores, para que possa assim contribuir com o avanço dessa área. Por tudo isso que foi explanado, salienta-se a importância que o desenvolvimento desse estudo traz consigo, por ser inédito ao trabalhar com as relações ligadas ao Ensino, a Educação, ao Patrimônio e a História na cidade do Rio Grande.

Tratando dos objetivos desta Dissertação, salienta-se que seu objetivo geral é contribuir para o desenvolvimento do ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental em Rio Grande/RS, a partir de uma proposta de Educação Patrimonial.

Já seus objetivos específicos são:

- a) Discutir a relevância do ensino da história local nos anos iniciais do Ensino Fundamental;
- b) Averiguar como se insere a Educação Patrimonial no âmbito do ensino de História, nos anos iniciais do Ensino Fundamental na cidade do Rio Grande/RS;
- c) Apresentar a Catedral de São Pedro e observar como se deu a sua Patrimonialização;
- d) Propor um recurso didático de Educação Patrimonial a ser utilizado nas aulas de História dos anos iniciais do Ensino Fundamental, cuja referência seja a Catedral de São Pedro.

Faz-se congruente explicar aqui a vinculação advinda entre a pesquisa que foi realizada e a própria área de concentração, da qual o Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) faz parte. Tendo por base a contextualização do ambiente escolar, envolto pelas categorias pertencentes ao ensino de História, aos Patrimônios bem como pela Educação Patrimonial, essa Dissertação procurou desenvolver as potencialidades do conhecimento, mediadas por meio do processo de escolarização dos alunos. Isso foi possível através de uma importante reflexão, no que tange às diversas formas que o professor pode se apropriar de um conteúdo, por exemplo, e o modo pelo qual ele adquire essa responsabilidade social na arte de educar seus discentes.

Ressalta-se que as práticas pedagógicas dos professores, no contexto laboral da profissão, ainda carecem de materiais de apoio no tocante às disciplinas e conteúdos, principalmente naqueles relativos ao ensino de História das cidades. Por isso, a contribuição deste trabalho para o ensino é muito válida, no momento em que falamos sobre o desenvolvimento do sentido de cidadania diante dos alunos. Isso nos faz pensar que, segundo Santos (1994, p. 78):

O entendimento e a prática da cidadania, no nosso entender, começa pelo



conhecimento da realidade onde o indivíduo está inserido, a memória preservada, os dados do presente, o entendimento das transformações e a busca de um novo fazer, o que não significa uma aceitação submissa e passiva dos valores do passado, mas o reconhecimento que estão ali os elementos básicos com que contamos para a conservação da nossa identidade cultural.

No que concerne a estrutura de apresentação desta Dissertação, revela-se que a mesma está dividida em cinco capítulos.

O primeiro capítulo aborda a fundamentação teórica que deu suporte à pesquisa, discutindo assim a ideia do significado de patrimônio, dos conceitos de memória e lembrança, da legislação responsável pela salvaguarda do patrimônio, bem como do desenvolvimento do ensino de História aliado ainda à metodologia da Educação Patrimonial, por meio de ações que reflitam a valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade.

O segundo capítulo traz consigo o histórico da Catedral de São Pedro no município do Rio Grande/RS e expõe ainda um panorama deste bem patrimonial, através de sua importância simbólica na cidade. Também aborda as publicações que enaltecem ainda mais a historicidade desse mesmo Patrimônio Histórico e Cultural.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia desenvolvida ao longo da pesquisa, de modo a revelar os caminhos necessários para se chegar as respostas dos objetivos propostos. Já o quarto capítulo explanou os resultados alcançados, como o das representações evocadas por meio da imagem do templo bem como a constatação, através das fontes, da importância que a Catedral de São Pedro possui como símbolo e também como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade do Rio Grande. No mesmo capítulo, ainda é analisado o modo como o Patrimônio e a Educação Patrimonial estão inseridos no ensino de História, diante dos Anos Iniciais que fazem parte do Ensino Fundamental nas escolas da cidade do Rio Grande/RS.

Por fim, o último capítulo abarca a elaboração de uma proposta de material didático, voltado ao ensino de História, para ser utilizado nas escolas da cidade do Rio Grande/RS, empregando ainda como eixo central a Educação Patrimonial e a Catedral de São Pedro. Após isso, revelam-se as considerações finais obtidas com a escrita desta Dissertação.

Na sequência desta descrição da estrutura do texto, serão abordadas as fundamentações teóricas que fazem parte da pesquisa e que foram de suma importância para o entendimento dos conceitos e categorias aqui apresentados.

## CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, abordaremos a categoria referente à Memória, o entendimento do que é o Patrimônio, os referenciais sobre o Ensino de História e a Educação Patrimonial.

### 1.1 MEMÓRIA E LEMBRANÇA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O conceito de Memória possui diversas atribuições, devido ao próprio valor pelo qual se originou a palavra. Sabe-se que cada vez mais essa consideração é discutida e passível de transformações, com vistas a uma melhor adequação diante da sociedade.

Maurice Halbwachs (1990) enfatiza que a memória por mais pessoal e/ou individual que possa ser, ainda assim tem características que envolvem uma construção social, de identidade. Desta maneira, tanto a memória e a identidade pessoal acabam tendo a interferência da coletividade, o que acaba por fazer com que haja a inclusão de elementos muito mais amplos, comparado aqueles pertencentes aos individuais.

É importante ressaltar que a memória individual nunca se confunde com a memória das demais pessoas, pelo fato de possuir um caráter social e de ser considerada como um fenômeno social. Ela não se baseia na igualdade, pois suas diferenças é que acabam por manter a união da sociedade (HALBWACHS, 2004).

Já no que se refere às lembranças, Paul Ricoeur (2007, p. 107) aborda a ideia de que “[...] a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas. [...] a memória é passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado”, tornando importante o que cada um, dentro dos parâmetros da individualidade, pensa a respeito daquilo que deve/precisa ser evocado com o poder da memória. Ricoeur (2007) apesar de fazer críticas a teoria apontada por Halbwachs (1990), no que tange ao modo de como se dá essa memória coletiva, acaba recorrendo a esses mesmos pensamentos para realizar o desenvolvimento de sua própria teoria, sobre a memória e o esquecimento.

Jöel Candau (2011), ao falar de memória aponta que a mesma é dividida em três níveis. O primeiro seria a *protomemória*, que se assemelha a uma memória incorporada no cotidiano; O segundo seria a *memória propriamente dita ou de alto nível*, considerada como uma memória essencial para as lembranças, esquecimentos e recordações. O último seria a *metamemória*, cuja representação é feita por cada indivíduo através da sua própria memória.

Ressalta-se que para o autor, as categorias poderão somente ser aplicadas a memória individual, perdendo assim sua essência quando colocadas sob o ponto de vista da memória coletiva. Para Candau (2011) a memória coletiva nada mais é que uma formação advinda das memórias individuais, ampliando assim o entendimento que já se tinha sobre esse assunto.

Ainda sobre este aspecto da memória, tomada aqui como um processo individual e também como um processo coletivo, se assemelha pelo fato de estar interligada a esses mesmos processos, sendo que para Catroga (2001, p. 45)

[...] ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita ao testemunho do outro; e, muitas vezes, a anamnesis pessoal é recepção de recordações contadas por outros e só a sua inserção em narrações coletivas – comumente reavivadas por liturgias de recordação lhes dá sentido.

Lucia Reiszewitz (2004), nesta mesma vertente de pensamento, corrobora ao dizer que “[...] a memória é mesmo essencial para a afirmação da identidade, pois é preciso ter memória para reconhecer quem somos, para não repetir o passado, [...] sem memória a história se repete, não se renova” (REISEWITZ, 2004, p. 102-103). Neste sentido, a memória coletiva torna-se essencial na construção da identidade, pois será com base nela que poderá ser feita uma “seleção” daquilo que possui valor para uma sociedade, a exemplo dos bens que passaram pelo processo de tombamento e que são considerados como patrimônio.

Pode-se dizer que os patrimônios são os principais responsáveis pela construção da memória social de uma comunidade, pois suas inscrições acabam revelando, muitas das vezes, a própria historicidade que fez parte de um determinado momento. Caso haja uma perda significativa dessa história e desses sentidos, não haverá outra maneira de relatar os fatos vivenciados de forma coletiva, por exemplo, caindo então no esquecimento dos atos frente ao seu tempo (ALVES, 2004).

A memória é considerada como uma forma que o indivíduo possui para ter acesso ao passado, pois rememorar-lo se torna essencial para que haja sentido na construção de uma possível identidade social, com valor de pertencimento. Ao relacionarmos a memória com o patrimônio, podemos pensar mediante ao que alude Hilda Jaqueline Fraga (2010, p. 26) ao dizer que:

[...] é o próprio patrimônio e seus conjuntos de bens culturais que viabilizam, por parte dos alunos, a construção do conhecimento histórico e das noções caras a essa área do conhecimento, tais como tempo, espaço, cultura, relações sociais, memória e história.

Ainda nessa mesma perspectiva sobre memória e identidade, Poulot (2009, p. 12) discorre sobre a seguinte ideia:

O patrimônio não é o passado, já que sua finalidade consiste em certificar a identidade e em afirmar valores, além da celebração de sentimentos, se necessário, contra a verdade histórica. Nesse aspecto é que a história parece, com tamanha frequência, “morta”, no sentido corrente. Mas, ao contrário, o patrimônio é “vivo”, graças às profissões de fé e aos usos comemorativos que os acompanham.

Pode-se dizer também que a memória, seja ela individual ou coletiva, acaba se tornando a base para os trabalhos, que tenham por intuito evocar a educação por meio do patrimônio, pelo fato desta mesma memória compor os patrimônios em si. Importante destacar ainda que a lembrança e o esquecimento são inevitáveis neste processo, uma vez que, na maioria das vezes, haverá o interesse entre as memórias que devem ser lembradas e aquelas que precisam ser esquecidas, levando em conta a construção identitária dos indivíduos de uma sociedade.

## 1.2 ENTENDENDO O SIGNIFICADO DO QUE É O PATRIMÔNIO

A palavra patrimônio tem origem do latim (*patrimonium*), fazendo referência à noção que se pode ter de paternidade e pátria, sem descartar a hipótese de que também mantém associação com a ideia de herança, de legado e de posse. Já o Direito Romano o define como sendo um conjunto de bens familiares, que são considerados não segundo a ótica de seu valor pecuniário, mas na condição de bens que podem ser transmitidos, remetendo, de fato, aos bens de herança (POULOT, 2008).

Motta (2014) ao concordar com Poulot (2008) sobre a pertinência do termo ligado a ideia de herança, nos diz que:

Em épocas passadas, o termo patrimônio (*patrimonium*), de origem latina e corrente a partir do século XVI, remetia essencialmente à ideia de propriedade (bens materiais) transmitida hereditariamente a um determinado grupo em linha sucessória, princípio que pauta ainda hoje, no direito civil, as regras sobre heranças. Nos séculos subsequentes houve um progressivo deslizamento dessa noção que, do domínio estritamente privado, inerente ao grupo familiar (*pater familias*), começou também a contemplar a ideia de esfera pública (coletividade) cujo corolário<sup>1</sup>, a partir de então, firmou-se no pressuposto do legado histórico transmitido pelos antepassados. (MOTTA, 2014, p. 379)

<sup>1</sup> Conforme Abbagnano (2007, p. 210) o termo pode ser entendido como “o que se deduz de uma demonstração precedente, como uma espécie de acréscimo ou ganho extraordinário”. Informações embasadas na obra de ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Diante disso e sobre a associação feita através da “herança cultural”, advinda desses próprios bens, Lahire (2011, p. 19) afirma que “[...] a herança material, seja de natureza mais econômica (bens materiais ou volume financeiro), ou mais cultural (bens simbólicos, tais como livros, pinturas, esculturas, etc.) comporta sempre uma dimensão imaterial”, percebendo assim a igualdade de extensões, no que tange aos bens de natureza material e imaterial.

Para Machado (2004, p. 10) o termo patrimônio pode ser compreendido como o:

[...] conjunto de bens produzidos por outras gerações, ou seja, os bens resultantes da experiência coletiva que um grupo deseja manter como perene. Nesse sentido, patrimônio supera a definição estreita de um conjunto estático de objetos, construções, documentos, obras, etc., sendo uma marca, um vestígio cultural, que individualiza os homens em momentos temporal e culturalmente diferentes.

Ao se pensar na ideia de preservação, Castriota (2009) comenta que a valorização do patrimônio na sociedade era uma forma de assumir certo poder e prestígio, através das coleções advindas de antiquários da França. Isso fez com que se constituíssem em objetos relevantes ao saber, podendo ter a possibilidade de serem estudados e preservados, devido aos seus valores existentes.

Candau (2011, p. 158-159) afirma que o patrimônio pode ser interpretado como um “aparelho ideológico da memória”, sendo necessário para tanto a conservação dos vestígios e dos testemunhos, considerados como aparatos para haver certa ilusão de continuidade da história. Deste modo, ele é fatídico no que concerne a revelação da identidade de um povo, por exemplo. Essa identidade terá o respaldo através de abrigos, entendidos como os locais de memória, consoante ao que pensa Prats (2005) quando afirma que o Estado possui relação direta com os espaços patrimoniais, dotados de bens culturais, devido ao fato desses locais apresentarem narrativas. Essas são motivadas em torno dos próprios bens identificados. No entanto, comenta ainda que o “[...] patrimônio cultural é uma invenção e uma construção social”, dependendo, por ora, de instituições sociais que o legitimem (PRATS, 1998, p. 63).

Poulot (2009, p. 40) ressalta que “[...] qualquer tipo de patrimônio [...] tem a vocação de encarnar uma identidade em certo número de obras ou de lugares”. Isso mostra que a memória possui vários aspectos, como apropriação, edificação, simbologia, quando relacionada a um bem que possa ser tangível. Pensando na vinculação que a memória possui com o espaço da cidade, em busca ainda de uma possível identidade social, Arroyo (2005, p. 34) nos expõe a seguinte ideia:

[...] as linguagens da cidade têm um caráter pedagógico: porque a materialidade e a subjetividade da cidade expressam as relações e os valores sociais, políticos, racistas, de classe, de exclusão ou inclusão, que estão presentes na sociedade. Então, esses símbolos, esse patrimônio, representam a experiência cotidiana do cidadão e, ao mesmo tempo, educam o olhar e a percepção do outro, o que é fundamental para a construção da identidade.

Por meio da transmissão voluntária de valores, Motta (2014, p. 379-380) corrobora ao dizer que “[...] assim, gradativamente, foi sendo conferido ao conceito de patrimônio o atributo de algo comum à humanidade ou de pertencimento a uma comunidade nacional a partir de um conjunto de bens – relíquias, monumentos, sítios históricos, entre outros”.

O Patrimônio Cultural pode ser entendido como um conjunto de bens, de natureza material ou imaterial e com um valor (histórico, artístico) que remete a identidade social de um povo, independentemente da época vivenciada (passado, presente). Conseguem-se reconhecer os saberes, os fazeres, as expressões, as celebrações e tudo aquilo que pode ser oriundo enquanto “popular”, como sendo parte indivisível deste patrimônio. (PELEGRINI, 2009)

### 1.3 ORGANIZAÇÃO E PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL BRASILEIRO: O DECRETO-LEI NÚMERO 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937

O Decreto-Lei número 25, de 30 de novembro de 1937 (BRASIL, 1937) aborda os preceitos que fazem menção à organização e proteção do patrimônio histórico e artístico nacional brasileiro. Cabe salientar aqui que este dispositivo ficou conhecido como a Lei do Tombamento, pois tem o intuito de fazer com que os bens (pertencentes ao patrimônio artístico e histórico) sejam protegidos e preservados, consoante ao valor patrimonial que possuam.

De acordo com o referido Decreto-Lei, os bens mencionados anteriormente só seriam considerados parte integrante do patrimônio depois que fossem inscritos em um dos quatro Livros do Tombo existentes. Conforme Alves (2006, p. 126):

[...] ficava previsto que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional possuiria quatro Livros do Tombo, nos quais seriam inscritas as obras tombadas, seguindo as seguintes especificações: no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, as coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular; no Livro do Tombo Histórico, as coisas de interesse histórico e as obras de arte histórica; no Livro do Tombo das Belas-Artes, as coisas de arte erudita nacional ou estrangeira; e no Livro do Tombo das Artes Aplicadas, as obras que se incluíssem na categoria das artes aplicadas, nacionais ou

estrangeiras.

Além disso, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 abordava em seu Artigo 216 (BRASIL, 1988, Art. 216), a forma de como era constituído o Patrimônio Cultural Brasileiro, referente aos seus bens considerados como materiais e imateriais.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

A Legislação Federal, com base neste artigo, acabou impulsionando também a criação de outros livros, para que houvesse assim o registro dos bens patrimoniais que possuíssem natureza imaterial, sendo o Livro de Registro dos Saberes; o Livro das Formas de Expressão; o Livro das Celebrações e o Livro dos Lugares. Nesse sentido, Pelegrini e Funari (2008, p. 69) corroboram ao dizer que:

Esses quatro últimos livros foram criados recentemente visando a atender, como já explicitamos antes, às disposições do artigo 216 da Constituição de 1988, cujo intuito distingui como patrimônio cultural as formas de expressão e os modos de criar, fazer e viver, além das criações científicas, artísticas e tecnológicas e das obras, objetos, documentos e edificações destinados a manifestações artístico-culturais ou resultados delas.

Para Rezende; Grieco; Teixeira e Thompson (2015, p. 2) o Decreto-Lei ainda “[...] regulamentou o ato de tombamento de bens móveis e imóveis, designando o SPHAN como o órgão competente para gerir essa política”. Com base nas informações do IPHAN<sup>2</sup>, o processo de tombamento é um ato administrativo, sendo que o mesmo é realizado pelo Poder Público, diante dos níveis atinentes às três esferas (federal, estadual e municipal), com o objetivo de preservar os bens que sejam dotados de certos valores, tais como: valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também valor afetivo para a população em geral, impedindo assim a destruição (perda) ou descaracterização (reconfiguração do sentido) que estes bens possuem.

Já Fernandes (2010, p. 11) define o Decreto-Lei, em suma, “[...] como instrumento

<sup>2</sup> INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2017. Bens tombados. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

tutelar de preservação aos bens culturais. Estava, portanto, institucionalizada a política federal de proteção ao Patrimônio Histórico nacional”.

De acordo com Fonseca (2005) o órgão que era responsável pelas ações de identificação, conservação, preservação, catalogação, restauração, fiscalização bem como a difusão dos bens culturais em torno do território brasileiro chamava-se Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Esse mesmo serviço “[...] foi a primeira denominação do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)” (REZENDE; GRIECO; TEIXEIRA e THOMPSON, 2015, p. 1).

Neste contexto, os objetivos de criação do já citado SPHAN foram estabelecidos através da Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, com base em seu artigo 46, estabelecendo que:

[...] fica creado o Serviço do Patrimonio Historico e Artístico Nacional, com a finalidade de promover, em todo o Paiz e de modo permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimonio historico e artístico nacional. (BRASIL, 1937, art. 46)

Esse foi o principal marco no que tange a preservação patrimonial no Brasil, em nível Federal, das ações de proteção por meio de um Órgão Público específico para tal fim. Sabe-se que mesmo antes de 1937 já existiam iniciativas, em nível Estadual, com o intuito de criar Órgãos Fiscalizadores de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural. Ainda no ano de 1937, estudiosos apontaram a realização de um levantamento dos bens nacionais que possuíam interesse Cultural e Histórico, devendo necessariamente ser salvaguardados.

Sobre o viés cultural que está ligado a noção de patrimônio, Motta (2014, p. 380) explica que:

A grande mudança de eixo, contudo, ocorre quando essa noção deixa de considerar não apenas a dimensão diacrônica e o valor intrínseco do patrimônio histórico edificado, isto é, a visão monumentalista, para contemplar igualmente outras dimensões da vida social e da cultura transmitidas e transmissíveis; sobretudo, naquilo em que se revelam individualmente ou coletivamente valores e sentidos que transcendem a própria materialidade do bem.

Segundo Almeida (2010, p. 113) para preservar o bem, “[...] é preciso estabelecer uma relação de sustentabilidade com o patrimônio. Para tanto, devemos compreender que, ao ser reconhecido como patrimônio, um bem apresenta um valor compartilhado”. Isso faz com que a sociedade passe a entender, cada vez mais, o verdadeiro sentido que se deve ter ao cuidar desses patrimônios, pois eles pertencem a todos.



#### 1.4 APONTAMENTOS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: IMPORTÂNCIA E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Quando remetemos nosso saber ao que aprendemos e ao que carregamos enquanto bagagem educacional, logo pensamos que o conhecimento adquirido pode ser considerado como uma força, que seja capaz de nos tornar mais racionais diante da nossa própria história e trajetória de vida. Ao pensar no Ensino da História Local, ao qual nossa realidade está englobada pelos fatos ocorridos, não se deve descartar a possibilidade dessa mesma realidade estar envolta pelo patrimônio histórico e cultural.

O patrimônio histórico e cultural das cidades, de modo geral, tem por função representar uma gama de informações que acabam sendo passíveis de interpretação histórica, fazendo com que sua utilização sirva de base e recurso para o ensino de história, principalmente no que se refere a história local. Nessa vertente, Bittencourt (2009, p. 168) alude que “[...] a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência”.

O Patrimônio Cultural representa uma alternativa com elevado grau de significância, pois dinamiza o ensino de história e torna possível que a própria história da cidade seja utilizada como recurso didático e metodológico. Para Possamai (2011, p. 2977), a cidade é um espaço que necessita ser descoberto em todos os seus aspectos, pois “[...] com suas ruas, praças, avenidas, monumentos, a cidade é um caleidoscópio de imagens, cores e sons; vivenciada pelos educadores e pelos educandos [...]”, envolvendo ainda os demais indivíduos que dela fazem parte, mesmo que esses estejam na simples forma de ocupantes de um determinado local.

A utilização deste mesmo patrimônio como base para o ensino de História das cidades, passa a existir como uma alternativa ao espaço que abarca e envolve a sala de aula, ou seja, o ambiente escolar no todo, permitindo assim que possa haver um meio de “fazer o aluno sentir a História como algo próximo dele”, com a intenção de fazê-lo “interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer” (PINSKY e PINSKY, 2010, p. 28). Há de se levar em consideração que:

[...] um ensino de História no qual os professores utilizem metodologias de educação patrimonial pode promover as interfaces entre história, memória e patrimônio cultural, possibilitando, assim, o reconhecimento e a preservação de manifestações culturais significativas para a cultura local. (PINHEIRO, 2010, p.51)

Ao enfatizar esse ensino de História, utilizando os próprios patrimônios da cidade como fonte, Fraga (2010, p. 222) afirma que:

A cidade na condição de espaço de intervenção educativa no campo da História passa a ser concebida como um território de pertencimento, fruição e comunicação cultural das memórias de seus agentes sociais, oferecendo outros suportes de memória que podem ser considerados como fontes de análise, de estudo e de pesquisa na ação educativa em sala de aula. Entre esses suportes estão os bens patrimoniais, os quais auxiliam os alunos na compreensão da complexidade do fazer histórico, das relações a ele imbricadas e das suas atuais consequências nos desdobramentos da trajetória histórica do lugar em que vivem no presente, principalmente no que diz respeito à sua atuação como cidadãos.

Na escola, o professor precisará estipular alguns critérios que possam levar seus alunos a chegarem no objetivo proposto, seja diante de uma pesquisa ou até mesmo de um trabalho, por exemplo. Diante desse mesmo espaço, Scifoni (2012, p. 30) comenta que a educação através dos patrimônios apresenta diversas possibilidades, sendo que suas ações passam a considerar a “[...] própria cidade como documento da história e de cultura, passível de leitura e interpretação por meio de múltiplas estratégias educativas”.

Como exemplo a isso, podemos pensar na estratégia educativa referente a análise de imagens históricas, que tenham por função dar maior ênfase ao conteúdo explanado pelo professor. Para entender essa relação de significados, Possamai (2008, p. 254) comenta que:

As imagens visuais são portadoras daqueles elementos que se aproximam mais do sonho, da imaginação e das sensibilidades. Moldadas pelas configurações históricas e sociais de sua produção, suas intenções ultrapassam o desejado no momento de sua elaboração pelas múltiplas possibilidades que são oferecidas pelo ato de olhar. Como representações do real, as imagens visuais constroem hierarquias, visões de mundo, crenças e utopias e, neste sentido, podem constituir-se em fontes preciosas para a compreensão do passado.

Sobre o Ensino da História e também do Patrimônio Cultural, Luporini (2002) aborda que a construção dos objetos de estudo com enfoque na história local de uma cidade pode servir sim, como uma experiência positiva para o aprendizado enquanto bagagem e conhecimento ao currículo escolar. Isso fará com que o discente possa construir mecanismos, para que os fatos sejam assim interpretados, reconhecendo e permeando costumes, valores e tradições da comunidade a qual faz parte. Zarbato (2015, p. 85), diante desse mesmo viés nos diz que:

Relacionar o que as pessoas registram em suas memórias sobre a inserção do patrimônio cultural na história local, nos dá a dimensão do entendimento do reconhecimento cultural e social de diferentes grupos e, sendo transposto no ensino de história, possibilita que a pesquisa histórico-didática a importância que a história

local seja compreendida como elementos formadores da cultura histórica e da cidadania.

Ainda é possível que o Patrimônio Cultural seja trabalhado nas escolas, com a intenção de fortalecer ainda mais a relação que existe entre as pessoas e suas heranças culturais. Assim, haverá uma maior responsabilidade da sociedade, no que tange a valorização e preservação dos bens patrimoniais, com vistas a fortalecer cada vez mais esse processo (APOLINÁRIO, 2012). Através desse enfoque, essa instituição educacional precisará compreender, conforme o que aponta Oliveira (2011, p. 66) “sobre a importância e os efeitos positivos da educação patrimonial para a preservação do patrimônio cultural”.

Sabe-se que muitos trabalhos estão sendo desenvolvidos e outros já foram realizados, no que concernem as práticas referentes ao ensino de História, mesmo sabendo que muitos educadores ainda possuem a fatídica concepção de que ensinar é apenas repassar informações que foram escritas, interpretadas e vivenciadas por alguém, fazendo com que a história tenha um aspecto mecanizado. Sobre esse ponto, Caimi (2006, p. 20) menciona que os conteúdos elaborados são “apresentados aos alunos como pacotes-verdades, desconsiderando e desvalorizando suas experiências cotidianas e práticas sociais”.

Isso tudo faz com que os alunos acabem se tornando apenas meros ouvintes e não participantes afincos do processo de construção e aprendizado da História, para que de fato, possam interferir com indagações e questionamentos diante do seu processo educativo. Consoante ao explanado, Barbosa (2006, p. 58) afirma que:

[...] para a maior parte dos estudantes brasileiros, o estudo de História carece de sentido ou utilidade; não se tem a visão de ciência e sim de uma matéria decorativa, estudo do passado, que só exige como vimos, a prontidão em declinar nomes, datas e fatos.

Aprender os conhecimentos envoltos pela disciplina de História não é somente estudar para passar por uma etapa ou permitir que o conhecimento propiciado por esta seja somente decorado. Callai (1988, p. 12) colabora um pouco mais ao afirmar que “convém lembrar que o ensino de história *não* trata de repassar aos alunos uma série de fatos dispostos em rígida ordem cronológica [...]”. Aprender implica muito mais que isso, pois o estudante deve intervir no processo de construção de sua própria bagagem educacional, de modo a fazer com que o aprendizado tenha a possibilidade de ser desenvolvido da melhor forma.

Diante dessa perspectiva, Gazzóla (2009, p. 1447-1448) explana que:

O processo educativo é dependente de inúmeros fatores, mas a ação do educador é sem dúvida, um dos mais importantes. Ao planejar as aulas pode-se estar incluindo assuntos culturais e históricos que envolvam o ambiente em que a escola está inserida: tradições, crenças, rituais, artesanato, comportamento, etc. Estes aspectos embora não estejam contemplados no livro didático, são importantes para a construção da identidade cultural e da cidadania.

Frente a isso, Cainelli (2010, p. 19) corrobora ainda mais ao dizer que “[...] o ensino de história precisa se relacionar com os sujeitos que aprendem começando pela tarefa de ensinar aos alunos a sua história e seu papel enquanto sujeitos históricos”, para que assim esse ensino possa fazer sentido na vida deste aluno.

### 1.5 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA METODOLOGIA ALIADA À PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA

Pode-se dizer que a Educação Patrimonial é constituída através de um processo permeado pelo trabalho educacional, que tem por foco a centralização do Patrimônio Cultural. Esse serve como fonte primária para que ocorra o desenvolvimento de novos conhecimentos e o enriquecimento, tanto individual quanto coletivo, pois é através das experiências ofertadas pelas manifestações ligadas a cultura que acontece a valoração deste próprio patrimônio. Em relação a isso, Funari e Pelegrini (2006, p. 9) ao abordar o desenvolvimento individual e coletivo afirmam que “o patrimônio individual depende de nós, que decidimos o que nos interessa. Já o coletivo é sempre algo mais distante, pois é definido e determinado por outras pessoas, mesmo quando essa coletividade nos é próxima”.

No que se refere ao significado da expressão “Educação Patrimonial”, as autoras Horta, Grunberg e Monteiro (1999) a explanam com a seguinte conceituação:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural. (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999, p. 6)

A Educação Patrimonial pode ser desenvolvida e aplicada dentro dos museus, arquivos, bibliotecas, nos ambientes escolares, uma vez que a atividade em si tem por fundamento a busca por um maior vínculo, envolvendo as comunidades, as organizações, as autoridades governamentais e até mesmo as famílias com a rede escolar. Dias e Soares (2008, p. 51) ainda

falam que “tal metodologia fornece subsídios aos educadores comprometidos com um ensino que vise não apenas a valorização dos bens culturais, mas a reflexão acerca dos mesmos [...]”.

É necessário pensar que o campo da Educação Patrimonial engloba diversas Políticas Públicas, no que tange as ações ligadas ao Patrimônio Cultural, fazendo com que os espaços territoriais (pertencentes as cidades) sejam vistos como caminhos ativos em relação a prática educacional. Através dessa educação por meio dos patrimônios, será possível articular um conhecimento bastante diversificado, podendo ser aplicado também em diversas disciplinas, que se referem ao currículo de ensino formal e a educação não formal (FLORÊNCIO, 2012).

Isso acaba por envolver os saberes (individuais e coletivos) ligados ao Patrimônio Cultural e que conforme Horta, Grunberg e Monteiro (1999) abrangem um trabalho permanente ligado a apropriação e valorização dos objetos e das expressões culturais, a fim de fazer sua devida exploração se transformar em conhecimento, com o respaldo dos livros e conteúdos de apoio. Ainda sobre essa valorização frente ao ensino de História, Soares (2009) alude que:

[...] o objeto cultural se torna um ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem que capacita para conhecer, usar, desfrutar, recriar e transformar o patrimônio cultural. Uma vez que o patrimônio histórico é um bem cultural, procura-se incentivar o uso dos objetos, locais, monumentos e prédios históricos para realizar o ensino de história ao mesmo tempo em que valorizar o patrimônio local para formação da identidade e da cidadania. (SOARES, 2009, p. 19)

Pode-se dizer que uma das funções primordiais da Educação Patrimonial dentro do ambiente escolar é a de possibilitar o pleno conhecimento referente as informações pertencentes aos bens culturais bem como o acesso a eles através de diversas formas, de modo a fazer com que os educandos reconheçam sua importância e valorizem sua preservação. Através dessa prática, que tem por base a identificação e interação com o bem cultural, é que poderá ocorrer a ampliação do aprendizado e a compreensão da história local, ligadas essas aos temas cotidianos da própria história de vida. Oliveira (2011, p. 14) ainda explana que “no caso do público escolar, o foco está na construção das identidades individual e coletiva”.

Deve-se levar em consideração nesse processo de aprendizagem, os próprios saberes já trazidos pelo educando e adquiridos ao longo das suas vivências, como aponta Freire (1996) ao revelar que:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas

pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúdes das gentes. (FREIRE, 1996, p. 15)

Isso irá oportunizar ao aluno uma experiência nova, propiciando que ele seja atuante na construção do conhecimento e não apenas só mais um mero receptor daquilo que os outros lhe repassam, já que esse conhecimento está sempre em fase de construção. Nuñez (2011, p. 20) ao focar na relação entre a Preservação e o Conhecimento, no âmbito da Educação Patrimonial, nos remete a entender que:

Nesse sentido, antes de pensarmos a Educação Patrimonial como sinônimo de preservação, devemos pensá-la enquanto um “mecanismo de conhecimento”, uma “ferramenta” para a leitura dos símbolos culturais representadas através dos patrimônios, ou seja, antes de se “levantar a bandeira da preservação”, é preciso estimular a reflexão sobre o porquê aquilo está sendo preservado, pois, são os valores que atribuímos aos bens culturais que justificam ou não a necessidade de preservá-los.

Em suma, a Educação Patrimonial promove perspectivas para que haja um melhor aprendizado sobre a história, pelo simples fato de despertar nos discentes a busca por uma identidade, que seja capaz de reforçar e elencar os laços do passado que são refletidos no presente.

Nas palavras de Freire (1996, p. 18-19) esse aluno começará a “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...]”. Assim, a educação através do patrimônio passa a ser considerada como uma metodologia de ensino também para a história local, pois faz um compilado de elementos que podem promover ponderações nos alunos sobre os mais variados assuntos, tais como os bens materiais e imateriais, a cultura local e até mesmo sobre os valores adquiridos com as experiências vivenciadas. Permite ainda uma incorporação e interação com o bem patrimonial (histórico e cultural) valorizado e preservado, de modo a estimular o interesse pela história através da (re)construção das narrativas e da memória, proporcionando assim uma relação de “pertencimento” com a cultura local.

O sentido atribuído ao vocábulo “pertencimento” pode ser considerado como uma apropriação dos bens culturais por uma sociedade e/ou comunidade, pois acabam “[...] retomando emoções, costumes, modos de viver e formas de entender o mundo que se entrelaçam às reminiscências do tempo pretérito e corroboram para a construção das identidades individuais e coletivas no presente” (PELEGRINI, 2009, p. 35). A essa apropriação, no que tange ao Ensino da História, existe o envolvimento de uma incorporação dos recursos advindos

do aprendizado histórico ao longo da vida de cada indivíduo, fazendo com que eles estejam envolvidos por uma nova forma metodológica de aplicação e construção da Educação Patrimonial.

Em paralelo, Figueira e Gioia (2012) reafirmam esses significados, ao dizerem que:

O sentimento de pertencer a um lugar está condicionado ao reconhecimento da existência dos bens culturais e envolve a conformação das identidades e dos valores que orientam as práticas sociais de um povo. Como prática social, os bens culturais adquirem valores que lhes são atribuídos gradativamente, em determinadas circunstâncias, e ao longo do tempo moldam sentidos e significados diversos. (FIGUEIRA e GIOIA, 2012, p. 12)

No que se refere a questão da identidade cultural e do sentido de pertencimento que está associado ao patrimônio, Pérez López (2013) aborda que:

estos espacios que surgen de la unión entre distintas individualidades dan lugar a nuevas identidades colectivas, en las que cada individuo, con su bagaje cultural, tiene algo que aportar para construir un nuevo patrimonio, el patrimonio de todos. (PÉREZ LÓPEZ, 2013, p. 59)

Ao concordar com o questionamento dito por Pérez López (2013) e pensando na Educação através do Espaço Escolar, entende-se que a metodologia da Educação Patrimonial contribui e muito para que seja possível haver a compreensão do passado, por exemplo. Na escola, o professor terá a possibilidade de despertar um sentimento de pertencimento nos alunos, no momento em que falar sobre a cidade, sobre o espaço territorial e até mesmo sobre os diversos patrimônios que a compõem. Isso fará com que o aluno crie um laço afetivo com a história local, ao mesmo tempo em que irá aprender também diversos conteúdos importantes, que estarão ligados a esse mesmo saber (ZARBATO, 2015).

Para os trabalhos que tenham por fundamento a relevância do tema atinente a “educação patrimonial”, faz-se necessário a abordagem de uma referência muito importante na área de patrimônio. O Guia Básico de Educação Patrimonial, proposto pelo IPHAN no ano de 1999 e escrito pelas autoras Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro. Esse guia teve por intuito a manutenção e preservação da história e da memória, através das práticas educacionais realizadas na escola, na sociedade, no município e até mesmo no Estado bem como sobre as questões ligadas à salvaguarda do patrimônio cultural.

No Guia é destacado o modo como ocorre a exploração das fontes que são ligadas a educação patrimonial bem como a identificação da importância que cada uma possui diante das questões ligadas à conservação e preservação dos bens patrimoniais. É importante comentar

que a maioria dos locais são dotados de valor, no que tange a sua história e memória, pois é através desse entendimento que cada um abarca para si o sentimento de pertencimento, seja de um local em específico ou até mesmo de um centro histórico, por exemplo. Nesse sentido, Oliveira (2011, p. 12) afirma que “os bens tombados são de propriedade e/ou estão sob a responsabilidade de um público que é muitas vezes incluído no rol de indivíduos que deveria ser atingido pela educação patrimonial [...]”.

O referido guia passou a ser considerado como a principal referência na área, uma vez que deverá ser utilizado em proposições educativas voltadas ao âmbito do patrimônio. Ele apresenta uma série de discussões e indagações para serem desenvolvidas, por exemplo, frente às atividades nas escolas, nas comunidades bem como em outros espaços educativos. Essa metodologia da Educação Patrimonial, exposta pelas autoras, tem o intuito de fazer com que o ensino dos alunos se torne mais investigativo e participativo, através das diversas formas de manifestações culturais ligadas ao patrimônio.

O material criado pelas autoras é uma das principais fontes elaboradas para este fim, servindo como uma importante referência desde a sua criação até os dias atuais. Outros trabalhos e publicações apenas ressaltaram a importância da utilização do guia para os trabalhos educacionais, mas não mencionaram nenhum outro material de base, o que faz com que haja, desse modo, novas discussões em torno da criação de outra referência ou da atualização desta mesma obra em específico, por exemplo.

A Educação Patrimonial não existe apenas dentro da sala de aula e tampouco somente no espaço escolar. Ela envolve uma gama de conhecimentos e experiências ofertadas pelos mais diversos bens culturais de uma cidade e até mesmo de uma região. Diante disso, o objeto cultural a ser estudado se tornará um caminho de ensino-aprendizagem que não ficará restrito somente a uma disciplina ou a um assunto específico.

Nora (1993) corrobora com a afirmação, ao revelar que:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993, p. 7)

Dentre esses lugares com o propósito de “rememorar” a memória, Tornatore (2010) nos coloca a pensar sobre a ação da memória ligada ao próprio patrimônio, e ainda complementa ao dizer que:



A proliferação patrimonial e memorial caracterizaria o “momento-memória”, inaugurado de acordo Pierre Nora nos anos 1970-1980. Todo o saldo conclusivo dos Lugares de Memória por seu promotor se destina ressaltar, senão fundar, a associação de termos, como traços específicos de nosso tempo: o impulso memorial se exprime na explosão patrimonial ao preço da alteração da noção. (TORNATORE, 2010, p. 16)

De acordo com Grunberg (2007), a metodologia da Educação Patrimonial pode ser utilizada diante de qualquer bem patrimonial, seja ele material ou imaterial. Para tanto, essa mesma metodologia divide-se em quatro etapas, sendo elas a Observação, o Registro, a Exploração e a Apropriação.

A primeira etapa desta metodologia consiste na observação do bem cultural, uma vez que “nesta etapa, usamos exercícios de percepção sensorial (visão, tato, olfato, paladar e audição) por meio de perguntas, experimentações, provas, medições, jogos de adivinhação e descoberta [...]” (GRUNBERG, 2007, p. 6), sendo estas possibilidades necessárias para que o bem seja explorado ao máximo.

Já a segunda etapa diz respeito a atividade de registro dos bens patrimoniais, por meio das formas de expressão, “com desenhos, descrições verbais ou escritas, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, busca-se fixar o conhecimento percebido, aprofundado a observação e o pensamento lógico e intuitivo” (GRUNBERG, 2007, p. 6). Pode-se dizer que tanto a primeira como a segunda etapa ocorrem de forma simultânea, pelo fato da observação já estar apoiada no possível registro, de forma unívoca.

A terceira etapa do processo se refere a exploração e que conforme aponta Grunberg (2007, p. 6), irá se referir a:

análise do bem cultural com discussões, questionamentos, avaliações, pesquisas em outros lugares (como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais, revistas, entrevistas com familiares e pessoas da comunidade), desenvolvendo as capacidades de análise e espírito crítico, interpretando as evidências e os significados.

Isso corrobora para que haja uma melhor apreciação daqueles bens que são reconhecidos como patrimônio, permitindo assim uma melhor interpretação acerca do objeto cultural.

Por último podemos destacar uma das mais importantes etapas da metodologia apresentada, que é a apropriação que se faz do bem cultural, evocando toda a questão do pertencimento adquirido. Nela é esperado um envolvimento ainda maior e mais significativo com o patrimônio que está sendo trabalhado. Nas palavras de Grunberg (2007) ocorre a:

recriação do bem cultural, através da releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão (pintura, escultura, teatro, dança, música, fotografia, poesia, textos, filmes, vídeos, etc), provocando, nos participantes, uma atuação criativa e valorizando assim o bem trabalhado (GRUNBERG, 2007, p. 6).

A exemplo de um desses meios de expressão, Possamai (2008, p. 255) nos diz que as fotografias em si “podem ser analisadas como imagens que apresentam um imenso potencial de investigação pela História, principalmente, por permitirem o contato com uma realidade passada – a qual não deixa de fazer referência através da sua representação”, permitindo assim que elas sejam um importante material aliado ao ensino. Para contribuir ainda mais sobre a fotografia, Mauad (1996, p. 89) revela que “para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo – deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias do conjunto de imagens [...]”.

Para Michelin (2013) a interpretação da uma fotografia está associada ao registro que dela é feito, no momento em que se considera a leitura dessa imagem como um documento narrado. A autora ainda comenta que:

a fotografia é um documento importante para a pesquisa histórica porque constitui o registro de um dado momento em dado local com forte caráter iconográfico. Não obstante a esta consideração, ressalta-se que uma característica da fotografia, comum às demais imagens, é a elevada capacidade narrativa, o que a torna passível de leitura e interpretação. (MICHELON, 2013, p. 22)

Os resultados obtidos com a aplicação dos passos propostos pela referida metodologia levarão os indivíduos a mais pura reflexão bem como ao alcance de novas descobertas, que sejam capazes de valorizar e respeitar ainda mais a importância atribuída ao nosso Patrimônio Cultural (GRUNBERG, 2007). Ressalta-se ainda que o intuito desta metodologia tem por fundamento maior sensibilizar “a partir de sua realidade local, discutindo-se temas como cultura, identidade, memória, patrimônio cultural, preservação e, sobretudo, a importância de tudo isso para a história, a realidade e a identidade dos alunos” (EQUIPE DA CASA DO PATRIMÔNIO DE JOÃO PESSOA, 2012, p. 6).

Para a autora espanhola Olaia Fontal Merillas (2013) a relação estabelecida pela Educação Patrimonial leva em conta tanto os bens patrimoniais, que são valorados de alguma forma, quanto as próprias pessoas, que possuem sentimentos transitórios através das emoções, por exemplo. Ela ainda complementa ao dizer que:

si pensamos la educación patrimonial como la activación de esas formas de relación entre bienes y personas – en realidad, la educación trabaja siempre formas de relación entre personas y contenidos de aprendizaje –, enseguida seremos capaces de

reconocer no solo su importancia, sino, más aún, su carácter imprescindible. (FONTAL MERILLAS, 2013, p. 14)

Pode-se dizer que os bens são dotados de certos valores, atribuídos é claro pelo ser humano, como por exemplo, aqueles ligados aos aspectos financeiros, aos aspectos emotivos e também aos aspectos sociais e culturais. Para Fontal Merillas (2013) haverá somente o cuidado do bem patrimonial quando ele representar algum valor para a sociedade. Ela deixa isso evidenciado na passagem a seguir:

si una generación no reconoce el valor de determinada tendencia arquitectónica, pongamos por caso, no se considerará valiosa; en consecuencia, apenas se dedicarán esfuerzos a su cuidado, conservación, disfrute, investigación o transmisión. Si la siguiente generación decide <<ponerla en valor>>, eso se traducirá en esfuerzos para su cuidado, custodia, restauración si es necesario, difusión y educación. (FONTAL MERILLAS, 2013, p. 16)

Ao falar sobre a educação na etapa infantil, Fontal Merillas (2013, p. 26) nos diz que “en la educación primaria es en la <<competencia cultural y artística>> donde aparece más desarrollado el concepto de patrimonio”, pelo fato de que na idade compreendida entre os três e seis anos de idade, a criança está na fase de adquirir uma noção do que venha a ser o “patrimônio”, através das relações estabelecidas frente aos costumes sociais, ao respeito pela diversidade e também pelo próprio reconhecimento daquilo que possui valor (FONTAL MERILLAS, 2013).

No que tange ao processo de educação dos alunos, Pinheiro (2010, p. 45) nos diz que “é importante destacar o Patrimônio e as Referências Culturais, propondo aos professores uma reflexão sobre a importância dessas temáticas por meio de metodologias de Educação Patrimonial, inserindo-as nos currículos escolares”.

Para corroborar ao exposto, as autoras Pérez López e Marín Cepeda (2013) abordam que as atividades escolares exigem uma interação entre o professor e o aluno, de modo que ambos estejam conectados pelo assunto/conteúdo a ser explanado, como por exemplo, uma aula que trabalhe com a educação patrimonial. Aliado a isso, elas dizem que:

[...] las sensibilidades de docente y discente se suman, y dan lugar a un momento mágico en el que todo puede ocurrir. Los alumnos se abren a todo cuanto se pretenda trabajar, se dejan llevar y se produce un ambiente de trabajo y confianza a través del cual los resultados serán mucho más ricos. (PÉREZ LÓPEZ; MARÍN CEPEDA, 2013, p. 49)

Ainda sobre a relação existente entre os bens patrimoniais e as pessoas, Pérez López

(2013, p. 59) nos remete a ideia de que “el concepto de patrimonio se refiere a la *relación existente entre bienes y personas*. Esta relación no es unidireccional ni única, sino que puede expandirse y enriquecerse en varios sentidos”, estabelecendo vínculos a partir dos diferentes bens e sentidos que os mesmos evocam. A educação patrimonial trabalha também com a sensibilização humana diante dos objetos e patrimônios estudados, criando assim um rico espaço de aprendizagem, através da educação pelo olhar.

Pérez López (2013) elucida ainda mais, ao explicar que:

[...] el trabajo a través de la educación patrimonial parte de vínculos sentimentales, es decir, de lo subjetivo y particular hacia lo compartido, de forma que la subjetividad individual puede sumarse a otras diferentes, aumentando el poder de asimilación y sensibilización hacia los objetos, a través de la creación de espacios de diálogo y aprendizaje de carácter sumamente enriquecedor. (PÉREZ LÓPEZ, 2013, p. 59)

Contudo, essa educação para o patrimônio deverá levar em conta as múltiplas formas de cultura, respeitando as diferenças e compreendendo os diversos pontos de vista. Pérez López (2013, p. 61) alude que “la educación patrimonial se presenta como una vía que ofrece un amplio abanico de posibilidades para favorecer la convivencia a través del trabajo en el respeto por las creencias y forma de vida de los demás”. Assim, esse patrimônio intercultural será capaz de romper com as barreiras, difundindo-se cada vez mais e reconhecendo seus bens como parte integrante da sociedade que o cerca.

No próximo capítulo serão abordados os aspectos referentes ao histórico da Catedral de São Pedro e sua importância como Patrimônio Cultural no município do Rio Grande/RS.

## CAPÍTULO II – PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA CIDADE DO RIO GRANDE: A CATEDRAL DE SÃO PEDRO

Neste capítulo será exposto um panorama geral da Catedral de São Pedro, ressaltando sua importância simbólica e representativa como Patrimônio Histórico na cidade do Rio Grande/RS.

### 2.1 DA CONSTRUÇÃO AO RECONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO

No dia 25 de agosto de 1755 nascia a igreja mais antiga do Rio Grande do Sul, pertencente a cidade do Rio Grande. Tanto a população quanto as autoridades não mediram esforços, para que sua construção pudesse ser concretizada. A então Catedral de São Pedro<sup>3</sup> passou a representar um lugar de memória, ou seja, um repositório natural de lembranças individuais e coletivas atinentes ao patrimônio histórico (ALVES, 2004).

Segundo Torres (2007), ela teve sua construção autorizada pelo então governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, que recebeu por carta o título de Conde de Bobadela, no dia 20 de outubro de 1758. A Catedral possui como dimensões 15 metros de largura por 30 metros de comprimento, comportando em seu espaço interno aproximadamente 300 pessoas.

A Catedral de São Pedro é um bem cultural<sup>4</sup> reconhecido e apresenta sua inscrição no Livro Tombo das Belas Artes (Nº inscr.: 071; Vol. 1; F. 013; Data: 17/05/1938), de acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Está sob a inscrição “Matriz de São Pedro e Capela de São Francisco, contígua” e o nome de “Igreja Matriz de São Pedro e Capela da Ordem Terceira de São Francisco”. Ela é considerada um Monumento Histórico Nacional, sendo que este mesmo livro diz respeito às coisas atinentes a Arte Erudita Nacional ou Estrangeira.

No ano de 1756, a conhecida “Matriz de São Pedro” dá início a administração dos sacramentos e também das atividades paroquiais. Também serviu de abrigo aos enfermos, no

---

<sup>3</sup> Segundo Torres (2008, p. 10), é o “Prédio que permanece em uso desde sua construção. Nesta situação é a edificação mais antiga do Rio Grande do Sul. Em seu interior ocorriam sepultamentos”. Informações embasadas na obra de TORRES, Luiz Henrique. Cronologia básica da História da cidade do Rio Grande (1737-1947). **BIBLOS**. v.22, n. 2, p. 9-18, 2008. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/957/424>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

<sup>4</sup> De acordo com a Lista dos Bens Culturais inscritos nos Livros do Tombo (1938-2012). Disponível em: <<http://www.guiadeturismo.inf.br/images/arquivos/viegas/Lista-de-bens-tombados-pelo-IPHAN.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

período de invasões e guerras. No século XX foram apresentados diversos projetos com a intenção de reformular o aspecto da matriz, mas somente em 1937 com a Lei do Tombamento sobre aquilo considerado como Patrimônio Histórico e Artístico é que, de fato, ocorre a sua preservação. (ALVES, 2004)

A Catedral de São Pedro, ao longo de sua trajetória por esses anos, foi adquirindo caráter simbólico junto à comunidade, sobrevivendo as muitas intempéries pela qual passou. Foi assim que ela se constituiu como patrimônio histórico e foi reconhecida legalmente como tal, através dos órgãos responsáveis pelo seu tombamento. Tal valorização pode ser observada quando Alves (2004) nos diz que:

Diversos projetos chegaram a cogitar a sua demolição, para erguer-se um outro templo, mais coadunado com os novos tempos, principalmente na virada do século XIX e nas primeiras décadas da centúria seguinte. Entre o utilitário/funcional, em contraste com o simbólico/histórico, venceria o segundo, de modo que ao final dos anos trinta se daria o tombamento da Igreja de São Pedro, a qual se transformaria em Catedral algumas décadas depois. O velho templo conquistara seu lugar na história e seu valor junto aos homens. (ALVES, 2004, p. 20)

Sobre o histórico de criação da então Igreja de São Pedro e referente aos aspectos de sua construção, sabe-se que o prédio atual não foi o primeiro a ser concebido naquela época. Conforme os apontamentos dos autores Mentz Ribeiro, Penha e Pestana (2004):

A primeira igreja construída teve o orago<sup>5</sup> de Nossa Senhora do Rosário, mas tendo sido incendiada por um raio, em 1752, seria, então, erigida a atual. A pedra fundamental da igreja de São Pedro é colocada em 25 de agosto de 1754 e exatamente um ano depois, é inaugurada. Foi construída sob as ordens de Gomes Freire de Andrade<sup>6</sup>, Vice-Rei, e inaugurada pelo mesmo, graças a sua vinda ao Sul para tratar os limites entre Portugal e Espanha, no reinado de D. José I (MENTZ RIBEIRO, PENHA e PESTANA, 2004, p. 49-50).

Em consonância ao que explanaram os autores Mentz Ribeiro, Penha e Pestana (2004) no que tange ao histórico da referida Igreja, Ezio Bittencourt (1999) ainda colabora mais ao falar sobre a importância da construção, pelo fato desta obra, em específico, ser em alvenaria:

[...] inaugurou-se em 1755 a Matriz de São Pedro, substituindo a Igreja de Nossa

<sup>5</sup> Segundo definição, orago diz respeito ao Santo a quem se dedica um templo ou uma capela; Padroeiro; O templo ou a capela consagrados a esse Santo. (HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1393).

<sup>6</sup> Governador da época e Capitão General das Capitâneas do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Informações embasadas na obra de TORRES, Luiz Henrique. A Catedral de São Pedro. **BIBLOS**. v.18, n. 2, p. 55-68, 2006. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/82/187>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

Senhora do Rosário destruída por um incêndio em 1752. Majestoso entre as areias brancas e pequenos casebres, o edifício barroco, constituiu-se por décadas, na única construção em alvenaria do lugar. (BITTENCOURT, 1999, p. 27)

Um fato relevante e fundamental nesse contexto foi a chegada do vice-rei, para que na ocasião, pudesse ser inaugurada a Matriz de São Pedro. Sua imagem representa uma simbologia histórica, antes mesmo dele ser considerado o padroeiro<sup>7</sup> da Cidade do Rio Grande/RS. Tal fato pode ser observado na passagem que segue:

O nome de São Pedro advém de uma lenda que nos primeiros tempos do presídio, em 1737, deu à costa arenosa e deserta uma caixa contendo uma pequena imagem do apóstolo Pedro. A população de pescadores, praiheiros humildes, dragões e “mulheres erradas”, tomados de grande sentimento religioso, levaram a imagem em procissão até a capela e lhe atribuíram homenagens. Este apóstolo pescador passou a ser padroeiro do presídio (MENTZ RIBEIRO, PENHA e PESTANA, 2004, p. 50).

Alves (2004) ao abordar a importância do mais antigo e ainda existente templo, que é considerado como Patrimônio Histórico-Cultural da cidade, comenta que o mesmo fez parte da construção de memórias e narrativas acerca das vivências históricas da sociedade, apresentando vários significados em decorrência dos momentos históricos vividos na cidade. Apesar de todas as adversidades ocorridas na época, a Catedral foi capaz de superá-las e se manter erguida através dos tempos, conforme o que o autor nos relata:

O tempo transcorreria das carências desatinadas à pujança comercial e à abastança industrial e destas, às constantes incertezas de uma crise atrás da outra. E o templo? Este foi “catedral”, Igreja, Matriz, para depois confirmar-se como Catedral propriamente dita. Povoado/vila/cidade – trata-se do Rio Grande. Templo/matriz/catedral – estes compreendem a Igreja do Padroeiro. Cidade e Matriz de São Pedro, um lugar e um prédio, mas muitos significados. (ALVES, 2004, p. 15)

Contudo, a comumente conhecida Vila do Rio Grande de São Pedro passa a ser intitulada pelo seu atual nome, Cidade do Rio Grande/RS e também a Matriz é elevada à categoria de Catedral, consoante ao que abordam os autores Mentz Ribeiro, Penha e Pestana (2004), fazendo assim uma ligação ao que Alves (2004) já havia explicitado na citação anterior.

A partir de então, no ano de 1835, a Vila do Rio Grande de São Pedro ascende à categoria de cidade. Deixa de carregar o nome do seu padroeiro, passando a chamar-

---

<sup>7</sup> Pedro, apóstolo de Cristo, tinha inicialmente o nome de Simão, um nome de origem hebraica que significa aquele que ouve. Simão nasceu em Betsaida, na Galileia. Era filho de Jonas e irmão de André, apóstolo. Pescador por profissão. É considerado o primeiro papa da Igreja Católica e chamado pelos fiéis católicos por São Pedro. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/cristianismo/a-vida-de-sao-pedro-cefas/>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

se somente Rio Grande. Posteriormente a capela passa, em 1749, a matriz de São Pedro, tornando-se catedral no ano de 1971 (MENTZ RIBEIRO, PENHA e PESTANA, 2004, p. 50).

A história do templo reflete a história da cidade. Pelo fato das lembranças estarem muito presentes na comunidade, que por vezes utilizou aquele espaço do templo de alguma forma, seja através da religiosidade, da evocação do poder da fé, da sua própria construção ou até mesmo pelos processos que levaram a sua posterior restauração, sua importância é inquestionável. Para além disso, a cidade esteve envolta nessa ligação cultural, na qual foi proporcionada pelo histórico de lutas diante da Catedral, enquanto bem patrimonial aqui do município. Estas percepções podem ser entendidas através do que Alves (2004) nos expõe, ao dizer que:

Ponto chave do patrimônio histórico local, regional, nacional e, por que não, internacional, a matriz de São Pedro consiste num formidável depositário de vivências históricas que, de modo indelével, atuou e interagiu num processo histórico de construção de memórias coletivas. As lembranças de rio-grandinos, rio-grandenses, brasileiros e estrangeiros que estiveram no interior ou à sombra da Igreja amalgamam-se num cadinho multifacetado de inter-influências, ou seja, templo e homem interagiram entre si, cada qual mexendo com a história do outro. (ALVES, 2004, p. 15)

Ao se pensar em um ambiente urbano, dotado de historicidade, seja pela preservação de seus monumentos ou pela construção das memórias advindas desses mesmos monumentos, é possível afirmar que estas inter-relações existentes são, na maioria das vezes benéficas, quando colocadas em pauta nas ações patrimoniais, por exemplo. Tal construção identitária é muito importante, por ofertar uma culturalidade a essa memória coletiva do patrimônio, como no caso da própria Catedral de São Pedro, uma vez que a comunidade exerce grande influência na consecução deste processo (ALVES, 2004).

É pertinente ressaltarmos a importância que o Patrimônio Cultural possui enquanto bem simbólico na sociedade, pois ele acaba se tornando uma potente ferramenta de sensibilização, diante dos próprios bens culturais já existentes. Não podemos esquecer que por trás desses monumentos existe a figura humana, que é a principal responsável pelas ações pautadas na preservação, na opinião e até mesmo frente às escolhas (sejam elas políticas, econômicas ou sociais) que imperam nesse sistema. Com isso, Bourdieu (1989) nos remete a ideia de que:

o regionalismo (ou o nacionalismo) é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer colectivamente e em estado de organização, e em que



está em jogo a conservação ou transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto económicas como simbólicas; ou, se se prefere, a conservação ou transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objetivas ou intencionais) da identidade social (BOURDIEU, 1989, p. 124)

Comparado a uma disputa, os patrimônios também são valorados como mercadorias, no momento em que o capital e a economia de uma cidade giram em torno dos bens culturais, por exemplo. Os sentidos e significados que são atribuídos a estes bens, nada mais são que ações específicas voltadas para um grande grupo, com vistas a produzir e despertar o sentimento de pertença a essa mesma comunidade. Através desse contexto, Bourdieu (2007, p. 23) atenua que o Estado não deve ser uma organização estática, sobretudo no que diz respeito à rentabilidade econômica estar em consonância ao bem simbólico. Na realidade, essas associações se complementam e acabam se convergindo em torno do bem cultural.

mesmo em nossa sociedade [...], a autonomização do aspecto econômico das ações nunca se realiza de maneira tão perfeita a ponto de fazer com que as ações mais diretamente orientadas para fins econômicos sejam totalmente desprovidas de funções simbólicas. (BOURDIEU, 2007, p. 23)

Ainda sobre os poderes que os bens patrimoniais despertam e incidem na economia, pensando que uma oportunidade comercial visa formas lucrativas para os envolvidos, Bourdieu (1989, p. 187-188) colabora ao expressar que:

O capital político é uma forma de capital simbólico, crédito firmado na crença e no reconhecimento ou, mais precisamente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa – ou a um objeto – os próprios poderes que eles lhe reconhecem.

Para complementar essa continuidade do pensamento, Rodrigues (1996) ao falar sobre o poder que o patrimônio evoca, afirma também que:

O patrimônio se destaca dos demais lugares de memória uma vez que o reconhecimento oficial integra os bens a este conjunto particular, aberto às disputas econômicas e simbólicas, que o tornam um campo de exercício de poder. Mais que um testemunho do passado, o patrimônio é um retrato do presente, um registro das possibilidades políticas dos diversos grupos sociais, expressas na apropriação de parte da herança cultural [...]. (RODRIGUES, 1996, p. 195)

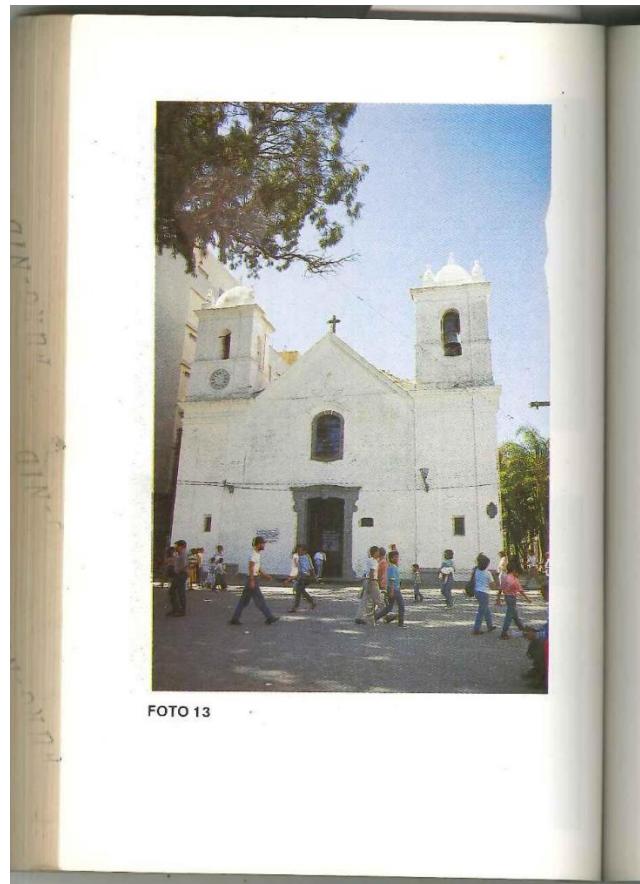
Quando se fala ou se pensa em qualquer “patrimônio”, seja ele material ou imaterial, não se deve descartar a possibilidade de que o mesmo faça parte do imaginário ou dos conhecimentos adquiridos ao longo dos estudos sobre ao tema, pertencendo também a

realidade dos indivíduos. Para tanto, existem materiais de divulgação de forma impressa, a exemplo de cartilhas e livros, que tem por função aproximar o leitor, o pesquisador e até mesmo o cidadão do bem patrimonial, seja ele edificado ou não. Esse contato ocorre através da instigação causada pelas informações dispostas em um material visual, por exemplo, bem como pela vontade de conhecer, de se inteirar, de fazer parte daquele contexto de alguma forma.

Com base nisso, pode-se revelar a publicação de um informativo turístico ilustrado sobre o município do Rio Grande, denominado de “Cartilha Papareia” da autora Maria de Lourdes da Rocha Piragine (1992). Este nome dado à cartilha faz referência, segundo a autora, às pessoas que nascem na terra que possui areia fina e que também é “acariciada pela brisa mar”, uma vez que esta junção entre a areia fina e a brisa do mar fazem com que as pessoas praticamente “comam” areia em dias de muito vento. Este material dizia respeito ao conhecimento de informações relevantes sobre edificações, tradições, costumes e até mesmo pontos turísticos a se visitar, pois a obra era acessível e ilustrada, tanto para os visitantes quanto para a própria população.

A edição comemorativa da obra foi motivada também pela ocasião de estar acontecendo a 3ª edição da Festa do Mar, momento em que seria distribuída às pessoas que estavam na cidade à passeio. Por esse fato, era importante que houvesse algum material de divulgação dos patrimônios aqui existentes. Na Figura 1 pode-se observar a imagem da catedral que estava presente no referido Informativo Turístico (1992), para que o cidadão, diante da leitura e do contato com a obra, pudesse saber a localização do bem edificado.

**Figura 1** – Imagem da Cartilha Papareia



**Fonte:** PIRAGINE (1992)

Nessa obra, Piragine (1992) comenta que a Catedral de São Pedro possui em seu interior diversas relíquias, tais como as imagens dos santos em suporte de madeira e até mesmo os restos mortais do primeiro Bispo do Rio Grande, Dom Frederico Didonet.

Outro livro que destacou os patrimônios históricos da cidade do Rio Grande/RS foi o do autor Luiz Henrique Torres (1999), que buscou dar maior ênfase às formas de incitar a Educação Patrimonial, de acordo com um projeto que estava sendo desenvolvido no município. De acordo com o mesmo autor, foi possível valorizar o passado através das próprias referências dos materiais de natureza urbana, pois eles eram dotados de historicidade e de fragmentos que revelaram a memória social da cidade (TORRES, 1999).

Salienta-se que nesta obra estava presente a Catedral de São Pedro, sendo apresentada junto ao Largo Dr. Pio<sup>8</sup>, considerado como um lugar de encontro, local tradicional e cultural do Rio Grande, sendo que nele se realizam ritos, manifestações populares, campanhas sociais

<sup>8</sup> Localizado no Centro Histórico do Rio Grande, na rua General Bacelar em frente à Catedral de São Pedro. Inicialmente, este espaço era a Praça da Matriz que, pelo Decreto Municipal nº 22, de 20 de maio de 1897, sua denominação foi alterada para Praça Doutor Pio em homenagem ao Doutor Pio Ângelo da Silva em decorrência de seu falecimento. Anos depois para construir o prédio da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, inaugurado em 1950, o espaço foi reduzido a um largo, denominando Largo Doutor Pio. Disponível em: <<http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=88273>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

bem como celebrações e festividades.

Para além disso, Bittencourt (1999, p. 54-55) ressalta alguns dos festejos realizados nesse espaço, tais como as:

Procissões, missas ao ar livre, quermesses, e outros festejos acompanhados por bandas musicais desenvolviam-se pelas vias públicas e no Largo da Matriz (mais tarde denominado de Largo Dr. Pio), celebrando datas religiosas: Semana Santa, dia natalício de Santos, *Corpus Christi*, Espírito Santo, etc. Esses encontros misturavam a religiosidade a um espírito alegre e lúdico desenvolvido na festa. O compromisso religioso constituía-se, outrossim, num momento social.

Torres (1999, p.11) ainda afirma que “o campo santo onde foram sepultadas as gerações passadas, os cemitérios da Catedral e da Igreja de São Francisco, hoje acolhem os milhares de passos diários dos transeuntes que cruzam pelo Largo Dr. Pio”, ressaltando assim a importância do lugar frente ao campo da história e dos cidadãos rio-grandinos.

A Catedral é considerada como um espaço de cultura que perpetua diante do tempo e da população, obtendo assim uma visibilidade ainda maior para o patrimônio, ao passo de se aproximar cada vez mais das pessoas e dos turistas que conhecem a cidade.

Na mesma perspectiva, o autor Luiz Henrique Torres (2007) evidencia em sua obra “Rio Grande: imagens de espaços públicos que contam a história”, em que apresentou uma coletânea de lugares da cidade, abordando também seus aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos. Em uma das fotos referente a Catedral de São Pedro, o autor reforçou a instituição como “sobrevivente” aos acontecimentos advindos dos períodos colonial, imperial e republicano, e também a sua importância no que se refere aos episódios de casamento, batizados e enterramentos.

A seguir pode-se evidenciar a imagem apresentada na edição impressa da obra do autor.

**Figura 2** – A praça e o Largo Dr. Pio na década de 1920



**Fonte:** TORRES (2007, Não Paginado)

Fazendo uma análise sobre a Figura 01 e também sobre a Figura 02, podemos observar que o espaço ao redor da Catedral de São Pedro sofreu muitas transformações. A começar pelo processo de urbanização, pois na foto mais antiga nota-se a existência de duas grandes árvores e do chão, que ainda possuía terra, ou seja, o entorno da Catedral não estava com o devido calçamento que hoje lá se encontra. Também é possível observar as poucas construções ao seu redor, o modo paisagístico que cada uma possui bem como o próprio espaço público, no momento em que a fotografia revelou as poucas pessoas que transitavam pelo referido espaço.

Sobre essa análise diante das fotografias e conforme o que alude Michelin (2013, p. 22-23), podemos concluir que:

Ao descrever uma fotografia e revelar suas camadas de sentido, dá-se início a um processo de subjetivação da imagem, essencialmente revelador do pensamento do espectador no presente. Trata-se de uma relação memorial. Este processo amplia o tempo do olhar para a foto e, assim, alarga a compreensão e aprofunda o pensamento.

É necessário comentar ainda sobre a escassez de outros materiais, além desses que foram encontrados, que tenham por função exaltar ou divulgar a Catedral de São Pedro na cidade do Rio Grande. Durante a pesquisa, não foi encontrada outra obra ou publicação que enfatizasse essa valoração, visto que é tão importante no que tange ao teor de representação diante do município, o que torna ainda mais urgente a construção desse recurso didático (material

educativo) para ser utilizado como suporte ao ensino de História. Na realidade, os guias turísticos existentes, por já não terem essa finalidade, não contemplam todas as possibilidades que a metodologia da Educação Patrimonial proporciona, de fato.

Já ao se falar sobre uma visão preservacionista dos patrimônios em si, não se pode esquecer de salientar que a mesma advém de uma ideia criada pela sociedade, através de uma construção da noção de pertencimento. Só é preservado, na maioria das vezes, aquilo que possui algum sentido próprio, seja para a comunidade ou para aqueles que estão utilizando o monumento, por exemplo. Alves (2004) ao falar dessa relação existente entre o templo e a sociedade, nos remete a pensar que:

[...] as relações entre a Igreja de São Pedro e a comunidade em que esteve e está inserida, quer seja, um sítio urbano com um importante patrimônio histórico, gerando memória coletiva no cerne das populações que com o templo conviveram e recebendo influências diretas/indiretas desta mesma memória. (ALVES, 2004, p. 17)

No que tange a relação da valorização atribuída, tanto das pessoas pertencentes a comunidade diante da cidade quanto da própria representação simbólica ofertada pela Catedral, Alves (2004, p. 21) nos revela que “[...] seja pelo mais simples dos indivíduos que tenha pisado seus assoalhos, a Igreja tornara-se o símbolo da fé e da ação humana e como tal deveria ser preservada”. Tal afirmação nos faz refletir o quão importante se deu essa constituição social da memória, através dos fatos ligados a história da Catedral no município.

A Matriz de São Pedro, desde os tempos de sua construção, sempre se mostrou imponente frente a cidade e até mesmo frente a sua própria época. Cabe comentar ainda que ao seu redor houve considerado crescimento dos núcleos urbanos, a exemplo das vilas e demais construções, fazendo com que esse monumento estivesse ligado aos atos governamentais praticados pela paróquia (ALVES, 2004). Esse mesmo autor nos remete a ideia de que a Matriz foi muito preponderante, no que concerne aos aspectos atinentes a urbanização da cidade, ao falar que:

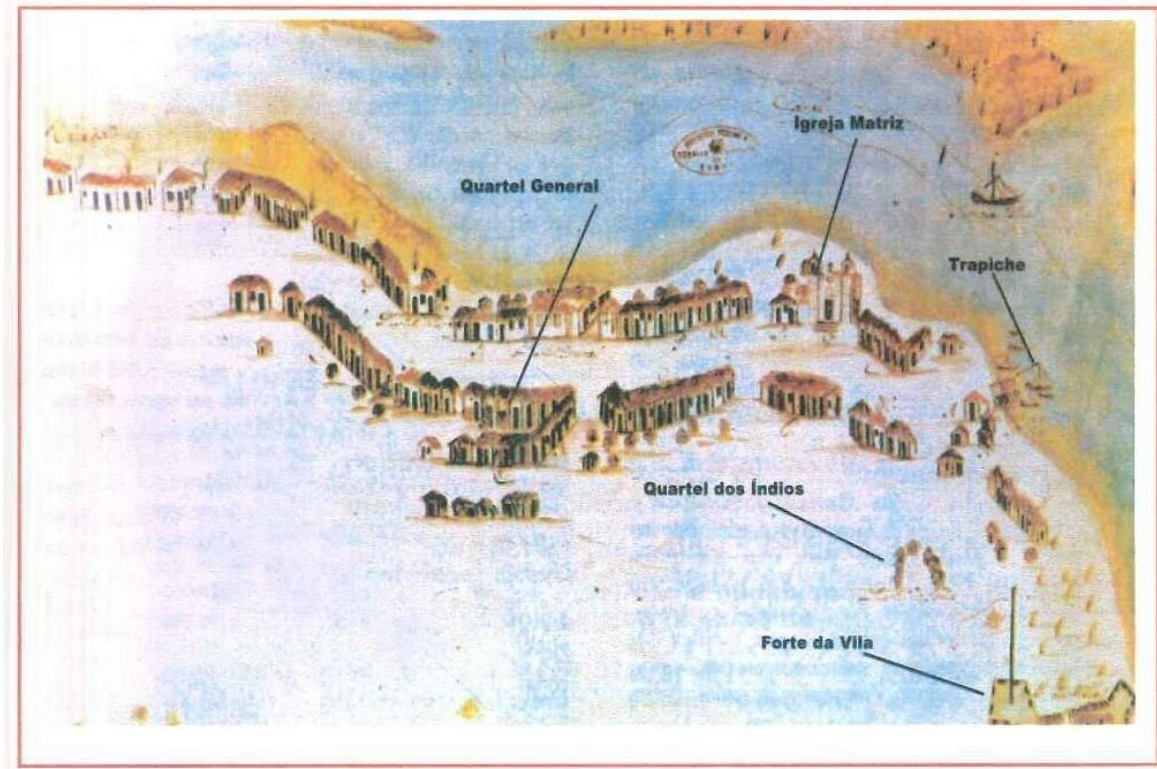
A pequena vila formada por residências em sua maioria ainda pouco estruturadas, com a edificação da nova Matriz alcançava um ponto fundamental em seu ainda incipiente processo de urbanização. Enraizada no centro da recente povoação, a igreja passaria a exercer um papel preponderante como foco irradiador e elemento de concentração de sociabilidade no seio da comunidade rio-grandina. (ALVES, 2004, p. 30)

Na sequência, mostra-se a estrutura existente da então Vila do Rio Grande, com a reconstrução de algumas moradias e a preservação da Matriz de São Pedro, que foi respeitada



pelos espanhóis da época, por representar um local em que se celebra o culto religioso e outras manifestações de ritos católicos.

**Figura 3** – Mapa da Vila do Rio Grande (RS) no ano de 1776, com a demarcação da Igreja Matriz de São Pedro



**Fonte:** TORRES (2007, Não Paginado)

A Matriz representava bem mais que uma construção vultosa, pois estava ali exposto todo o trabalho de grandes homens, que lutaram bravamente no período das invasões, que solidificaram seus esforços através de gestos de valentia, de sacrifícios. Independentemente de sua classe ou condição social, todos que contribuíram na construção do monumento deixaram sua marca e isso precisaria estar enaltecido. Consoante a estas manifestações, Alves (2006), na sequência, nos anuncia a figura de um respeitável homem:

Um dos maiores defensores da preservação da Matriz foi o historiador rio-grandino Antenor de Oliveira Monteiro<sup>9</sup>, que, através da imprensa local, lançou várias

<sup>9</sup> “[...] nasceu em 1872 e faleceu no ano de 1948. Foi um dos maiores intelectuais rio-grandinos, sendo que também foi professor, historiador, conferencista, poeta, jornalista, cronista, teatrólogo e musicólogo. Lecionou por anos violino, bandolim, teoria e solfejo, realizando com seus alunos diversas audições públicas em teatros e clubes. Em seu legado musical destacam-se várias obras: hinos; peças religiosas; composições para piano e violino; músicas para revistas teatrais, operetas; canções sertanejas; polcas para bandas musicais; mazurcas para instrumentos de sopro e percussão”. (NEVES, Décio Vignolli. *Vultos...*, op. cit., p. 49-50. In: Bittencourt, Ezio. **Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade:** sociabilidades & cultura no Brasil Meridional - Panorama da história de Rio Grande. Rio Grande: Ed. Furg, 1999.)

manifestações promovendo a ideia da manutenção da igreja. De acordo com as concepções historiográficas de sua época, Monteiro lembrava que na Matriz os heróis gaúchos receberam o batismo, de modo que ela guardava em seu seio desde a escada de granito até o sagrado altar, e mesmo contornando-a pela rua, os ossos daqueles que trabalharam, que lutaram pelo progresso local; quer nobres, quer plebeus, todos deveriam ser alvo de veneração. (ALVES, 2006, p. 110-111)

Ressalta-se ainda sobre um importante periódico pertencente a Cidade do Rio Grande/RS, que produzia muitas notícias acerca da Matriz de São Pedro. O periódico *Cruzeiro do Sul* foi considerado responsável pela exaltação dos fatos que mantinham ligação com o Patrimônio Histórico (ALVES, 2004), conforme segue:

De acordo com seu norte editorial, baseado na pregação religiosa e numa linguagem mais empolada e cheia de ufanismo, por se tratar de uma edição engalanada, o *Cruzeiro do Sul* explicava que, mesmo duas vezes secular, o templo conservava a serena juventude das coisas imperecíveis, atuando nas datas festivas coriscante e jovial, aberto para o mundo como o sorriso de uma criança. (ALVES, 2004, p. 102)

Já no ano de 1997, o jornal passou a utilizar o símbolo da Catedral de São Pedro em sua logomarca, como forma de promover a imagem do monumento ao mesmo tempo em que também divulgava suas ações principais, como a obra de restauro e o momento de sua reabertura à comunidade, logo após o fim do processo de restauração. A arte aplicada pelo jornal na época pode ser visualizada na imagem a seguir:

**Figura 4** – Representação da Catedral de São Pedro no cabeçalho do jornal *Cruzeiro do Sul*



**CRUZEIRO DO SUL**

ANO LXVI - Nº 7 ORGÃO DA DIOCESE DO RIO GRANDE MAIO/97

**9º ENCONTRO INTERECLESIAL DE CEBS**  
 “Vida e Esperança nas Massas”

Pág. 06

**EDITORIAL**

*“O tempo passa e com ele caminhamos todos juntos sem parar. Nossos passos pelo chão vão ficar, marcas do que se foi, sonhos que vamos ter. Por que cada dia nasce em cada amanhecer”*

Muitas coisas aconteceram: vitórias, derrotas, conquistas e desafios. E hoje, estamos nos colocando em desafio. Sendo que a partir da Páscoa o nosso jornal **Cruzeiro do Sul** está ressuscitando novamente, mas, de cara e formato novo. Trazendo nele entrevista, poesia, formação, humor, acontecimentos, espiritualidade, notícias, etc...

Com isso, um jornal que corresponda aos anseios das comunidades, tendo como prioridade se colocar ao serviço. Pois sabemos que as necessidades são muitas e poucos os recursos. É por isso que estamos aqui para ser espaço de reflexão das pessoas que tem sede de justiça e verdade. *Desejamos a todos um feliz Dia das Mães!*

**Destaques desta Edição**

3ª SEMANA SOCIAL BRASILEIRA  
 Visa resgatar as grandes dívidas sociais: Justiça e solidariedade na construção da cidadania **Pag. 06**

Milhares de pessoas na Romaria do Trabalhador foi uma grande festa. Reflexões sobre ela na **Pag. 04**

**POVO SEM MEMÓRIA É POVO SEM HISTÓRIA**

Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul, v. 66, n. 7, maio 1997.

Para demonstrar o importante papel da Matriz de São Pedro na Cidade do Rio Grande, o Jornal Cruzeiro do Sul destacou, mais uma vez, o significativo apreço que a sociedade tinha em relação à edificação. Tal declaração pode ser observada por meio da seguinte passagem:

[...] no derredor da Igreja nascera a vila, crescera a cidade, edificara-se o Rio Grande, naquele momento a terceira cidade do Estado e uma das mais importantes do Brasil, definindo-a como um templo de fé e de civismo, em qual recinto sagrado se desenrolaram todos os acontecimentos mais marcantes da vida e das famílias do Rio Grande. O jornal destacava ainda que naquela pia batismal, a mesma de duzentos anos passados, milhares de crianças receberam a água lustral do batismo, milhares de noivos ali receberam a benção para seu amor, crianças sem conta, nos seus confessionários e mesa sagrada, fizeram sua primeira comunhão, bem perto de suas

paredes e até dentro do seu seio, quantos e quantos mortos foram sepultados. (ALVES, 2004, p. 103)

Através da fundação de uma nova diocese na cidade, passou-se a interpelar seu lugar diante da História, sendo que ficou conhecida através das denominações abordadas por Alves (2004), como visto na sequência:

Finalmente, já nos anos setenta, o velho templo de São Pedro reassumia, agora oficialmente, tendo em vista a fundação de uma nova diocese<sup>10</sup>, a denominação que recebera nos primeiros tempos do Rio Grande, de acordo com a perspectiva que tinha em relação ao restante do sítio urbano. Bicentenária, de Matriz a Catedral, a igreja rio-grandina cada vez mais encravava seu lugar na história. (ALVES, 2004, p. 117)

Sua simbologia vai para além de uma mera representatividade social. Ela teve por função representar a Cidade do Rio Grande, sendo que foi reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural por toda a região e ainda mais evidente pelo Estado do Rio Grande do Sul. Segundo Alves (2004) isso ficou visível para o Campo da História ao falar que:

Numa época em que o próprio passado deixava de ser valorizado, a Catedral de São Pedro foi cada vez mais imbuída de uma função social muito bem definida, a de representar um importante repositório da memória coletiva dos rio-grandinos. Progressivamente, a figura do templo passaria a constituir verdadeiro símbolo da cidade do Rio Grande, chegando a incorporar em si a representatividade de um lugar. Único prédio remanescente do século em que foi criada a comunidade rio-grandina, a velha Matriz constitui com plenitude a noção de um monumento histórico, ou seja, uma criação arquitetônica que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. (ALVES, 2004, p. 120)

Paralelo a isso e com vistas a construção de uma identidade, Alves (2004, p. 122) nos diz que “[...] a Catedral de São Pedro mantinha cada vez mais intensamente seu significado junto à comunidade rio-grandina, consolidando-se como sinônimo e símbolo da própria cidade, de modo que através dela respirava-se história”. Para tanto, ela é considerada ainda como o mais importante monumento histórico e artístico da cidade, por todas as razões que a definem como tal, consoante ao que já vem sendo dito na escrita deste trabalho (ALVES, 2004).

Frente a tudo isso que já foi destacado sobre a Catedral de São Pedro, é importante ainda ressaltar os aspectos que fizeram menção ao seu Processo de Patrimonialização, de modo a entender as características que estiveram ligadas ao seu reconhecimento e valorização

---

<sup>10</sup> [...] só em dezembro de 1968 houve a opção por novas dioceses no Rio Grande do Sul, e em janeiro do ano seguinte o bispo de Pelotas nomeou uma comissão para a criação de uma diocese no Rio Grande, formada por representantes de vários segmentos cidadãos, a qual passou a preparar o caminho para conclusão positiva da reivindicação rio-grandina. (ALVES, 2004, p. 108)

enquanto bem patrimonial. Segundo a concepção do antropólogo espanhol Xerardo Pereiro (2006, p. 28), o Processo de Patrimonialização infere uma seleção e também uma atribuição de valores, por meio daquilo que está se querendo preservar. Ele ainda diz que:

Na actualidade, o património cultural é um debate sobre os valores sociais e a patrimonialização é um processo de atribuição de novos valores, sentidos, usos e significados a objectos, a formas, a modos de vida, saberes e conhecimentos sociais. A patrimonialização também é um mecanismo de afirmação e legitimação da identidade de um grupo ou de algumas versões da identidade, o que não esta isento de lutas, dialécticas e negociações. A patrimonialização também se pode entender como um processo de activação de memórias, sempre ligadas aos processos de esquecimento.

Motta (2014) ao falar sobre o patrimônio e sua devida patrimonialização, ressalta que:

[...] entende-se que patrimônio é, antes de tudo, uma construção sociocultural que mobiliza um conjunto dinâmico e complexo de práticas, que envolve agentes e agências, isto é, processos sociais a partir dos quais são geradas demandas de patrimonialização de um determinado bem, assim como valores e sentidos que o legitimam. (MOTTA, 2014, p. 381)

É necessário entender que o Patrimônio Cultural pertencente as cidades não nascem prontos, tampouco já são dotados de significados e inferências. Deve ser levado em conta que essa construção simbólica é permeada por decisões, interesses e ações políticas diante desse próprio espaço urbano. Por meio das estratégias que visem a preservação do bem patrimonial é que haverá, de fato, a reconstrução, a valorização e também a ressignificação dos sentidos que esse bem pode propiciar para a comunidade local.

Sobre essa dinâmica em relação ao espaço urbano, Trindade Jr. (2008) no diz que:

[...] referências simbólicas se manifestam na paisagem de diversas maneiras, mas, em geral, estão ligadas a formas arquitetônicas ou ao traçado urbanos que se associam às origens e aos antepassados da cidade, como igrejas, ruas, praças, prédios públicos etc., tornando os mesmos em espaços estratégicos, seja do ponto de vista de sua funcionalidade, seja do ponto de vista de seus referenciais simbólicos. (TRINDADE JR., 2008, p. 152)

Pode-se perceber com isso que a valorização de uma ou mais áreas, que tendem a estar localizadas nas partes centrais da cidade, estão ligadas a própria dinamicidade cultural que se faz presente no espaço urbano, levando em conta também o Processo de Patrimonialização que nele está instaurado. Não se pode deixar de ressaltar que essa Patrimonialização é dotada de algumas Políticas Públicas, por estar envolta no espaço compreendido pela Administração Pública da cidade, por exemplo. Segundo Medeiros (2011, p. 42) essas políticas são

“marcadas pelas fronteiras do poder e passíveis de manipulações por interesses políticos e de grupos, pois lidam com processos da memória coletiva, que é, por excelência, seletiva”.

Radun (2016) também corrobora com o que já foi dito, no momento em que explana o que seria esse o ato de “patrimonializar” um bem:

A patrimonialização investe no bem de um valor simbólico – histórico, artístico, por exemplo –, que o distinguirá dos demais de sua espécie, por meio da assinatura de um parecerista consagrado no e pelo campo. Também é o campo patrimonial que estabelece as regras e as sentenças de transubstanciação de um bem para ser reconhecido como patrimônio de forma a não ser contestado pelos outros. (RADUN, 2016, p. 43-44)

Em razão disso, podemos dizer que o tombamento<sup>11</sup> é o principal instrumento jurídico destinado a salvaguardar o Patrimônio Histórico e Cultural pertencente as Cidades e também ao País, fazendo com que os mesmos passem a figurar, através do registro e inscrição, num dos quatro Livros do Tombo. Ao fim de tudo, entende-se que um bem patrimonial ao ser tombado, estará devidamente “patrimonializado”, fazendo com que suas ações sejam interpeladas por meio das políticas de proteção e preservação ao longo do tempo.

Sobre o Processo de Patrimonialização da Catedral de São Pedro, em específico, Alves (2006) comenta que mesmo antes de começar a entrar em vigor o Decreto-Lei número 25, já existiam ações preservacionistas sendo realizadas aqui na cidade do Rio Grande, conforme segue:

Os ideais de preservação da Matriz cada vez mais ganhavam terreno, ainda mais quando a própria legislação dava força a essa tendência. Se a questão do patrimônio passara de determinações provisórias, em 1936, para a regulamentação de lei decretada pelo Legislativo e sancionada pelo Executivo, caso daquela de 13 de janeiro de 1937, chegara à sua consolidação através do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, firmado pelo Presidente da República em pleno Estado Novo. (ALVES, 2006, p. 125)

Ponto chave para explicar a importância da Patrimonialização do Monumento “Matriz de São Pedro” foi a própria escrita da Ata, no dia 17 de maio de 1938, fazendo menção a 1ª Sessão Extraordinária do Conselho Consultivo do SPHAN na época. Nela podemos perceber o avanço Histórico que se criou frente ao Município do Rio Grande/RS, no momento em que

<sup>11</sup> Nas palavras de Sonia Rabello (2009), “O tombamento como ato administrativo visa à proteção do interesse público genérico, que é a cultura nacional, manifesta e manifestada em coisas móveis ou imóveis, existentes no território nacional e identificadas pelo órgão que a lei atribui competência para tal. Através do ato administrativo de tombamento, a administração pública insere o bem identificado na classe de bens culturais, passando a tutelar o interesse público que a coisa detém, sem detrimento das suas relações de direito concernentes ao domínio”. In: RABELLO, Sonia. **O Estado na preservação de bens culturais: o tombamento**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2009, p. 137-138.

ficou estabelecida a Inscrição da Matriz de São Pedro no Livro do Tombo, com base no Artigo 4º do Decreto-Lei número 25, de 30 de novembro de 1937. A partir desse ato, a Matriz passou a ser reconhecida nacionalmente com um Bem Patrimonial Tombado, e para tanto deveria ser protegida e preservada.

O documento na íntegra<sup>12</sup> relata também outras informações, que não somente as do ato de tombamento da Matriz de São Pedro. No entanto, para que houvesse uma relação de sentido, foi lido e interpretado somente o conteúdo que dizia respeito ao contexto da inscrição no Livro do Tombo da Matriz de São Pedro. Na sequência, revelam-se as informações desse documento histórico, que acabou demarcando o ato de Patrimonialização da então Matriz de São Pedro. Os traçados em vermelho na imagem indicam o dia em que estava sendo realizada a sessão, a pauta que estava em decisão bem como as respectivas assinaturas dos presentes, logo após o encerramento da referida sessão.

**Figura 5** – Recorte da Ata que aprova a Inscrição da Matriz de São Pedro no Livro do Tombo

---

<sup>12</sup> IPHAN. **Reunião Extraordinária do Conselho Consultivo**. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/1938\\_\\_01\\_\\_1a\\_sesso\\_extraordinaria\\_\\_17\\_de\\_maio%284%29.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/1938__01__1a_sesso_extraordinaria__17_de_maio%284%29.pdf)>. Acesso em 24 jul. 2017.



Ata da 1ª sessão extraordinária do Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, realizada no dia 17 de maio de 1938.

Nos dezesseis dias do mês de maio de mil novecentos e trinta e oito, às dezesseis horas, na sede do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sob a presidência do Sr. Rodrigo M. F. de Andrade, presentes os Srs. Edgar Roquete Pinó, Otávio José Corrêa Lima, Augusto José Marques Júnior, Raimundo Lopes, Manoel Bandeira, Rodolfo Gonçalves de Siqueira, Francisco Marques

4

inclusive das coberturas, os cortes longitudinais e transversais e as fachadas e detalhes designados pelo Serviço competente, acompanhando o levantamento da documentação fotográfica de conjuntos e pormenores, ocorrendo ainda à mesma proprietária ao pagamento da despesa com a execução de uma maquete da construção atual e obrigando-se a mandar fazer, no edifício que vier a surgir no local, um baixo relevo reproduzindo o precho primitivo.

Processo 117 - Monumento: Matriz de São Pedro da cidade do Rio Grande - Rio Grande do Sul. Proprietário: Irmita Diocesana de Pelotas. Relator: Sr. Carlos de Aguiar Fêo. Resolução: O Conselho resolveu, pelos fundamentos constantes do voto do Relator, que a Matriz de São Pedro da cidade do Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, seja inscrita definitivamente no Livro do Tombo, a que se refere o artigo 4º, nºs 2 e 3, do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, providenciando-se com a devida urgência para a execução das obras de reparação e conservação que se tomarem necessárias no respeito ao monumento. Em seguida, o senhor presidente submeteu à apreciação



Nada mais havendo, a tratar, às 20 horas, o senhor Presidente declarou encerrada a sessão, da qual, para constar, eu, Antônio José Xavier da Silveira, oficial administrativo do Ministério da Educação e Saúde, lourei a presente ata, que vai assinada pelo senhor Presidente e por mim subscreita.

Rodrigo M. F. de Andrade, P.  
Antônio José Xavier da Silveira, secretário.

Ata da 2ª sessão ordinária do Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, realizada no dia 14 de junho de 1938.

Também é pertinente revelar as informações dispostas através do Inventário do Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul, no que concernem as principais características arquitetônicas da Catedral de São Pedro. Elas fazem alusão a Tipologia da Catedral (arquitetura religiosa); a sua Estrutura Física (alvenaria de tijolos); Localização Geográfica (Rua General Bacelar, nº 440) entre outras. Todos esses elementos podem vistos a seguir:

**Figura 6 – Informações Técnicas sobre a Catedral de São Pedro em Rio Grande/RS**

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL MINISTÉRIO DA CULTURA - IPHAN - 12ª COORDENAÇÃO REGIONAL GOVERNO DO ESTADO DO RS - SEDAC - IPHAE					
1. MUNICÍPIO : Rio Grande - centro DENOMINAÇÃO : Catedral de São Pedro ENDEREÇO : Bacelar, Rua General			2. PR03/03-0007.00052		
3. TIPOLOGIA : 1- Arquitetura Religiosa			5. USO ATUAL : Igreja <input type="checkbox"/> DESOCUPADO <input type="checkbox"/> RUINA		
4. ENTORNO : HOMOGÊNEO DE ÉPOCA <input type="checkbox"/> HETEROGÊNEO <input type="checkbox"/> DESCARACTERIZADO <input checked="" type="checkbox"/>			7. N.º DE PAVIMENTOS : 2 <input type="checkbox"/> PORÃO <input type="checkbox"/> GOTÃO <input type="checkbox"/> OUTROS		
6. FACHADA PRINCIPAL : MATERIAL PREDOMINANTE : Alvenaria rebocada			9. ESTRUTURA : Portante - alvenaria de tijolos		
8. COBERTURA : N.º DE ÁGUAS : - COM BEIRAL <input checked="" type="checkbox"/> COM FLATIBANDA <input type="checkbox"/>			11. SITUAÇÃO : 148		
10. OUTROS ELEMENTOS EXTERNOS :			12. OBSERVAÇÕES : Portada e janela central emolduradas por pedra vinda de Portugal; Possui pára-vento; Figuras em alto relevo na fachada (chave); Concluído em 1755 e um exemplo significativo do período barroco; Tomado em nível federal 17/05/1938; Restaurada.		
13. FOTO : 			14. LOCALIZAÇÃO : 		
15. TRATAMENTO DA ÁREA EXTERNA : Largo			16. PESQUISADOR : Bernardo, Cássia, Tiago		
DATA : 15/04/2003					

**Fonte:** Ministério da Cultura (IPHAN) – 12ª Coordenação Regional. **Inventário de Bens Culturais.** Prefeitura Municipal do Rio Grande. Disponível em: <[http://www.riogrande.rs.gov.br/internet/iphan\\_pdf.php?patrimonio\\_id=66](http://www.riogrande.rs.gov.br/internet/iphan_pdf.php?patrimonio_id=66)>. Acesso em 24 jul. 2017.

Como já observado, não somente a importância Histórica é considerada como o principal fator para que um Patrimônio venha a ser tombado (patrimonializado), pois o processo em si envolve uma gama de outros fatores, aos quais já foram mencionados no decorrer deste trabalho. Cabe ao Poder Público seguir as Políticas Normativas e as Legislações existentes diante das Esferas do Governo (Municipal/ Estadual/ Federal), para que o ato seja realizado com respeito à Historicidade de cada Bem Patrimonial, pois eles são únicos em referência ao contexto no qual estão inseridos.

## 2.2 O PROCESSO DE RESTAURO E A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO NOS DIAS ATUAIS

Como todo Patrimônio Histórico que pertence a uma cidade, não se pode deixar de salientar que o mesmo necessita de manutenções preventivas, para que assim consiga manter o seu estado original nas mesmas condições, ou nas mais próximas possíveis, consoante a sua criação inicial. No ano de 1994, a Catedral de São Pedro passou por uma intervenção, realizada através de um processo de restauração e que segundo Alves (2004) foi de suma importância para sua longevidade. Ele fala que:

Somente em março de 1994, anunciava-se que se iniciariam os trabalhos visando à restauração da Catedral de São Pedro, tendo estado na cidade técnicos do Instituto Brasileiro de Patrimônio<sup>13</sup>, encetando as demandas da Associação Pró-Restauração da Catedral, devendo-se proceder a um levantamento das condições do prédio, a princípio bem piores do que se pensara, e, a partir daí, calcular um orçamento da obra de restauração para busca de recursos junto a empresas e entidades que bancassem o projeto, através de patrocínios, para, após cumpridas estas etapas, dar-se início aos trabalhos, contando eventualmente com o acompanhamento daquele Instituto. (ALVES, 2004, p. 131)

Como etapas fundamentais para a efetivação deste trabalho de restauração, aborda-se aqui a etapa referente ao levantamento de dados (diagnóstico), na qual identificam-se os vestígios causados pela ação do tempo no patrimônio, coletam-se os dados e informações sobre a área investigada para somente após propor melhorias ou ações preventivas aos sinistros

---

<sup>13</sup> O Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural - IBPC, ao qual serão transferidos as competências, o acervo e as receitas e dotações orçamentárias da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, bem como o acervo, as receitas e dotação orçamentária da Fundação a que se refere a alínea d do inciso II do artigo anterior, tem por finalidade a promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro nos termos da Constituição Federal especialmente em seu art. 216. (BRASIL, 1990, Art. 2º, Inciso II). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8029cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8029cons.htm)>. Acesso em: 19 mar. 2017.



encontrados (ALVES, 2004). Sobre essa ordenação do processo, o autor nos revela ainda que:

A metodologia colocada em prática no planejamento e posterior execução das obras da Catedral seguia, entre outras premissas, aquelas que estabeleciam que a restauração é uma operação que deve ter caráter excepcional, tendo por objetivo conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e fundamentando-se no respeito ao material original e aos documentos autênticos. (ALVES, 2004, p. 132)

Os procedimentos de restauro foram fundamentais no templo, exigindo também um trabalho arqueológico, na época, como premissa. Sobre isso, Alves (2004) corrobora ao dizer que:

A partir das obras de restauração haveria um novo acendimento quanto ao valor histórico do velho templo. A imprensa observaria e contribuiria na difusão destas (re)descobertas de natureza histórica. Neste sentido, cumprindo-se a uma das orientações das obras de restauração e de acordo com a perspectiva multidisciplinar que orientou os trabalhos, procedeu-se a um levantamento arqueológico em parte do prédio, obtendo-se notáveis resultados a partir da análise científica dos dados coletados. (ALVES, 2004, p. 133-134)

No ano de 1996, o Jornal Agora fez a veiculação da reportagem sobre esse trabalho arqueológico, destacando o encontro de ossos humanos pelos profissionais, uma vez que se tratava de vestígios dos sepultamentos que eram realizados no templo. A Figura 7 apresenta a divulgação do ocorrido.

**Figura 7** – Divulgação da mídia sobre o material encontrado nas escavações realizadas na Catedral de São Pedro



Fonte: Jornal Agora – Capa, v. 21, n. 5.825, 19/04/1996.

A comunidade, por sua vez, acabou percebendo a movimentação em torno do Centro Histórico da Cidade, produzida através das obras de restauro na Catedral de São Pedro. A mídia colaborava ainda com manchetes que nutriam essa exaltação pelo patrimônio, de modo a preservá-lo cada vez mais contra as ações do tempo. Alves (2004) deixa isso claro ao dizer que:

Se as pessoas estavam acostumadas a passar pelo templo, no seu dia-a-dia apressado, por vezes, sem notá-lo, as obras serviram para um despertar e, inclusive, uma revalorização daquele prédio/testemunho. Além disto, a Igreja passou a ser tema recorrente dos vários órgãos da mídia impressa e eletrônica, colocando a necessidade da preservação do patrimônio histórico como pauta das conversas. (ALVES, 2004, p. 134)

A reabertura da Catedral significaria muito para a comunidade local, pelo fato da

mesma ser considerada como elemento principal em relação à memória e à história da cidade. Na Figura 8 encontra-se um exemplo de manchete, noticiando a importância do monumento em relação ao município.

**Figura 8** – Reportagem do Jornal Agora veiculando a importância da Catedral de São Pedro, no que tange a história e a memória da cidade do Rio Grande/RS

**JORNAL AGORA**  
ANO XXIII - Nº 6.210 - R\$ 0,50 Rio Grande, Sexta-feira, 17 de outubro de 1997 O JORNAL DO SUL

**Pelotão Esperança teve formatura ontem**  
----- Leia mais na página 3

**Catedral reaviva história da cidade**  
A reabertura da Catedral de São Pedro, às 10h de hoje, marca mais um passo no resgate da história e da memória da cidade de Rio Grande. Durante 20 meses, o Município esperou as obras de restauração da mais antiga igreja do Estado, fundada em 1756. As obras revelaram surpresas como algumas ossadas, inclusive a de um ex-governador, e belíssimas imagens e cores por baixo das várias pinturas feitas ao longo de dois séculos  
----- Leia mais na página 3

**Quatro feridos em acidente na estrada da Barra**  
O Gol vinha da Barra para a cidade, quando o motorista perdeu a direção, o veículo capotou e atropelou um ciclista. Três dos ocupantes do Gol foram hospitalizados, assim como o ciclista, que ontem à noite estava em estado grave

**AFROBRAS faz declaração sobre idoneidade moral e religiosa de Pai Mário D'Oxalá** Página 05

**Mosquitos preocupam na Cidade Nova**  
Preocupação: insetos incomodam e assustam, principalmente com a aproximação do verão

Nuvens de mosquitos vêm incomodando os moradores próximos à rua 15 de Novembro, onde um "valetão" a céu aberto provoca a proliferação dos insetos. Com o inverno quente e a chuva nos últimos dias, o problema se acentuou

**ENTREGA DOMICILIAR**  
Anual R\$ 90,00  
Semestral R\$ 48,00  
Trimestral R\$ 25,00  
Mensal R\$ 9,00  
OUTRAS LOCALIDADES  
Parte de correio: R\$ 7,00/mês

Fonte: Jornal Agora – Capa, v. 23, n. 6.210, 17/10/1997.

Sobre as manifestações culturais ligadas ao patrimônio, Pérez López e Marín Cepeda

(2013) afirmam que essas ações envolvem uma participação ativa da comunidade, em torno de uma temática que pode estar associada ao município, como a comemoração de um aniversário ou a fundação de um bem cultural, por exemplo. Nesse contexto, a participação de cada cidadão é muito importante, pelo fato de trazer à tona essa verdadeira importância, que acaba ficando intimamente ligada aos próprios patrimônios culturais.

A reabertura da Catedral de São Pedro no dia 17 de outubro de 1997 foi aguardada com bastante expectativa, seja pelos seus fiéis, pela sua paróquia e também pela comunidade Rio-Grandina. Uma programação em alusão ao evento compreendia três dias e tinha na agenda as seguintes ações:

O ato de abertura; a cerimônia referente ao traslado dos restos mortais pertencentes ao governador Cabral da Câmara<sup>14</sup>; a visitação ao templo; diversas atividades ligadas a exposições; realização de uma missa campal envolvendo a recondução do Santíssimo; concertos ligados à música, através de instrumentalistas e corais; apresentações folclóricas e por fim uma missa com a bênção do Santíssimo. (ALVES, 2004)

Mais uma vez a mídia local foi a responsável por abordar manchetes sobre a reabertura da Catedral, como a que está na Figura 9.

**Figura 9** – Notícia sobre a reabertura da Catedral de São Pedro

---

<sup>14</sup> Segundo MENTZ RIBEIRO, PENHA e PESTANA (2004, p. 51) “O Governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara permaneceu no cargo até 1801, ano de seu falecimento, sendo velado no interior da catedral durante cinco dias e sepultado em frente ao altar-mor, ao lado esquerdo do evangelho”.



FOLHA DA CIDADE sexta-feira, 26 de setembro de 1997 geral 5

## Quatro dias para a retirada dos ocupantes de terreno dos Maristas

A União Sul Brasileira de Educação e Ensino (USBEE) entrou ontem com uma petição ao juiz Luiz Carlos Trindade de Senna, solicitando a urgência na reintegração de posse do terreno do quartelão da Avenida Argentina até o final deste mês. Com o pedido e a decisão já tomada anteriormente pelo magistrado em ampliar o prazo de saída dos ocupantes da propriedade em 60 dias, para que houvesse uma negociação entre os Irmãos Maristas e a Prefeitura, o que não aconteceu, a Justiça definiu pelo cumprimento da lei dando ganho de causa aos religiosos. A saída das 44 famílias do quartelão ocupado dar-se-á na próxima quarta-feira.

Segundo informações colhidas com a assessoria jurídica da USBEE, os Maristas estão dispostos em ceder vários caminhos para a retirada dos móveis e pertences dos moradores. O argumento que está servindo de base para uma solução mais rápida requerida pelos católicos, é de que a Prefeitura já tem uma área que servirá para recolocar os ocupantes. Trata-se de um terreno no Bairro Castelo Branco II.

A possibilidade de negociações está esgotada. Tanto a União Marista como os moradores estão na expectativa de uma ação concreta da Justiça. A idéia levantada pelos ocupantes, de realizar um acordo com a USBEE, onde seria tratado um acerto do pagamento dos lotes ocupados foi considerado pelos maristas como inoportuna. Eles alegam que já houve tempo o suficiente para uma definição com relação a compra do terreno pelos ocupantes, e que agora é tarde demais para uma nova tentativa de negociação.

O irmão Francisco José Ruzzarin, procurador da União, disse que "muito embora diga-se que a população do Bairro Castelo Branco II seja mais carente do que a da região próxima à Avenida Argentina, não podemos reduzir o patrimônio da instituição, do qual não somos donos. Além do mais, no ano em que se completa um século da presença Marista no Brasil, tem significado especial a preservação e a boa utilização dos bens que foram adquiridos com o trabalho árduo e gratuito de muitos Irmãos Maristas". No dia 9 de setembro, representantes da União estiveram em Rio Grande em audiência com o prefeito Wilson Mattos Branco, e foram informados que os outros dois terrenos que a Prefeitura se comprometia a negociar com os Maristas estavam fora da pauta de conversações, devido a um projeto habitacional estabelecido com a Caixa Econômica Federal, restando apenas o do Bairro Castelo Branco II, o que não foi aceito pelos religiosos porque era de menor valor se comparado com o quartelão da Avenida Argentina.

Os moradores, revoltados com a decisão da Prefeitura e dos Maristas, prometem uma mobilização para não serem retirados daquele local, inclusive falam em ação de violência para se manterem em suas casas.

**AÇÃO:** com a negativa da entidade proprietária da área na avenida Argentina em permutar o terreno, as 44 famílias devem deixar o local até quarta-feira

**Marcada cerimônia de reabertura da Catedral**

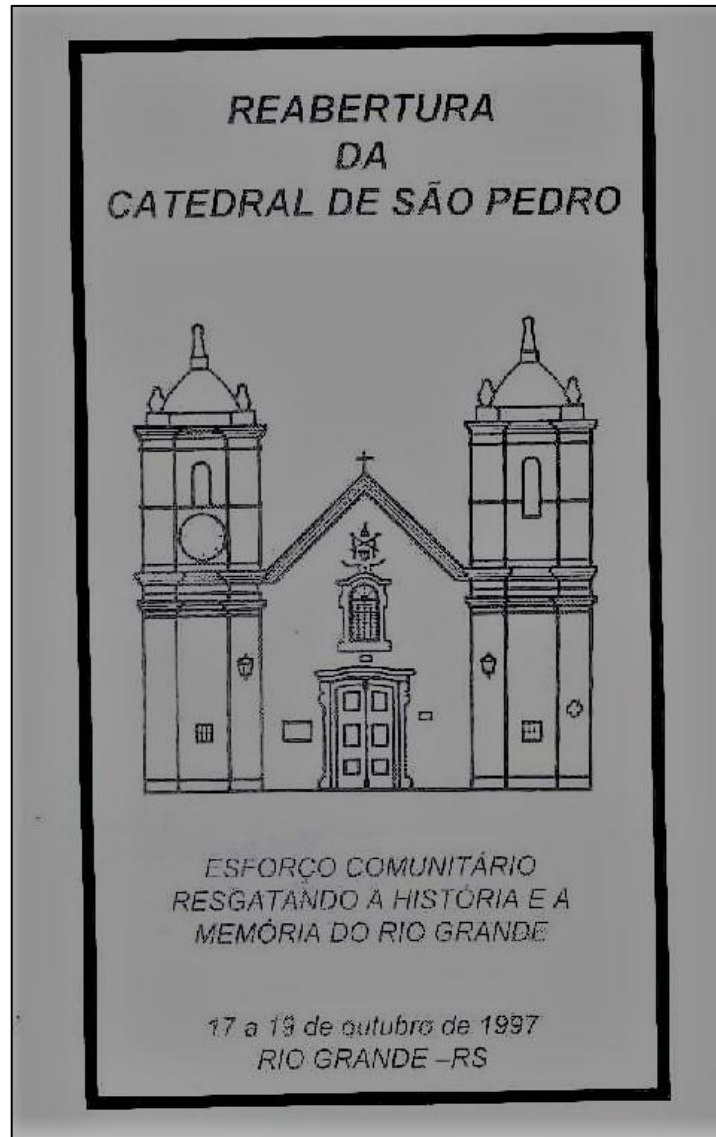
RETORNO: após um período onde passou por completa reforma, a Catedral volta ao convívio dos rio-grandinos

A Diocese do Rio Grande já está expedindo os convites para a cerimônia de reabertura da Catedral de São Pedro. Conforme o bispo Dom José Mário Stroher, o ato será às 10 horas do dia 17 de outubro, uma sexta-feira. Os convites estão sendo feitos conjuntamente entre a Diocese, Ministério da Cultura, Secretaria de Apoio à Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Empresas Petróleo Ipiranga e Associação Pró-Preservação do Patrimônio Artístico e Cultural do Rio Grande. A programação também já está definida. O bispo Dom José Mário Stroher informou que depois da reabertura da Catedral, às 11 horas haverá o recebimento dos restos mortais do governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, transladadas do 6º Grupo de Artilharia de Campanha. Às 20h30min, será celebrada uma missa campal e realizada a Procissão de Recondução do Santíssimo. O local das concentrações será o Largo Dr. Pio.

Fonte: Jornal Folha da Cidade, p. 5, 26/09/1997.

Até mesmo um folder de divulgação foi criado na época, enfatizando o apoio da comunidade na salvaguarda do referido bem patrimonial.

**Figura 10** – Folder de divulgação das festividades, em alusão a reabertura oficial da Catedral de São Pedro em Rio Grande/RS – 1997



**Fonte:** ALVES (2004, p. 141)

Aspectos como o respeito ao patrimônio, a arte e a cultura foram ressaltados pela mídia local, ao enaltecer o que a reabertura da Catedral de São Pedro significaria para a sociedade. Quanto a isso, Alves (2004) comenta que:

O periódico *Folha da Cidade* descrevia que a cidade vivia um momento ímpar, não apenas no plano da religiosidade, mas era também um acontecimento de grande realce nos planos artístico, cultural e turístico para o município. Era colocado em relevo o valor histórico da Catedral, o respeito e o valor que lhe dedicavam os turistas, traduzindo-se num dos principais cartões postais do Rio Grande. (ALVES, 2004, p. 142)

Na sequência é apresentada uma reportagem do Jornal Folha da Cidade, que foi publicada em 17/10/1997 e que mostra a reabertura da Catedral, após concluídas suas obras de restauração.



**Figura 11** – Notícia sobre a reabertura da Catedral de São Pedro, após suas obras de restauração

POLHA DA CIDADE sexta-feira, 17 de outubro de 1997 geral 7

# Voltam a soar os sinos da Catedral de São Pedro

Cerimônia de reabertura da mais antiga igreja do Estado acontece em clima de festa e muita fé



Com presenças importantes, como a do governador do Estado, Antônio Britto, Rio Grande vive hoje um momento ímpar, não apenas no plano da religiosidade com a reabertura, após vários meses de obras, da Catedral de São Pedro. Trata-se de um acontecimento, segundo o bispo Dom José Mário Strocher, de grande realce também nos planos artístico, cultural e turístico para o Município do Rio Grande. Foi colocado em relevo também, o valor histórico da Catedral que há 241 anos possui um grande respeito e procura. É valorizada por turistas também, traduzindo-se num dos principais cartões postais do Rio Grande. A obra custou à iniciativa privada, capitaneada pelas Empresas Petróleo Ipiranga, R\$ 500 mil. De grande complexidade, o trabalho envolveu técnicas modernas de engenharia civil, a partir do pessoal especializado da Empresa Dimtec Engenharia, chefiada por Jorge Nunes. Desde abril de 96, a Catedral passa pela completa reforma, que envolveu minucioso trabalho de restauração dos altares de madeira, sob a res-

**NÚMERO**  
A obra custou à iniciativa privada, capitaneada pelas Empresas Petróleo Ipiranga  
**R\$ 500** mil  
EDITORIA DE ARTE FC

ponsabilidade da restauradora Suzana Cardoso Fernandez, contratada através da Associação Pró-Restauração do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Rio Grande. O altar-mor original teria sido levado para a Igreja de São Carlos, em Maldonado, no Uruguai, por espanhóis, juntamente com outros objetos de valor, isto em 1764. Uma visita ao templo uruguaio acabou não confirmando a suspeita. Oito pessoas trabalharam na detalhada restauração de uma verdadeira obra de arte. Já os três sinos, que voltam a soar, têm história. Chegaram a ser desativados por absoluta falta de manutenção. Agora, foram retirados do campanário e trabalhados pela Metalurgia Pampa, do Rio Grande. Tudo foi custeado pela Ipiranga, a partir da lei que prevê incentivos fiscais à cultura, já que se trata de prédio de reconhecido valor histórico e arquitetônico.

**PROGRAMAÇÃO** - O bispo riograndino Dom José Mário Strocher, entusiasta de uma importante etapa na trajetória da Catedral, celebrou ontem no início da noite, a última missa na Capela de São Francisco, para onde foram transferidos os rituais católicos durante as obras na São Pedro. "Vivemos um momento sobretudo de grande emoção", destacou Dom Mário, dizendo tratar-se de um acontecimento marcado pelo trinômio fé, história e cultura. A Diocese, Ministério da Cultura, Secretaria de Apoio à Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Empresas Petróleo Ipiranga e Associação Pró-Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Rio Grande, assinaram os convites que foram expedi-

dos para a programação desta quinta-feira. O ato de reabertura, marcado para às 10 horas será sucedido pela cerimônia solene do traslado dos restos mortais do governador da Província (1780 - 1801), Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, desde o 6º GAC. Na parte da tarde, a partir das 14 horas, além de visitação pública, serão feitas as Exposições "Catedral de São Pedro, História e Memória", no pavimento térreo do Centro Municipal de Cultura e também na Furg.

É esperado como um dos momentos mais importantes da programação, a missa campal, com a Recondução do Santíssimo, no Largo Dr. Pio, além de apresentações musicais. A primeira missa na Catedral após a sua reabertura, será no domingo, com caráter festivo, inclusive com cantos em latim. A programação que inicia hoje, se estenderá até domingo à noite. O bispo do Rio Grande, disse ter havido um esforço conjunto até se chegar a este momento, exaltando que, doravante, a histórica Catedral de São Pedro poderá melhor acolher aos cristãos.

Fonte: Jornal Folha da Cidade, p. 7, 17/10/1997.

A seguir, outra reportagem enfatizando a importância do Patrimônio Histórico na Cidade do Rio Grande/RS, em um jornal de circulação estadual que mostra a importância do ocorrido não só na cidade, mas em todo o estado e Região Sul do País.



Figura 12 – Manchete informando sobre o templo e a sua reinauguração no município

ZERO HORA  
PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 17 DE OUTUBRO DE 1997  
37  
GERAL

RIO GRANDE

## Mais antiga catedral do Estado é reinaugurada

Reformas no templo consumiram 19 meses de trabalho

MARCOS FONSECA  
Correspondente/Rio Grande

A Catedral de São Pedro, a mais antiga do Estado, será reaberta hoje depois de uma restauração completa que se prolongou por um ano e sete meses. Cerimônias com apresentações culturais e eventos religiosos marcarão as festividades até domingo. A nova imagem do templo católico em estilo colonial português revive os 242 anos da igreja, cujo passado histórico se mistura ao da cidade. Um dos pontos altos do evento será a transferência da urna com os restos mortais de Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, governador da província no século 18, hoje abrigada no quartel do Exército, para o interior do prédio reformado. A reabertura será acompanhada pelo governador Antônio Britto e por representantes das dioceses da zona sul do Estado.

A restauração custou R\$ 500 mil, doados pelo Grupo Ipiranga. A Catedral de São Pedro foi erguida em 1755, quando Rio Grande ainda era a capital do Estado. A igreja testemunhou eventos importantes da colonização gaúcha, como o período de quase 10 anos, a partir de 1776, em que Rio Grande foi dominada pelos espanhóis, expulsos do município

numa luta sangrenta travada com soldados do império português. Na fuga, os espanhóis atearam fogo em residências e levaram o altar principal em madeira da catedral para o Uruguai. Foi também no templo que, em 1809, ocorreu o batizado do patrono da Marinha do Brasil, Joaquim Marques Lisboa, o almirante Tamandaré.

As obras de restauração incluíram a reforma das paredes, do piso e do telhado da igreja, danificados pelo tempo e por infiltrações. Foram recuperados altares e imagens, num trabalho minucioso de restauradores. A fachada da catedral, por exemplo, foi pintada com o tom original do amarelo utilizado há 242 anos. A cerimônia de abertura começará às 10h de hoje. A transferência dos restos mortais do governador da província, morto em 1801, será às 11h. A urna fúnebre, mantida sob guarda no quartel do Exército, será conduzida por soldados uniformizados com roupas do exército imperial, até o interior da igreja. As 14h, o templo será aberto à visitação pública. O bispo dom José Mário Strocher rezará missa ao ar livre às 20h em frente à catedral, localizada na Rua General Bachelar, no centro da cidade. Amanhã e domingo, haverá apresentações de grupos folclóricos, nativistas e corais.

### Imagens e altares receberam cuidados minuciosos e a igreja retomou os tons de amarelo originais

**PROGRAMAÇÃO**

A reinauguração do templo será festejada até domingo:

**HOJE**

- 10h – Ato de abertura
- 11h – Transferência dos restos mortais do governador da província Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara
- 14h – Visitação pública
- 20h – Missa ao ar livre rezada em frente à catedral

**AMANHÃ**

- 9h – Visitação pública
- 14h – Apresentação de grupos nativistas e folclóricos em frente à igreja

**DOMINGO**

- 9h – Visitação pública
- 20h – Missa solene

Restauração: R\$ 500 mil foram gastos para recuperar a igreja em estilo colonial



**A cultura alemã em festa pra você.**

DIAS 17, 18, 19, 24, 25 E 26 DE OUTUBRO  
PARQUE DA OKTOBERFEST  
IGREJINHA • RS

REALIZAÇÃO: AMIFEST Prefeitura Municipal de Igrejinha

10 @  
Oktoberfest

IGREJINHA - RS - 1997

PATROCÍNIO: Chopp Kaiser Pilsen

Fonte: Jornal Zero Hora, p. 37, 17/10/1997.

A cidade apresentava significativo potencial, no que tange a seus aspectos culturais e econômicos, sendo que para Alves (2004, p. 146) “[...] o restauro e abertura da Igreja à comunidade traziam em si efeitos físicos e psicológicos, não só do ponto de vista religioso, mas também de cunho econômico, político e social”. Isto fez com que a urbe ficasse ainda



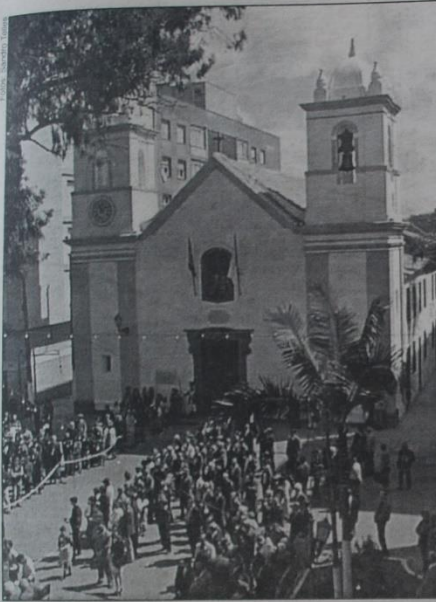
mais conhecida como “Cidade Histórica”, sendo que isso ficou muito evidenciado com a então reabertura da Catedral.

Naquele momento, o desafio que estava posto era o de fazer com que a cidade tivesse uma visibilidade ainda maior, de modo a atingir sua sustentabilidade, uma vez que para Alves (2004, p. 146) “[...] passava-se crescentemente a uma nova batalha em busca de apresentar a cidade como atração turística, utilizando-se inclusive de seu patrimônio histórico”. Ainda sobre a reabertura do templo, pode-se perceber a ocorrência de uma grande comemoração, com a presença das autoridades e da comunidade em geral. Uma faixa simbólica, que estava localizada bem na porta de entrada da Catedral, marcava a sua então reabertura oficial. Fica evidente e registrado o prestígio da sociedade rio-grandina em frente ao templo, o contemplando e também o adorando (ALVES, 2004).

Logo está a reportagem que divulgou o evento na cidade, ocorrido em 17/10/1997.

**Figura 13** – Imagem enaltecendo o Patrimônio Histórico e Cultural do Município

## Comunidade pára na reabertura da Catedral



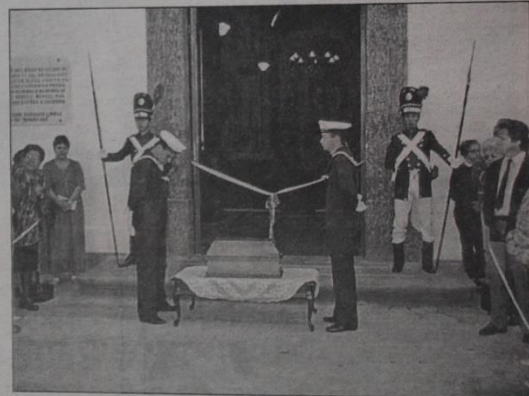
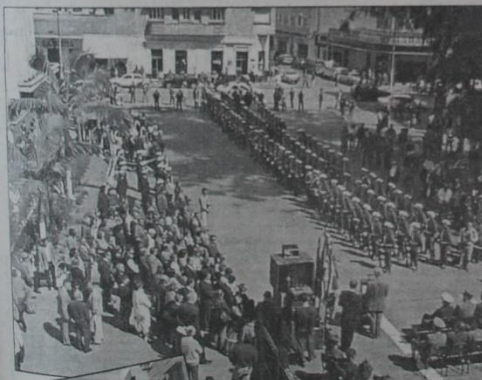
A reinauguração do mais antigo templo do Rio Grande do Sul - a Catedral de São Pedro -, reaberta ontem, atraiu a atenção da comunidade rio-grandina, desde o cortejo militar solene que levou os restos mortais do ex-governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, até a cerimônia realizada no Largo Dr. Pio. Depois de um ano e sete meses em obras, o templo foi entregue à comunidade totalmente restaurado, conservando suas características originais. Conforme a aposentada Preciosa Simões Diniz, 70 anos, presente à reabertura, é "uma grande obra histórica novamente à disposição da comunidade. É um orgulho vê-la aberta novamente".

O evento teve início no Largo Dr. Pio, às 10h, com a palavra de autoridades governamentais - representante do ministério da Cultura, Luiz Fernando Rhoden; secretário estadual da Cultura Nelson Boeira, prefeito Wilson Mattos Branco - e o bispo diocesano dom José Mário Strocher e o presidente da Associação Pró-preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural

de Rio Grande, Walter Badejo. Às 11h30min, saiu do 6º GAC o cortejo militar solene com os restos mortais do ex-governador da Província, Cabral da Câmara, em direção à Catedral, onde foram depositados em um nicho funerário.

Com a Banda Marcial da Escola Medianeira à frente, soldados vestindo fardas de época acompanharam a carruagem que levou a urna com os restos mortais do ex-governador, seguidos de representantes dos CTGs do Município, num cortejo que chamou a atenção do público. A chegada na Catedral aconteceu em cerimônia de pompa, acompanhada pelas autoridades presentes. Cabral da Câmara foi o oitavo governador da província do Rio Grande de São Pedro (Rio Grande do Sul). Nomeado governador em abril de 1780, esteve por 21 anos no governo do Estado.

O governador do Estado, Antônio Brito, chegou à Catedral uma hora depois do horário marcado (11h), mas a tempo de fazer o corte da fita inaugural, acompanhado do bispo diocesano, do arquiteto Luiz Fernando Rhoden, do diretor da Ipiranga Sérgio Saraiva, e do presidente da Aphaç, Wal-



1 e 2 - Solenidade de inauguração da Catedral e Banda dos Fuzileiros Navais  
3 - Chegada dos restos mortais do ex-governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara  
4 - Governador Antonio Brito, D. José Mário, autoridades e convidados observam trabalho de restauração  
5 - Banda da Escola Medianeira à frente dos restos mortais



ter Badejo, dando início à visita ao templo restaurado. O descerramento da placa inaugural, afixada no interior da igreja, foi feito pelo governador, pelo presidente da Aphaç e pelo secretário Nelson Boeira. À tarde, a Catedral ficou aberta à visitação pública e várias atividades comemorativas foram realizadas, como exposições, missa campal e evento musical.

Fonte: Jornal Agora – Caderno Especial, p. 1-2, 17/10/1997.

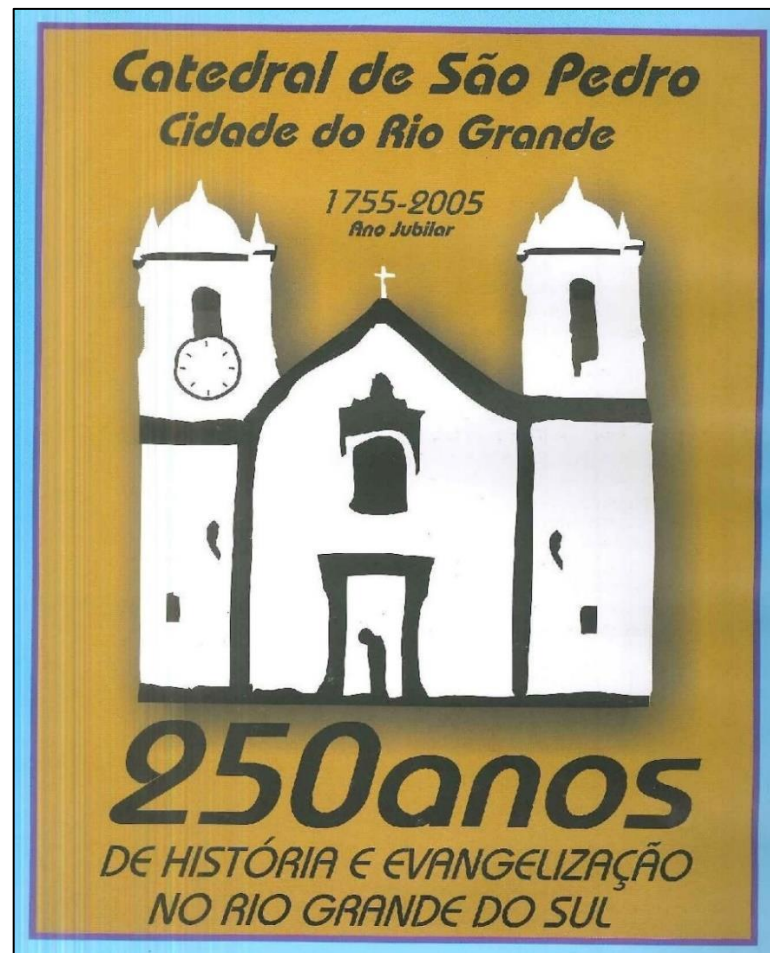
O sentimento que havia ficado na população da cidade era o de gratidão, explicitado através das palavras de Alves (2004) ao dizer que:

Assim, a restauração da Catedral de São Pedro teve um amplo significado para as inter-relações com a comunidade rio-grandina, servindo para revigorar este íntimo contato da população com o prédio, o templo e todas as suas representações, vivências e sentidos para a vida dos rio-grandinos. (ALVES, 2004, p. 150)

Buscou-se compreender o processo de autovalorização identitária, no que concerne a singularidade que a Catedral representava para cada indivíduo, ao que Alves (2004, p. 151) nos remete dizendo que “[...] a Catedral de São Pedro exerceria um relevante papel, ocupando lugar especial na memória coletiva rio-grandina, a ponto de tornar-se um símbolo desta urbe portuária”. Novamente a constância na representação simbólica atribuída a cidade mostra-se mais forte, com total sentido de pertencimento.

No ano seguinte, a Catedral comemoraria 250 anos e foram elaborados diferentes materiais para a divulgação desta data. A seguir, apresenta-se a reprodução do cartaz que foi utilizado nas comemorações de aniversário dos 250 anos da Catedral de São Pedro.

**Figura 14** – Cartaz comemorativo do aniversário de 250 anos da Catedral de São Pedro



**Fonte:** ALVES (2004, p. 152)

Junto ao cartaz, foi elaborado também um folder informativo, contendo referências sobre o histórico da Catedral, ao mesmo tempo em que divulgava ainda as imagens santuárias e as demais inscrições pertencentes ao templo.

**Figura 15** – Folder informativo, referente aos seus 250 anos de existência (vista externa)





Imagem de Nossa Senhora das Dores. Imagem de Roca de 1815.



Imagem de Santa Rita de Cássia do séc. XVIII. Imagem Barroca das mais antigas da Catedral, com camada pictórica original.



O Batistério, à esquerda de quem entra no templo, é dos primeiros tempos da construção. Nele encontramos a Pia Batismal, em pedra vinda de Portugal, onde o Almirante Tamandaré, recebeu o Santo Batismo.



No Batistério também encontramos a Arca Dourada - obra artisticamente esculpida em madeira, usada como Tabernáculo de Jesus Eucarístico durante a Semana Santa.



Dom Frederico Didonet



Rafael Pinto Bandeira



Sebastião Xavier da Veiga Cabral de Câmara

**Capela Votiva**

- Túmulo de Dom Frederico Didonet († 1988) - primeiro Bispo Diocesano;
- Urna com os restos mortais do Monsenhor Eurico de Mello Magalhães, destacado Vigário.

**Acesso à Capela Votiva, urnas de:**

- Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, rio-grandino († 1795) - "maior espada continental do séc. XVIII".
- Tenente-General Sebastião Xavier da Veiga Cabral de Câmara - Primeiro Governador do Rio Grande do Sul, governou de 1780 a 1801, quando morreu e aqui foi sepultado. Foi exumado e identificado em 1997.

**Catedral de São Pedro**  
 Rua Gen. Bacelar, 440 - CEP: 96200-370  
 Fone: (53) 232-8696 - Rio Grande - RS  
 E-mail: catedraisaoopedro@vetorial.net

Patrocínio:



Foto: João Paulo  
 E-mail: joaopaulo@vetorial.net

**Catedral de São Pedro**  
 Cidade do Rio Grande - RS


1755-2005



**250 anos**  
 DE HISTÓRIA E EVANGELIZAÇÃO  
 NO RIO GRANDE DO SUL

Fonte: Acervo da Catedral de São Pedro, 2017

Figura 16 – Folder informativo, referente aos seus 250 anos de existência (vista interna)



A provisão de 6 de agosto de 1736, da Diocese do Rio de Janeiro, criou a primeira Paróquia no atual território do Rio Grande do Sul.

A igreja mais antiga desde Laguna - SC até Montevidéu, no Uruguai, é a nossa atual Catedral de São Pedro construída em 1755.

Seu prédio é em estilo Barroco colonial português.


Em 1938 foi tombada pelo Governo Federal.

Em 1972 a Matriz é elevada à Catedral e, com a instalação da Diocese do Rio Grande, foi Dom Frederico Didonet designado seu primeiro Bispo.

Em 1997 seu prédio foi totalmente restaurado. No seu interior encontramos verdadeiras relíquias da arte sacra dos séc. XVIII e XIX.

A Catedral de São Pedro é um local sagrado, de oração, de encontro com a história do povo gaúcho e de evangelização. Aqui se inspira História e Fé, que se fundem num só regozijo pela passagem do seu Ano Jubilar que transcorre de 25 de agosto de 2004 a 25 de agosto de 2005.

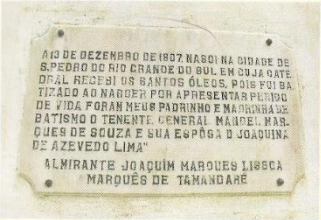





Vista geral da nave, com sete retábulos em estilo Neoclássico e o retábulo de São Miguel em estilo Barroco.



Placa de mármore com inscrições gravadas que comprovam a data da construção do Templo, colocada sobre o pórtico da entrada.



Transcrição parcial de uma carta de Tamandaré, gravada em placa junto ao pórtico.



No Retábulo-Mor encontramos a imagem de São Pedro - Padroeiro do Rio Grande do Sul, da Cidade do Rio Grande, da Diocese e dos Pescadores.



Retábulo de São Miguel de 1780 - é um dos mais importantes do Rio Grande do Sul, do ponto de vista histórico e artístico (séc.XVIII). Trata-se do único retábulo aqui encontrado que mantém ainda na íntegra, a camada pictórica original nas cores: carmim, azul e dourado, com características do período Barroco.

Fonte: Acervo da Catedral de São Pedro, 2017

Considerada ainda como um lugar de memória histórica e coletiva pela comunidade, a Catedral de São Pedro representa toda essa historicidade do município do Rio Grande. Essa importância é revelada quando pensamos a igreja como um núcleo responsável pela formação do povo rio-grandino, no momento em que ela foi considerada como um símbolo da cidade, mesmo que ainda não oficial. Por estar localizada no centro histórico do Rio Grande, ela foi e continua sendo um grande ponto de encontro, através das vivências da população em si e até mesmo pelo simples fato dessas pessoas “passarem em frente” do templo diariamente. Na passagem dos seus 250 anos, a Catedral tornou-se um lugar de memória histórica, corroborando ainda nas relações existentes entre o passado e o presente da sociedade (ALVES, 2004).

A Catedral tornar-se-ia símbolo da Cidade do Rio Grande, por toda representatividade que sua imagem exaltava diante daquela sociedade. Até mesmo sua localização foi mencionada, pelo fato de contribuir para que os cidadãos que ali passassem, pudessem se sentir inseridos naquele grande centro histórico de fato. Alves (2004) colabora ainda mais ao dizer que:

[...] a Matriz, portas sempre abertas, tornou-se, mais do que tudo, a casa do povo, e não é para menos que o largo no qual está localizada, até os dias atuais, persiste como ponto chave das manifestações populares, herança da história, da tradição e do tempo, através dos quais a Igreja foi eleita como o epicentro de irradiação desta litorânea sociedade. A silhueta da Catedral desenhada em rápidos traços, até a contemporaneidade, é o símbolo da cidade do Rio Grande, preenchendo o imaginário coletivo dos rio-grandinos, onde quer que eles estejam. (ALVES, 2004, p. 22)

Na Figura 17, pode-se observar a ocupação do Largo Dr. Pio para a realização de manifestações públicas, como a ocorrida no dia 15/03/2017 e que fez menção a mobilização dos cidadãos contra a reforma da Previdência Social Brasileira. A Catedral de São Pedro ficou em evidência na fotografia, por estar fazendo parte do espaço pertencente ao referido Largo.

**Figura 17** – Manifestação popular no espaço público em frente à Catedral de São Pedro, no dia 15/03/2017



**Fonte:** Registro fotográfico feito por Cleiton Bengua, 2017.

Outro fato muito relevante ocorreu em 02/07/2016, dia em que a Catedral de São Pedro foi alvo de pichações. Segundo as palavras do pároco responsável pela Catedral, Raphael Colvara Pinto<sup>15</sup>, o ato da pichação foi uma forma de vandalismo frente ao Patrimônio Histórico e Cultural, desmerecendo assim sua total importância Histórica Nacional. Toda essa ação acaba por envolver um misto de sentimentos diante da comunidade, como o do pertencimento, de valorização ao patrimônio, de respeito pelos espaços públicos e até mesmo sobre a educação através do olhar.

Dependendo do viés que é atribuído a algum tipo de manifestação, pode-se pensar que elas exprimem uma forma de comunicação, dos sujeitos que não se sentem pertencidos nem inseridos naquele espaço. Isso contempla também as relações de poder existentes na sociedade, pois a força que um ato pode gerar reflete uma visibilidade ainda maior da mensagem, seja através de um *graffiti* ou até mesmo de uma pichação, por exemplo.

Conforme aponta Sberni Jr, Saraiva e Martino (2006, p. 481) podemos pensar que através desse ato é possível haver uma “possibilidade de criação de laços íntimos com o espaço, na tentativa de se evitar a depredação de bens e locais públicos, bem como pensar a importância destes para a paisagem urbana e o espaço comum de convivência”.

Ainda sobre esse assunto ligado a preservação do patrimônio, os mesmos autores contribuem ao dizer que:

---

<sup>15</sup> JORNAL AGORA. **Igreja mais antiga do Estado é alvo de pichações**. 2016, p. 03. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/000337975ea49c00f069b>>. Acesso em: 21 mai. 2017



Os caminhos da preservação passam necessariamente pelo conhecimento da população dos edifícios e monumentos que se relacionam à cultura material de determinada localidade. O conhecimento pode possibilitar uma reação afetiva ou degenerativa em relação ao bem, observada na quantidade de pichações e ações de vandalismo em uma infinidade de monumentos erguidos ao passado. Em contrapartida, quando existe uma identificação com esse bem patrimonial há assim uma afinidade que se transforma em respeito e até admiração. (SBERNI JR, SARAIVA e MARTINO, 2006, p. 490-491)

Na sequência, estão evidenciadas as imagens do ato de pichação na Catedral bem como do título utilizado na capa pelo Jornal Agora<sup>16</sup>, para divulgar a notícia.

**Figura 18** – Imagem da Catedral de São Pedro em referência ao ato de pichação ocorrido em 02/07/2016



Fonte: Jornal Agora, v. 41, n. 11.487, 04/07/2016.

**Figura 19** – Capa do Jornal Agora sobre a notícia da pichação na Catedral

<sup>16</sup> JORNAL AGORA. **Catedral de São Pedro é alvo de pichações**. 2016. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/books/000337975ea49c00f069b>>. Acesso em: 21 mai. 2017

SEGUNDA, 4 DE JULHO DE 2016 R\$ 1,50

■ **TRÂNSITO**  
Uso do farol baixo passa a ser obrigatório em rodovias a partir de sexta **Página 11**

INGRESSO DE 10% PARA ACESSO AO ESTÁDIO DO SÃO PAULO

■ **SÉRIE D**  
  
São Paulo perde em casa e cai para a segunda colocação **Página 9**

■ **CÂMARA MUNICIPAL**  
Sessões legislativas estão com transmissões suspensas **Página 4**

■ **ESPECIAL ADI**  
Sartori: o Rio Grande não vai sair das dificuldades sozinho **Páginas 6 e 7**

■ **PAÍS**  
Rótulos passam a ter que indicar presença de alergênicos **Página 12**

■ **PAÍS**  
Governo prorroga prazo para saque do PIS/Pasep de 2014 **Página 12**

■ **NESTA EDIÇÃO**  


# AGORA

O JORNAL DO SUL • www.jornalagora.com.br

## Catedral de São Pedro é alvo de pichações



No último sábado (3), a Catedral de São Pedro - igreja mais antiga do Estado - amanheceu com pichações em sua fachada. O ato desencadeou uma série de manifestações nas redes sociais e, durante o sábado, todos que passavam em frente à Catedral demonstraram surpresa e desgosto, ao ver o ato de vandalismo no prédio que é patrimônio histórico do Rio Grande do Sul. A ocorrência do caso foi registrada na polícia e serão solicitadas ao Executivo Municipal as imagens das câmeras de monitoramento próximas à Praça Dr. Pio. **Página 3**

■ **PAÍS**  
Proibição de recursos de empresas traz desafio para campanhas eleitorais **Página 13**

■ **SENADO**  
Jogos de azar estão na pauta de votações para as próximas semanas **Página 13**

**PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO**  
Filhas, netos e neta de  
**SYDNÉA DIAS DIAZ**  
participam com pesar o seu falecimento, ocorrido dia 3 de julho de 2016, e convidam familiares, amigos e ex-alunos para o velório na Capela A do Cemitério Local, hoje, até as 11h. Após, o féretro segue para a cremação. A família, enlutada, antecipo agradecimentos

Fonte: Jornal Agora – Capa, v. 41, n. 11.487, 04/07/2016.

Espera-se que através da Educação Patrimonial seja promovida a valorização dos bens culturais, fazendo com que situações como essas não voltem a se repetir na cidade.

A seguir, o Capítulo III apresentará a metodologia que foi desenvolvida ao longo da pesquisa, para que assim pudesse se chegar às respostas, frente aos objetivos que foram apresentados no início desta Dissertação.



### CAPÍTULO III – METODOLOGIA

Pode-se dizer que uma dissertação tem por intuito produzir informações, pelas quais seja suficiente responder os questionamentos propostos ao longo da investigação. Para tanto, é necessário haver uma metodologia bastante elaborada, para fins de resposta aos objetivos e também para a resolução do então problema. Para corroborar ao exposto, Gil (1999, p. 56) nos diz que a metodologia é “um conjunto de procedimentos ou operações mentais que se devem empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa”. Ela é considerada ainda como o roteiro de etapas a serem realizadas, no que se refere ao andamento da pesquisa, tornando-a assim efetiva.

Esta pesquisa teve por base diversos tipos de abordagem, no que concerne ao modo de como os dados foram descobertos. No que diz respeito à sua finalidade, se deu de forma aplicada e que segundo Cozby (2009, p. 24) é “realizada com o objetivo de examinar questões relativas a problemas práticos e suas potenciais soluções”, levando em conta também os interesses locais na resolução do problema, que foi detectado no momento em que aconteceu a proposição desta investigação.

Já sobre sua natureza e abordagem, a pesquisa apresentou aspectos qualitativos e quantitativos. Na intenção de poder oferecer um melhor entendimento quanto à busca pela solução do problema, ela é considerada qualitativa e que, segundo a concepção de Rodrigues (2007, p. 38-39), “analisa e interpreta dados relativos à natureza dos fenômenos, sem que os aspectos quantitativos sejam a sua preocupação precípua [...] é a denominação dada à pesquisa que se vale da razão discursiva”. Também foi utilizado alguns aspectos quantitativos, pelo fato de ser necessário após o fim da coleta de dados o uso de tabelas e/ou gráficos, de modo a explicar as variáveis que foram consideradas no instrumento aplicado aos respondentes da pesquisa (questionário).

A pesquisa abrangeu tanto a pesquisa bibliográfica quanto documental. Severino (2007) enuncia que:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122).

No que tange a pesquisa documental, as fontes são constituídas de outros tipos de documentos que não somente os livros, a exemplo dos projetos pedagógicos, das fotos,

panfletos, cartazes, artigos de jornais, guias turísticos entre outros. Não se pode deixar de mencionar que, segundo Severino (2007, p. 123) “os conteúdos dos textos que ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise”.

Esses materiais possuem um valor importante dentro do contexto ao qual estão inseridos, pelo fato de guiar o pesquisador e fazer com que se tenham os parâmetros necessários para sanar as dúvidas existentes, que vão aparecendo no decorrer da pesquisa. Frente a isso, Gil (2010, p. 51) alude que “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”.

Quanto à temporalidade da pesquisa, afirma-se que a mesma possuiu caráter transversal, pois foi realizada e concluída em um curto período de tempo, ou seja, nos semestres em que foram cursadas as disciplinas pertencentes ao PPGH da FURG.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um Questionário (APÊNDICE A) aplicado aos profissionais da educação, com o objetivo principal de dar ouvidos a esses professores que atuam nas escolas da cidade do Rio Grande/RS. Com a proposição das Cartilhas, que deverão ser utilizadas pelos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e também pelos alunos, foi muito importante fazer com que os docentes se sentissem à vontade para explanar o conhecimento que possuem sobre a Catedral de São Pedro, diante de suas práticas pedagógicas no cotidiano.

Segundo Severino (2007, p. 125), o questionário é composto por um:

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas.

Quanto às instruções que o instrumento de pesquisa deverá ter quanto ao seu preenchimento, Thums (2003, p. 148) expressa que:

[...] poderão constar no próprio questionário ou numa folha em separado, onde também constarão os objetivos, finalidades básicas do estudo, para que o respondente possa sentir-se mais motivado para preenchê-lo e devolvê-lo com a maior brevidade possível.

### 3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para responder aos objetivos específicos da pesquisa, cabe salientar que ela foi dividida em várias etapas:

A primeira etapa constitui-se de uma pesquisa bibliográfica nos livros e materiais que fizeram alusão a história e memória da Catedral, ressaltando sua importância frente a então Vila de São Pedro e também a Cidade do Rio Grande/RS. A pesquisa ainda fundamentou as questões ligadas ao ensino de História e também a Educação Patrimonial.

Foi discutida a relevância que o ensino da História local do município possui nas escolas, concernente aos anos iniciais do ensino fundamental, partindo do bem patrimonial entendido como premissa inicial nesta pesquisa que é a Catedral de São Pedro. Também foi analisado o modo pelo qual a Educação Patrimonial está inserida no ensino de História, no que diz respeito aos anos iniciais das escolas de Ensino Fundamental em Rio Grande.

Na segunda etapa foi realizada uma pesquisa documental, através da análise das fontes primárias que relataram e/ou descreveram as representações da Catedral diante do histórico do município, considerando também os valores atribuídos aos seus sentidos. Na pesquisa documental, foram utilizados como fontes: projetos pedagógicos, folders, cartazes, artigos de jornais, guias turísticos, de modo que essa análise documental permitiu perceber as representações da Catedral como patrimônio em diferentes canais de comunicação.

Para isso, foi necessário verificar os Projetos Pedagógicos da 18ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e da Secretaria de Município da Educação (SMED) de modo a constatar quais assuntos que estavam sendo abarcados no ensino de História, sobre a categoria do Patrimônio mais precisamente, em relação as escolas de Ensino Fundamental da cidade do Rio Grande/RS. Após isso, foi possível determinar para qual adiantamento escolar seria interessante a produção do material didático, com vistas de trabalhar a Educação Patrimonial e a Catedral de São Pedro, especificamente.

Na terceira etapa foi confeccionada uma proposta de trabalho de Educação Patrimonial a partir da Catedral de São Pedro, através da criação de duas Cartilhas. A primeira delas apresenta seu conteúdo voltado para os Professores (APÊNDICE B), de modo a ser utilizada como suporte pelos profissionais da educação, que trabalham com o ensino de História nas escolas de Rio Grande/RS. Já a segunda Cartilha foi elaborada para ser utilizada pelos Alunos (APÊNDICE C), tendo em vista que seu conteúdo possui diversas sugestões de exercícios e atividades, em referência a proposta de Educação Patrimonial por meio da Catedral.

Nos recursos didáticos foram ressaltados seus objetivos principais, especificando seus

públicos-alvo, através de uma linguagem clara, acessível e de fácil compreensão. Buscou-se atender aos princípios da metodologia da Educação Patrimonial, contemplando as Etapas de Observação, Registro, Exploração e Apropriação.

Para que sua elaboração fosse possível, aplicou-se ainda um questionário, que foi composto por dez questões, sendo que cinco dessas eram abertas e as outras cinco eram fechadas. Ainda é válido comentar que mesmo em algumas perguntas fechadas, havia a opção para que fosse colocado algum tipo de comentário, caso fosse necessário.

Salienta-se que os respondentes do mesmo foram os Professores das escolas da cidade do Rio Grande/RS, que atuam frente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Como escolas, considerou-se aquelas advindas tanto da Rede Municipal quanto da Rede Estadual da cidade. Essas escolhas se deram através de uma amostra, que teve caráter intencional, ou seja, por conveniência ao foco da pesquisa.

Conforme mencionado no cabeçalho do instrumento de coleta de dados que foi aplicado, manteve-se em anonimato a identificação dos professores que participaram desta pesquisa, de modo a preservar sua respectiva imagem. A colaboração dos mesmos foi muito enriquecedora, pois permitiu verificar e compreender o conhecimento que cada um deles possui, no que concerne a Catedral de São Pedro e também ao próprio Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS.

O questionário foi elaborado por meio da Ferramenta Digital conhecida por “Formulários *Google*<sup>17</sup>” e enviado para os endereços de *e-mail* de 11 Professores no mês de Julho de 2017, sendo que somente sete desses responderam ao instrumento. Um dos critérios utilizados para a escolha dos respondentes era que lecionassem em escolas, podendo essas pertencer a Rede Municipal ou a Rede Estadual de ensino e que estivessem localizadas na cidade do Rio Grande/RS. Preferiu-se também que suas Práticas Pedagógicas estivessem voltadas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, visto que é nessa fase que o educando aprende conteúdos ligados ao ensino de História da cidade, a exemplo dos Patrimônios que a compõem.

Na sequência, o Capítulo IV exporá os resultados alcançados ao longo da pesquisa.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>>. Acesso em 29 ago. 2017.

## **CAPÍTULO IV – A CATEDRAL PELOS OLHOS DOS RIO-GRANDINOS: PRIMEIROS RESULTADOS**

Neste capítulo serão apresentados os achados desta pesquisa, que se constituem nos resultados da análise documental, pelo qual aponta-se a representação da Catedral em diferentes objetos e canais de informação da cidade. Também se realizou uma análise no material referente aos Projetos Pedagógicos da SMED e da 18ª CRE, no que tange ao ensino de História do Município do Rio Grande/RS.

### **4.1 A IMAGEM DA CATEDRAL DE SÃO PEDRO E SUAS DIVERSAS REPRESENTAÇÕES**

Considerando a imagem da Catedral de São Pedro como símbolo do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade do Rio Grande/RS, cabe salientar ainda que sua representação está presente em alguns objetos e prédios, reconhecendo e permeando assim seu valor histórico no município. Um exemplo desta representação é a que está sendo utilizada na bebida Jurupiga, típica da Ilha dos Marinheiros, localizada no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande.

Os dois produtores residentes na Ilha dos Marinheiros, e que são os responsáveis pelo ofício da produção e comercialização deste vinho chamam-se Rosângela Maria da Costa e Hermes Silva Dias<sup>18</sup>. O produto é conhecido graças às ações de turismo praticadas na Ilha e seu artesanato ficou fortemente marcado no ano de 2010, quando passou a ser considerado como Patrimônio Cultural Imaterial do Rio Grande/RS.

Na sequência, estão as imagens que revelam a rotulagem utilizada na bebida Jurupiga (comercializada através das garrafas de 50ml e de 355ml) bem como a descrição da sua composição. Mostra-se também o símbolo da Catedral de São Pedro, que é utilizada pelos idealizadores do vinho na Ilha dos Marinheiros, por entender que esse patrimônio possui relevância na cidade.

**Figura 20** – Símbolo da Catedral de São Pedro através do rótulo da bebida Jurupiga (garrafa de 50ml)

---

<sup>18</sup> Informações embasadas no blog “Château de Jane”, referente a matéria publicada “Jurupiga – um cálice de sabor”. Disponível em: <<http://chateaudejane.blogspot.com.br/2012/11/jurupiga-um-calice-de-sabor.html>>. Acesso em: 22 fev. 2017.



Fonte: Acervo do autor, 2017.

Figura 21 – Rótulo da bebida Jurupiga (garrafa de 355ml)



Fonte: Acervo do autor, 2017.



Outro exemplo de uso da imagem da Catedral como símbolo é a representação que está presente nos prédios do Ginásio Municipal de Esportes Professor Farydo Salomão e comumente conhecido por Ginásio da Praça Saraiva, por estar localizado na mesma. Através da Lei municipal nº. 4.735, de 15 de janeiro de 1993<sup>19</sup>, que foi promulgada pelo Presidente da Câmara do Rio Grande, o então vereador da época Luiz Alberto Modernell, o antigo “Ginásio de Esportes Conselheiro Saraiva” passou a ser denominado como “Professor Farydo Salomão”. Este foi oficialmente inaugurado no dia 27 de julho de 1994, e sediou diversos campeonatos e competições esportivas no âmbito da cidade.

Na fotografia que segue, podemos ver o uso da imagem da Catedral.

**Figura 22** – Imagem da Catedral de São Pedro, disposta na parede do Ginásio Municipal de Esportes Professor Farydo Salomão como símbolo da Cidade



**Fonte:** Acervo do autor, 2017.

Observa-se, nas Figuras 22 e 23, que a imagem não possui data e não está vinculada a uma gestão específica, pois está presente na edificação há vários anos, fazendo assim parte

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://leismunicipa.is/fsgpe>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

do cotidiano das pessoas que por ali passam diariamente.

**Figura 23** – Vista da imagem da Catedral na parede, ao lado do nome oficial do Ginásio



**Fonte:** Acervo do autor, 2017.

No que se refere a Catedral de São Pedro ser considerada como símbolo municipal, o ano de 1987 foi decisivo para que isso ocorresse, pois na comemoração do aniversário de 250 anos, o símbolo escolhido para tal representação foi uma imagem em que se destacavam o templo, o número 250 e o slogan “Rio Grande – Cidade Histórica”. A Catedral assumia assim características institucionais de símbolo do município, mesmo sabendo que não existia nenhum ato oficial que a designasse como, uma vez que sua própria imagem já veiculava essa representação. Esse sentimento de reconhecimento e aceitação da simbologia já era visto, até então, de uma forma bem nítida pela comunidade. (ALVES, 2004).

Indícios desta representação podem ser atestados através da Figura 24, na qual a imagem da Catedral foi empregada no guia da cidade, publicado em 1987. Observa-se que a imagem da Catedral apontada ao lado de fotografias da cidade ocupa 50% da ilustração, enfatizando sua importância em comparação com os demais símbolos.



Figura 24 – Guia-Mapa da cidade do Rio Grande/RS – 1987



Fonte: ALVES (2004, p. 127)

Mais uma importante publicação que demonstra a utilização da imagem da Catedral de São Pedro no município é o Plano Turístico (VALENTE, 2006), divulgado através da PMRG, em parceria com a Secretaria Municipal do Turismo, Esporte e Lazer (SMTEL) e também com a FURG. Pode-se dizer que a cidade tem um enorme potencial para que ocorra, de fato, um pleno desenvolvimento turístico, através da associação dos mais diversos setores que movimentam a economia local e regional. Com base neste pensamento, foi firmado em 2003 um convênio entre a Administração Municipal e a FURG, com o intuito de mobilizar os setores públicos e privados na execução de ações, para assim alicerçar a importância da

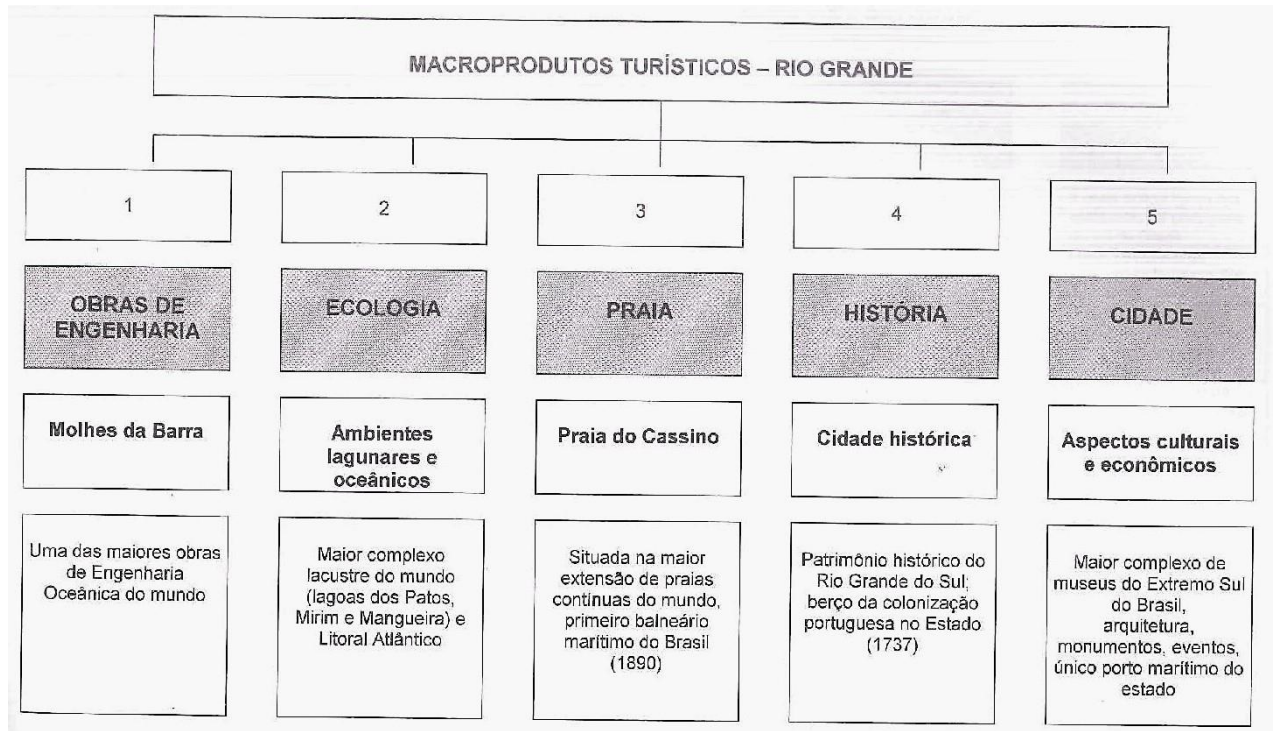
cidade como um polo turístico. (VALENTE, 2006)

Uma das estratégias para consolidar esta proposta foi a criação do livro “Plano Turístico: Rio Grande, Cidade Histórica, Cidade do Mar”, e que evidencia diversas possibilidades de *marketing*, produtos turísticos e técnicas diante das potencialidades que fazem parte do município em âmbito geral, ressaltando ainda a imagem da Catedral de São Pedro como símbolo da cidade. Uma delas se refere ao *Slogan* “Rio Grande, Cidade Histórica, Cidade do Mar” utilizado pelo município como uma estratégia de *marketing*, e que segundo Valente (2006):

ênfatisa o aspecto histórico da cidade mais antiga do Estado, berço da colonização portuguesa no Extremo Sul do Brasil e considerada Cidade Histórica, Patrimônio do Rio Grande do Sul, conforme Decreto Estadual n.º 34472/1992. Ao mesmo tempo, sinaliza para a diversidade de atrativos e para a relevância das múltiplas atividades relacionadas ao mar e ao ecossistema estuarino e costeiro, como o único porto marítimo do Estado, a sede do comando do 5.º Distrito Naval, a universidade voltada para o mar, a pesca, o balneário Cassino e a nascente indústria naval (VALENTE, 2006, p. 55).

O Plano Turístico tinha por função representar os cinco macroprodutos turísticos do Rio Grande/RS (Obras de Engenharia, Ecologia, Praia, **História** e Cidade). No que se refere ao grifo realizado no macroproduto “História”, considera-se aqui a importância que a Catedral de São Pedro possui frente aos fatos históricos do Município e também do Estado. Os referidos macroprodutos podem ser observados e compreendidos através da Figura 25:

**Figura 25** – Macroprodutos Turísticos da Cidade do Rio Grande/RS



Fonte: VALENTE (2006, p. 72)

Ainda na mesma publicação deste autor, ficou evidenciada a importância da logomarca que havia sido utilizada para compor a representação. Sobre o significado dela, Valente (2006) alude que:

**a marca traz o desenho da Catedral de São Pedro, que representa os aspectos história e cidade e que já era utilizada como símbolo do município, servindo como elemento central da composição.** O desenho das vagonetas identifica a praia e os molhes da barra, uma das maiores obras de engenharia oceânica do mundo. Já a gaiivota representa a ecologia, e as águas, o mar. Os diferentes elementos estão integrados de forma orgânica, de modo a apresentar a cidade como amigável e receptiva ao turista. A letra de “Rio Grande” foi feita de uma fonte com serifa a fim de expressar sua ligação com a história. Os decodificadores da marca “Cidade Histórica, Cidade do Mar” foram colocados em tamanho bem menor a fim de destacar “Rio Grande”, e sua escrita é toda com letras minúsculas a fim de expressar um sentimento amigável e convidativo. Finalmente, as cores azul e amarelo-alaranjado se referem à praia e também ao sentimento de calor humano, que é importante expressar (VALENTE, 2006, p. 55-56, **grifo nosso**).

É importante destacar que na conceituação da logomarca, a Catedral de São Pedro já possuía uma significação representativa diante do município, o que ficou ainda mais evidente através de sua própria figura, acompanhada das vagonetas, a gaiivota e também o balanço das ondas no mar, que estão em pleno destaque na ilustração. Todos estes detalhes, ora mencionados pelo autor do livro na citação anterior, podem ser observados na imagem que segue:



**Figura 26** – Logomarca utilizada no Plano Turístico da Cidade do Rio Grande, enfatizando a Catedral de São Pedro



**Fonte:** VALENTE (2006)

Ainda sobre as estratégias utilizadas para potencializar o desenvolvimento turístico, destaca-se também o símbolo da cidade, referenciado como tradicional por Valente (2006, p. 57) e que “está enfatizado o traçado da fachada da Catedral de São Pedro, acrescido do decodificador Rio Grande, Cidade Histórica, Patrimônio do Rio Grande do Sul”. Mais uma vez a Catedral se faz presente como patrimônio ao qual identifica o município, e isso pode ser observado na Figura 27:

**Figura 27** – Imagem evidenciando a Catedral de São Pedro e a Cidade do Rio Grande/RS como Patrimônio do Estado



**Fonte:** VALENTE (2006, p. 57)

Tratando da relação existente entre as ações ligadas ao turismo e os patrimônios pertencentes às cidades, Marcelo Brito (1998) nos diz que:

A tendência de associação entre patrimônio histórico e turismo, desde que respeitadas as regras de preservação, em busca de uma mútua sustentabilidade, ganhava espaço em termos mundiais. Neste quadro, considerando as estruturas física e humana existentes nos núcleos históricos, a permanência deve significar a manutenção da cidade, permitindo, segundo uma perspectiva dialética de sua dinâmica urbana, que os núcleos históricos sejam apropriados em sua contemporaneidade, ou seja, possam e devam de um lado resguardar as características essenciais que os identificam, sem, por outro, deixar de absorver a modernidade que a dinâmica das relações sociais submete à estrutura consolidada destes assentamentos. (BRITO, 1998, p. 105)

Além do mais, no mesmo ano em que foi realizada a publicação do Plano Turístico (2006) e para aproveitar a base que foi criada com a explanação do assunto, o autor Antônio Valente (2006) publicou também, na sequência, o livro “Roteiros Turísticos: Rio Grande, Cidade Histórica, Cidade do Mar: metodologia para roteiros de um pólo turístico”. Pelo fato do município apresentar diversos atrativos, sejam eles ligados à história, à arquitetura e até mesmo às belezas naturais nos espaços da cidade, fez-se necessário reuni-los de uma forma que pudessem ser oferecidos ao público, de modo que esses abarcassem os diferentes segmentos do turismo na cidade. (VALENTE, 2006)

Sobre esses espaços pertencentes à cidade, Possamai (2011, p. 2977) comenta que eles são “o lugar selecionado para alocação de artefatos visuais produzidos – como a arquitetura, os monumentos ou a arte pública – ou para a configuração de uma visualidade expressa, sobretudo, nos traçados urbanos – desenho de ruas, praças, bairros e cidades inteiras”.

Com o propósito de se conhecer estas “riquezas”, foram elaboradas dez opções temáticas de roteiros, tendo por escopo o desenvolvimento, a comercialização bem como a promoção e a divulgação destes espaços para os mais variados mercados, incluindo aqui os próprios cidadãos e turistas que residem/visitam a cidade do Rio Grande/RS. Dentre estes roteiros, é importante destacar os que se referem à história e à valorização, enquanto bem patrimonial, da Catedral de São Pedro. A Figura 28 mostra as 10 opções de roteiros criados e divulgados, com a finalidade de estimular os conhecimentos e alavancar o desenvolvimento de um polo turístico na cidade.

**Figura 28** – Propostas de Roteiros Turísticos para a cidade do Rio Grande, de acordo com o segmento adotado

ID	MOTIVAÇÕES OU TEMAS	SEGMENTOS TURÍSTICOS
1	Rio Grande, Cidade Histórica, Cidade do Mar	Turismo de Lazer, Histórico, Cultural, Ecoturismo
2	Rio Grande, Cidade Inesquecível	Turismo de Lazer, Histórico, Cultural, Ecoturismo
3	Rio Grande: Aqui Nasceu o Rio Grande do Sul	Turismo Histórico, Estudantil, Cultural
4	Cassino: Sol e Mar na Maior Praia do Mundo ( <i>Guinness Book</i> )	Turismo de Lazer, Sol e Mar
5	Ecoturismo no Extremo Sul	Ecoturismo, Turismo Ecológico
6	Turismo Náutico no Estuário da Lagoa dos Patos	Turismo Náutico, Lazer, Ecoturismo
7	Pesca nos Molhes da Barra e na Lagoa dos Patos	Turismo de Pesca, Lazer
8	Rio Grande Inesquecível para a Melhor Idade	Turismo da Terceira Idade, Lazer, Cultural
9	Roteiro Artístico-Religioso da Cidade do Rio Grande	Turismo Religioso, Cultural
10	Roteiro da Engenharia e da Arquitetura na Cidade do Rio Grande	Turismo Técnico-Científico, Cultural, Urbano

Fonte: VALENTE (2006, p. 19)

Cabe ressaltar que dos dez roteiros apresentados na figura, serão enfatizados apenas aqueles que fazem alusão a Catedral de São Pedro de alguma forma, ora abordando sua história e memória ora a englobando como parte importante do patrimônio da cidade e também do Estado. Para tanto, Valente (2006) nos traz a ideia de que o turismo histórico estaria atrelado à visitação das igrejas, dos museus e demais locais que tenham por função enfatizar as “glórias do passado”, uma vez que estes mesmos espaços possuem significativo apreço na constituição da memória da cidade, desde a sua fundação, por exemplo. No roteiro turístico 1, a proposta que o autor nos traz é conhecida como “Rio Grande: Cidade Histórica, Cidade do Mar”.

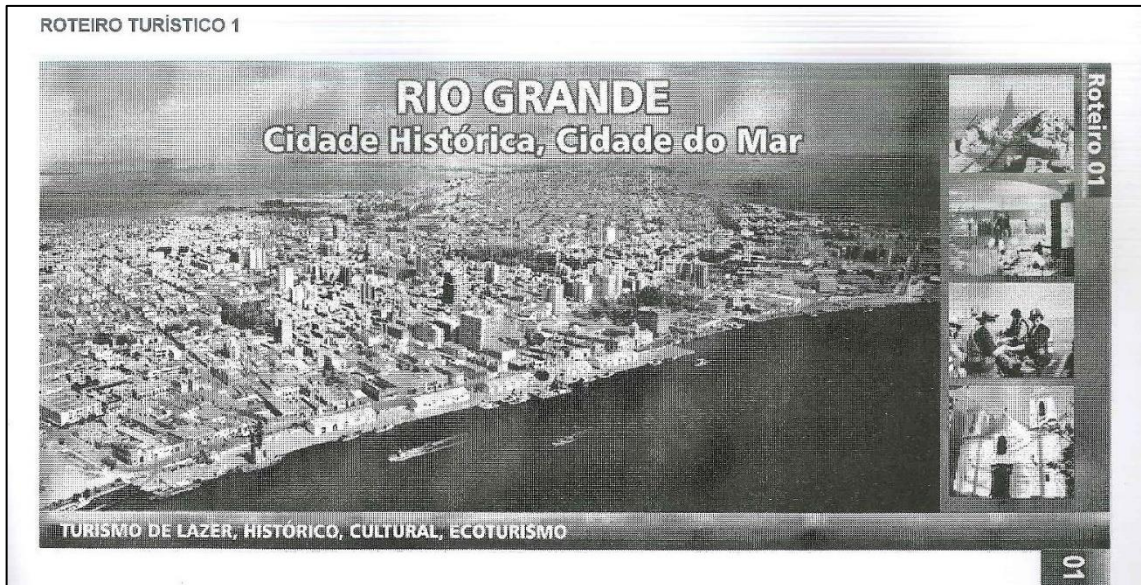
Já o turismo religioso contempla as pessoas que se deslocam até os templos e centros existentes na cidade, motivadas pela fé e pela devoção a algum santo, independente da crença. Esse roteiro objetiva abarcar informações sobre a variação de estilos arquitetônicos das construções, revelando sua arte frente a estes patrimônios (VALENTE, 2006). No roteiro turístico 9, a sugestão oferecida pelo autor remete ao nome “Roteiro Artístico-Religioso da Cidade do Rio Grande”.

A Catedral de São Pedro, diante da proposta ofertada por estes dois roteiros, é agraciada pelo fato de fazer parte da história e memória da cidade do Rio Grande/RS, abrangendo ainda a religiosidade, a adoração da comunidade pelo padroeiro São Pedro e também por ser considerada a igreja mais antiga do sul do Brasil.

Nas Figuras 29 e 30 estão as imagens das propostas apresentadas por Antônio Valente (2006) dos referidos roteiros comentados até o momento.

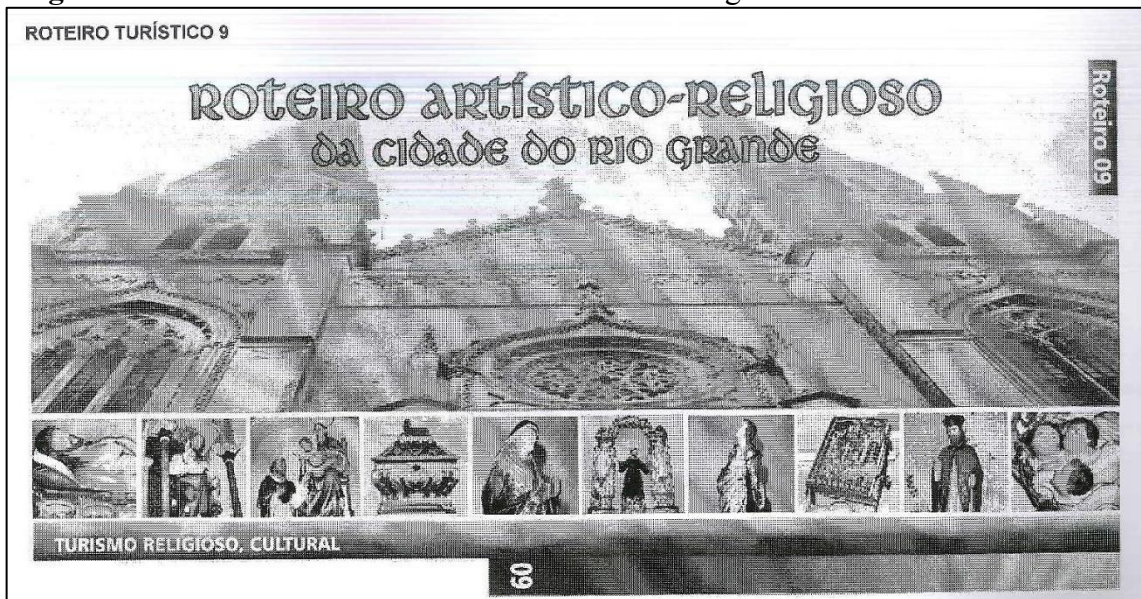
**Figura 29** – Roteiro Turístico 1: Rio Grande: Cidade Histórica, Cidade do Mar





Fonte: VALENTE (2006, p. 28)

**Figura 30** – Roteiro Turístico 9: Roteiro Artístico-Religioso da Cidade do Rio Grande



Fonte: VALENTE (2006, p. 65)

Constata-se então que nos dois roteiros são utilizadas imagens da Catedral. Tratando de um contexto mais recente, podemos observar o uso das imagens da Catedral pelo PPGH da FURG. Observa-se uma releitura, através dos traços simbólicos de sua imagem, no que tange à logomarca empregada pelo curso. O Mestrado Profissional em História possui a área de concentração intitulada História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem. Tem como objetivo a qualificação dos profissionais de ensino de História nos níveis fundamental e médio, a partir do desenvolvimento de habilidades e competências para a construção de reflexões sobre

o ensino de História, a cidadania, a profissionalização e a responsabilidade social, assim como, o aprimoramento de uma cognição histórica<sup>20</sup>.

Sua criação ocorreu em 10/02/2012, através da Deliberação número 015/2012<sup>21</sup>, do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração (COEPEA). Na sequência, estão as imagens da logomarca utilizada pelo PPGH da FURG e que fazem uso da representação simbólica da Catedral de São Pedro, podendo ser visualizadas também na Página Institucional do referido Programa.

**Figura 31** – Logomarca do PPGH - FURG e a imagem estilizada da Catedral de São Pedro



**Fonte:** PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. **Home.** 2017. Disponível em: <<http://ppgh.furg.br/>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

**Figura 32** – Página de acesso ao *site* do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI) da FURG



**Fonte:** INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO. **Últimas notícias.** 2017. Disponível em: <<http://www.ichi.furg.br/>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

<sup>20</sup> Informações adaptadas através do link “Apresentação” do *site* do PPGH da FURG. Disponível em: <<http://ppgh.furg.br/index.php/omestradoprof>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.conselhos.furg.br/convert.php?arquivo=delibera/coepea/01512.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2017.



**Figura 33** – Detalhe da imagem utilizada no *site* do ICHI como referência para divulgar a página de acesso ao PPGH da FURG



**Fonte:** INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO. **PPGH-Mestrado Profissional**. 2017. Disponível em: <<http://www.ichi.furg.br/>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

Congênera a essa temática, no que concerne à utilização da imagem da Catedral de São Pedro, acentua-se ainda que a Revista BIBLOS<sup>22</sup>, pertencente ao ICHI da FURG é um periódico de acesso aberto e que não cobra nenhum tipo de taxa dos autores, para que ocorram os processos de submissões ou publicações de trabalhos e artigos. A revista é uma publicação semestral, que abrange trabalhos relacionados com a área da Ciência da Informação e que apresentam resultados de estudos e pesquisas, sobre as mais diversas atividades do Setor de Informação em Ciência e Tecnologia<sup>23</sup>.

Ela está disponível no portal de periódicos da FURG, através do Sistema Eletrônico de

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/index/>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/about/editorialPolicies#focusAndScope>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Editoração de Revistas (SEER), sendo que utiliza o *Open Journal System*<sup>24</sup> (OJS). Esse sistema possui código de acesso livre e gratuito para a referida administração e publicação de revistas digitais, adquirindo assim uma maior visibilidade e transparência frente a seu público. No ano de 2010, mais precisamente em seu volume 24, número 1<sup>25</sup>, a BIBLOS passou a utilizar na sua capa de apresentação a imagem da Catedral de São Pedro, pintada sobre papel através das mãos da artista plástica Ieda Papaléo<sup>26</sup>, em homenagem aos 250 anos da Catedral.

Esta mesma representação na capa foi explorada até o ano de 2014, quando a revista publicou seu volume 28, número 2<sup>27</sup>, fazendo com que fosse repercutida durante estes quatro anos, a divulgação e o enaltecimento da Catedral de São Pedro como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade do Rio Grande, diante dos autores, leitores, usuários, comunidade acadêmica e científica bem como da própria sociedade em geral. Vale ressaltar que a revista *on-line* extrapola as fronteiras da cidade, sendo lida em diferentes cidades do Brasil e até de outros países, levando assim a imagem da Catedral do Rio Grande/RS para leitores e pesquisadores oriundos das mais distintas localizações.

Na Figura 34 pode ser apreciada a imagem com as técnicas da Aquarela, utilizada pela revista BIBLOS nas edições compreendidas entre o período de 2010 a 2014.

**Figura 34** – Capa destacando a imagem da Catedral de São Pedro em Rio Grande/RS

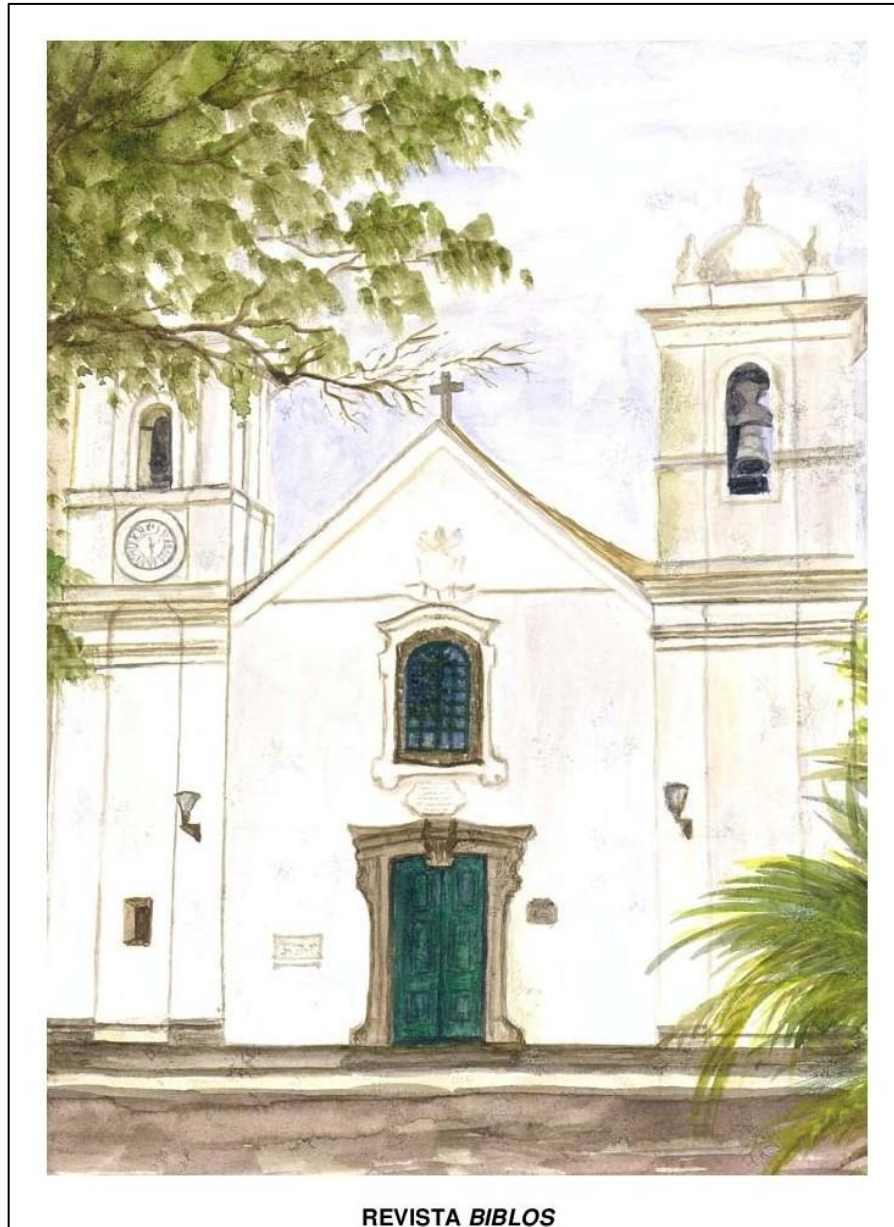
---

<sup>24</sup> Conhecido no Brasil como Sistema Eletrônico de Editoração, está *on-line*, acompanha as inovações tecnológicas, propicia publicações em revistas qualificadas que aderiram ao sistema, as quais passam pelas mesmas avaliações que as revistas impressas, além de preocupar-se com as normas de publicações e direitos autorais. (MORAES, Maria Helena Machado de; MIRANDA, Angélica Conceição Dias. Produção do conhecimento sobre o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) no Brasil nos anos de 2003 a 2010, p. 31. In: Encontros Bibli: **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 16, n. 32, p. 27-40, 2011). Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n32p27/19337>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/1562/699>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

<sup>26</sup> Nasceu no Estado do Pará e está radicada no município do Rio Grande desde 1970, onde começou sua trajetória na arte. cursou Artes Plásticas na Escola de Belas Artes Heitor de Lemos e realizou especializações em Óleo sobre Tela, Pintura em Porcelana, Desenho em Giz Pastel Seco e Oleoso e Aquarela. Disponível em: <<http://bit.ly/2nEv5cN>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/5298/3302>>. Acesso em: 12 mar. 2017.



**Fonte:** Revista BIBLOS (2010, v. 24, n. 1)

Analisando ainda pelo viés cultural que o patrimônio proporciona, a Feira do Artesanato, Indústria, Comércio e Serviços do Rio Grande (FEARG) é um evento que incide anualmente, conforme disposto pelo Calendário de Eventos do Município do Rio Grande/RS<sup>28</sup>. No ano de 2017, sua 39ª edição ocorreu de 28 de junho a 16 de julho, com a temática “Mãos que fazem Arte, também fazem a História do Rio Grande”<sup>29</sup>, sendo que nele acontece a exposição e a venda de produtos e/ou serviços locais da Região Sul, oferecendo ainda a

<sup>28</sup> RIO GRANDE. Decreto nº 14.369 de 25 de janeiro de 2017. Dispõe sobre o Calendário de Eventos do Município do Rio Grande para o Ano de 2017. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/hnjvp>>. Acesso em 22 jul. 2017.

<sup>29</sup> História sobre o tema da FEARG, referente a edição do ano de 2017. Disponível em: <<http://zip.net/bbtL21>>. Acesso em 22 jul. 2017.

oportunidade para que expositores das mais diversas Regiões do Estado e também do País divulguem seus trabalhos.

Nos pavilhões do Centro Municipal de Eventos, na parte interna da FEARG, foi possível encontrar uma representação da imagem da Catedral de São Pedro, feita sob a forma de um desenho. A representação configura-se em um grande painel, disposto bem ao lado de uma das entradas para o Teatro, local esse que dá acesso para o público prestigiar as apresentações artísticas, os *shows* e os mais diversos espetáculos ligados à cultura.

Na sequência, a Figura 35 evidencia o registro desta Representação.

**Figura 35** – Representação da Imagem da Catedral de São Pedro, presente na 39ª edição da FEARG em Rio Grande/RS



**Fonte:** Acervo Pessoal de Renata Braz Gonçalves, 2017.

Ainda sobre as representações da Catedral na FEARG, do lado de fora do Centro Municipal de Eventos, mais precisamente no muro que o cerca, também estiveram expostos vários tipos de *graffiti*, que tinham por função homenagear alguns pontos turísticos da Cidade do Rio Grande/RS, destacando-os como parte importante da História e Memória da própria cidade ao longo de seus 280 anos. As vagonetas que estão presentes nos Molhes da Barra, os



Tetrápodes que estão espalhados pela Avenida Principal da Praia do Cassino e o Pórtico de Entrada da Cidade estiveram representados por meio desse contexto.

Eles podem ser visualizados na sequência, através da Figura 36.

**Figura 36** – *Graffiti no Muro externo aos Pavilhões em que foi realizada a 39ª FEARG em Rio Grande/RS*



**Fonte:** Registro fotográfico feito por Cleiton Bengua, 2017.

Com forte representatividade no Município do Rio Grande, a Catedral de São Pedro também esteve fazendo parte dessa arte, revelando tanto ao público que já reside na cidade quanto aos turistas e visitantes da FEARG a sua respectiva importância simbólica.

Isso pode ser notado nos traços que mostram a sua imagem.

**Figura 37** – Catedral de São Pedro representada na forma de *Graffiti*, em comemoração à 39ª edição da FEARG em Rio Grande/RS



**Fonte:** Registro fotográfico feito por Cleiton Bengua, 2017.

Sobre uma pequena parte da cronologia da História da Catedral, Alves (2004) destaca duas datas muito importantes, referentes a representatividade da mesma na Cidade do Rio Grande/RS. Uma delas é o ano de 1985, quando se incorporou a imagem da Catedral nas publicações oficiais da PMRG. Já a outra é o ano de 1987, momento em que a Catedral completou os seus 250 anos e assumiu definitivamente a marca de símbolo da cidade.

Logo após essa explanação sobre as diversas representações em que a Catedral de São Pedro esteve presente, cabe realizar ainda a adaptação daquela cronologia inicial apontada por Alves (2004). Ao realizar o levantamento de diversas fontes e registros que estão presentes nesta dissertação, mostra-se, na sequência, esta nova cronologia com datas posteriores, complementando assim a de Alves (2004).

**Quadro 1** – Cronologia sobre a Representação da Imagem da Catedral de São Pedro

Ano de Acontecimento	Ação Ocorrida
1938	É realizada a 1ª Sessão Extraordinária do Conselho Consultivo do SPHAN, estabelecendo a Inscrição da Matriz de São Pedro no



	Livro do Tombo.
<b>1985*</b>	A imagem da Catedral é incorporada em publicação oficial da Prefeitura.
<b>1987*</b>	Comemorações pelos 250 anos da fundação do Rio Grande, a Catedral assume feições definitivas de símbolo da cidade.
<b>1992</b>	Publicação do Guia “Cartilha Papareia: Informativo Turístico de A/Z do Município do Rio Grande” em que consta a imagem da Catedral de São Pedro.
<b>1994</b>	Imagem da Catedral é representada na parede do Ginásio Municipal de Esportes Professor Farydo Salomão.
<b>1997</b>	Representação da Catedral de São Pedro no cabeçalho do Jornal Cruzeiro do Sul.
<b>2003</b>	Diversas Informações Técnicas sobre a Catedral de São Pedro são apresentadas no Inventário do Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.
<b>2006</b>	Utilização da Catedral de São Pedro no “Plano Turístico: Rio Grande, Cidade Histórica, Cidade do Mar”, divulgado através da PMRG.
	Elaboração de Roteiros Turísticos para a Comercialização, Promoção e Divulgação da Catedral de São Pedro, potencializando o desenvolvimento de um Polo Turístico na cidade do Rio Grande/RS.
<b>2007</b>	Publicação da obra “Rio Grande: imagens de espaços públicos que contam a história”, apresentando a Catedral de São Pedro e o Largo Dr. Pio na década de 1920.
<b>2010</b>	Reconhecimento do ofício da bebida Jurupiga, típica da Ilha dos Marinheiros, como Patrimônio Cultural Imaterial do Rio Grande/RS, em que a imagem da Catedral de São Pedro está representada no rótulo da bebida.
	Utilização da imagem da Catedral de São Pedro, pintada sobre papel, na capa de apresentação da Revista BIBLOS.
<b>2012</b>	Representação simbólica da imagem da Catedral de São Pedro na logomarca utilizada pelo PPGH da FURG.
<b>2017</b>	A imagem da Catedral de São Pedro é representada através de um desenho num painel interno, por meio da 39ª edição da FEARG em

	Rio Grande/RS.
<b>2017</b>	Representação na forma de <i>graffiti</i> da Catedral de São Pedro no muro externo aos Pavilhões do Centro Municipal de Eventos, em comemoração a 39ª edição da FEARG em Rio Grande/RS.

**\*Dados apontadas por Alves (2004)**  
**Fonte:** Elaborado por William Paiva, 2017.

Para além disso, realizou-se também o levantamento sobre sua representação em outros patrimônios, como no rótulo que identifica a bebida Jurupiga, sendo o ofício de sua produção considerado como Patrimônio Imaterial da Ilha dos Marinheiros; a inscrição no Ginásio Professor Farydo Salomão e sua presença no slogan do Plano Turístico do Rio Grande, sendo descrita como “Cidade histórica, Cidade do mar”.

Percebeu-se que sua imagem foi enaltecida por simbolizar a Cidade do Rio Grande/RS e o Estado do Rio Grande do Sul como Patrimônio Histórico e Cultural. Além disso, também esteve representada na capa de uma revista científica da FURG (BIBLOS) bem como na logomarca do *site* do PPGH da FURG. Esses são alguns exemplos do uso da imagem da Catedral, o que nos possibilita constatar o seu reconhecimento como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade.

#### 4.2 PROJETO PEDAGÓGICO ESCOLAR E ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE NECESSÁRIA

Nesta etapa foi necessário realizar uma consulta aos Projetos Pedagógicos da SMED e da 18ª CRE, para averiguar o modo que a categoria do Patrimônio está presente no ensino de História da cidade e/ou do município, e se as temáticas e conteúdos que são desenvolvidos nos Anos Iniciais das escolas que possuem Ensino Fundamental em Rio Grande/RS também estavam inseridos.

Para entender a importância que o Projeto Pedagógico possui para com o viés do espaço educativo, é relevante falar primeiro sobre o entendimento do que vem a ser um Projeto. Segundo Gadotti (1994)

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que, cada projeto contém de estado melhor do que o presente. (GADOTTI, 1994, p. 579)

Inserindo-o em meio ao processo educacional, através do espaço escolar e das práticas pedagógicas dos professores em sua totalidade, pode-se dizer que o Projeto Pedagógico serve como parâmetro norteador e representativo no tocante a Instituição. Nas palavras de Severino (1998)

Projeto é tomado aqui no sentido de um conjunto articulado de propostas e programas de ação, delimitados, planejados, executados e avaliados em função de uma finalidade que se pretende alcançar e que é previamente delineada mediante a representação simbólica dos valores a serem efetivados. (SEVERINO, 1998, p. 82)

Assim, interessa saber como a Educação Patrimonial estava sendo refletida, pensada, sistematizada e se a Catedral de São Pedro estava contemplada nesse conjunto articulado de propostas. Corroborando ao exposto por Severino (1998) anteriormente e ao falar sobre o conceito de Projeto Pedagógico, Osowski (2000, p. 162) nos alude ainda que ele é “a reflexão crítica e a construção participativa de saberes curriculares e práticas pedagógicas no horizonte de um referencial teórico prático”.

Ressalta-se ainda que a comunidade que está inserida na escola, acaba por fomentar um grande papel colaborativo na construção e execução do Projeto Pedagógico, pois ela faz parte das vivências e do próprio cotidiano dos alunos. Quanto a isso, Severino (1998, p. 89) nos diz que:

Para que se possa falar de um projeto impregnado por uma intencionalidade significadora, impõe-se que todas as partes envolvidas na prática educativa de uma escola estejam profundamente integradas na constituição e vivenciação dessa intencionalidade. [...] para tanto, impõe-se que toda a comunidade escolar seja efetivamente envolvida na construção e explicitação dessa mesma intencionalidade.

Em suma, O Projeto Pedagógico torna-se necessário ao ensino, com vistas a deixá-lo ainda mais efetivo e com políticas educacionais centradas na principal figura, entendida aqui como aquela que mais atua na instituição: a comunidade escolar.

O Projeto é justamente um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica, científica. E, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita re-significar a ação de todos os agentes da escola. (VASCONCELOS, 1995, p. 143)

Para além dos Projetos Pedagógicos, consultou-se também outras fontes e materiais que diziam respeito a temática já supracitada. Uma delas foi o Plano Municipal de Educação

(PME) instituído pela Lei nº 7.911<sup>30</sup>, de 24 de junho de 2015 e que pertence ao município do Rio Grande/RS, possuindo vigência por 10 anos (a contar do ano de 2015 até o ano de 2025). Nele ficaram estabelecidas diversas diretrizes, no que tange ao processo educacional, tais como a Erradicação do Analfabetismo; a Universalização perante o Atendimento Escolar; a Melhoria da Qualidade sobre a Educação; a Valorização daqueles Profissionais ligados a Educação entre outras.

Para que as diretrizes do PME citadas anteriormente sejam cumpridas de fato, será necessário haver um trabalho colaborativo com o Estado do Rio Grande do Sul e com a União, visando por meio dessa atividade conjunta, o alcance das metas e também a implementação das estratégias (RIO GRANDE, 2015, Art. 7º). Ainda é importante ressaltar que sua construção se deu coletivamente, ou seja, através das ações executadas pela comunidade escolar, pelos próprios cidadãos, pelas lideranças sindicais e comunitárias, em busca de um comprometimento ainda maior para com a educação, sobretudo na cidade do Rio Grande/RS em específico. (CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE, 2015)

Avançando um pouco mais, no intuito de explicar a Educação no âmbito da Rede Municipal da cidade, destaca-se uma importante referência frente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Por meio da SMED, mais precisamente da Superintendência de Gestão Pedagógica e do Núcleo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, consultou-se o material que diz respeito ao Projeto Pedagógico das Escolas Municipais do Rio Grande/RS<sup>31</sup>, compreendendo nesse o Ciclo de Alfabetização (composto pelo 1º, 2º e 3º anos) e também a aprendizagem atinente ao 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

O material em si está todo organizado por áreas do conhecimento (como por exemplo, a Matemática, as Ciências Humanas, as Ciências da Natureza entre outras), com seus respectivos componentes curriculares, ou seja, deixa claro os eixos e objetivos que necessariamente deverão ser norteados pelo educador, no momento em que estiver envolvido na sua prática pedagógica. Evidencia-se ainda que será analisado somente os assuntos que fazem menção a área da História, pois o foco desta Dissertação está ligado ao ensino de História dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em especial.

Ao abordar a importância dos conteúdos no espaço escolar, podemos pensar que

---

<sup>30</sup> RIO GRANDE. Lei nº 7.911 de 24 de junho de 2015. Institui o Novo Plano Municipal de Educação 2015-2025 do município do Rio Grande e revoga a Lei nº 6608/2008. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/mouei>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

<sup>31</sup> NÚCLEO DOS ANOS INICIAIS. **Objetivos de Aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino do Rio Grande**. Secretaria de Município da Educação - SMED/Rio Grande, 2016. Disponível em: <[http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/wp-content/uploads/2016/11/20161130-objetivos\\_de\\_aprendizagemanos\\_iniciais\\_final\\_24-11.pdf](http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/wp-content/uploads/2016/11/20161130-objetivos_de_aprendizagemanos_iniciais_final_24-11.pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2017.

“considerando o cotidiano que permeia nossos currículos, apontamos como pertinente o trabalho com as temáticas da Educação Patrimonial, Ambiental e Étnico-racial” (NÚCLEO DOS ANOS INICIAIS, 2016, p. 5), o que torna ainda mais possível essa aproximação da educação utilizando os próprios Patrimônios como estudo, começando desde já pelos anos iniciais. No referido Projeto Pedagógico dos Anos Iniciais, a disciplina de História aparece como pertencente a grande área das Ciências Humanas e apresenta como componentes curriculares o Sujeito Histórico, o Tempo Histórico e também os Fatos Históricos.

Quanto aos objetivos de aprendizagem, é imprescindível interpelar algumas orientações, conforme segue:

A progressão e a sistematização dos objetivos de aprendizagem são orientadas por três termos que aparecerão ao longo deste documento: INTRODUIZIR, APROFUNDAR e CONSOLIDAR.

- O termo INTRODUIZIR (I) significa levar o aluno a se familiarizar com conteúdos e conhecimentos, ou retomar, eventualmente, quando se tratar de conceitos ou capacidades já dominadas ou consolidadas em períodos anteriores;
- O termo APROFUNDAR (A) indica trabalhar sistematicamente para favorecer o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos;
- O termo CONSOLIDAR (C) visa sedimentar os avanços em seus conhecimentos e capacidades. (NÚCLEO DOS ANOS INICIAIS – Secretaria de Município da Educação, 2016, p. 6)

No tocante ao entendimento dos termos, poderá ainda ser verificado o modo pelo qual estão sendo introduzidos os conteúdos correspondentes ao ensino de História, no que concernem aos anos iniciais que fazem parte do ensino fundamental. No componente curricular “Fatos Históricos”, apresenta-se como eixo educacional a Identificação e Diferenciação dos Patrimônios Culturais (constituídos pelos materiais e imateriais) e que fazem menção as Localidades da Cidade, tais como a Escola, as Ruas, os Bairros, o Município e também o Estado como parte desse universo no todo. No entanto, conforme o ano escolar que o educando se encontra, ter-se-á diversas variações quanto a significação dos termos já explanados anteriormente (Introduzir, Aprofundar, Consolidar).

No 1º ano do Ensino Fundamental, por exemplo, o professor necessitará fazer a Introdução da temática ligada aos Patrimônios, para fins de aproximação da história do aluno. Já no 2º ano do Ensino Fundamental, para além de Introduzir o assunto, ele precisará realizar também um Aprofundamento do mesmo, de modo que esse aluno consiga compreender e interligar esses sentidos. O 3º ano do Ensino Fundamental abarca consigo um conteúdo mais dinâmico, no que se refere a abordagem ofertada pela categoria do Patrimônio. Nele é importante que o docente Introduza, Aprofunde e Consolide a proposta pedagógica estipulada no Projeto da Rede Municipal de Ensino do Rio Grande/RS.

Continuando a análise perante o 4º ano do Ensino Fundamental, pode-se dizer que as questões ligadas ao Patrimônio e ao ensino de História tornam-se mais enfáticas, sobretudo ao relacionar os Fatos Históricos, as Práticas Sociais e as diversas Culturas que estão envoltas nesse próprio Patrimônio. Torna-se valoroso o professor fazer associações, entre a realidade vivenciada pelo aluno em sua comunidade com a preservação dos patrimônios que o circundam nesse mesmo espaço. Para isso, é necessário que nesta etapa educacional o docente que está à frente da disciplina faça a Introdução, o Aprofundamento e a Consolidação dos estudos ligados tanto ao Patrimônio quanto ao próprio ensino de História.

Por fim, quando o aluno já estiver inserido no 5º ano do Ensino Fundamental, será importante levar em consideração os aspectos conceituais e metodológicos aprendidos nos anos anteriores, de modo a torná-lo ainda mais reflexivo sobre o aprendizado adquirido. Importante destacar que o conhecimento desenvolvido no 5º ano, de acordo com o referido Projeto Pedagógico, abrange diversos outros assuntos ligados ao ensino de História, como por exemplo, as Características Físicas, Econômicas, Históricas, Políticas e Culturais da cidade do Rio Grande/RS e também do Estado do Rio Grande do Sul; Questões ligadas a Identidade (individual e coletiva), a Cidadania, a Preservação e Conservação dos Patrimônios também fazem parte desse contexto.

Todo esse conhecimento ora citado, ligado aos Componentes Curriculares e expressos pelos Sujeitos, pelos Fatos e pelos Tempos Históricos tendem necessariamente que estar Introduzidos, Aprofundados e Consolidados, segundo o que estipula o Projeto Pedagógico da SMED sobre as Escolas Municipais do Rio Grande/RS, no que tange aos Anos Iniciais em específico. Contudo, não estão citados quais seriam os patrimônios a serem abordados.

Outra fonte relevante para ser analisada faz menção ao Plano Estadual de Educação (PEE), instaurado através da Lei nº 14.705<sup>32</sup>, de 25 de junho de 2015 e com vigência também de 10 anos (começando pelo ano de 2015 e indo até o ano de 2025). O PEE possui diversas diretrizes, tais como a superação das desigualdades educacionais, com o enfoque nos valores ligados a ética e a moralidade da sociedade; o processo de gestão ainda mais democrático para com a educação pública; a conscientização vista ao ambiente escolar, através do atendimento das necessidades ligadas a proteção e preservação do meio ambiente, por exemplo.

---

<sup>32</sup> RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 14.705 de 25 de junho de 2015. Institui o Plano Estadual de Educação – PEE, em cumprimento ao Plano Nacional de Educação – PNE, aprovado pela Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/LEI%2014.705.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2017.



Ao elucidar a Educação no contexto de ensino da Rede Estadual, faz-se necessário destacar mais uma importante fonte, entendida aqui como um documento orientador, ou seja, uma ferramenta de caráter auxiliar ao currículo do Ensino Fundamental. Através do Departamento Pedagógico da Secretaria da Educação (SEDUC/RS), foi possível ter acesso ao material base sobre o Projeto Pedagógico do Estado do Rio Grande do Sul<sup>33</sup>, no que tange aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. É válido reiterar que a 18ª CRE, a qual abrange a cidade do Rio Grande/RS e outras<sup>34</sup>, acaba se tornando um elo com a própria SEDUC/RS, devido ao fato das demandas, diretrizes e regulamentações educacionais fazerem parte desse mesmo espaço, pertencente então ao universo escolar.

O material ainda traz uma orientação sobre o trabalho a ser realizado naquelas escolas que fazem parte da 18ª CRE (entendidas aqui como as englobadas na cidade do Rio Grande/RS), ressaltando os conceitos, as competências e as habilidades que deverão ser trabalhadas em cada ano do ensino fundamental, diante das práticas pedagógicas dos professores. Mais uma vez, o enfoque para análise desta relevante fonte se dará na disciplina de História, de modo a compreender os parâmetros estipulados para a ocorrência do ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Para entender o quão notável é o processo educacional do aluno nos anos iniciais, sabe-se que:

Os primeiros anos do Ensino Fundamental são o “Bloco Pedagógico” voltado para alfabetização e letramento, onde o educando tem possibilidade de desenvolver e ampliar habilidades intelectuais, sociais, afetivas, psicológicas e físicas. Isso ocorre por meio de experiências vivenciadas, consolidando saberes, diante de uma proposta pedagógica orientada pelo professor, centrada no descobrimento do mundo letrado. (DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO, 2016, p. 16)

Também é imprescindível levar em consideração aqueles conhecimentos prévios advindos dos educandos, respeitando ainda as generalidades bem como as especificidades de cada faixa etária. Frente a isso, o Ciclo de Alfabetização deve ser compreendido por meio de três ênfases: a Introdução, o Aprofundamento e a Consolidação do conhecimento no ambiente escolar.

Para tanto, no que se refere a Identificação dos Dados sobre a História, a Memória e as

---

<sup>33</sup> DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO. **Reestruturação Curricular - Ensino Fundamental e Ensino Médio.** Secretaria da Educação – SEDUC/RS, 2016. Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/201702/09164831-reestruturacao-curricular-ensino-fundamental-e-medio-2016-documento-orientador.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

<sup>34</sup> Tais como Chuí, Santa Vitória do Palmar e São José do Norte. Informação disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/coordenadorias-regionais-cre>>. Acesso em: 21 out. 2017.

Práticas Sociais ligadas aos Patrimônios Culturais, de acordo com o Projeto Pedagógico para o Rio Grande do Sul, é necessário que o professor no 1º ano Introduza o assunto, de modo a perceber as vivências e expectativas já adquiridas pelo aluno. No 2º e 3º anos, precisar-se-á Introduzir e Aprofundar ainda mais essa categoria do Patrimônio, uma vez que esse mesmo docente já terá explanado parte dessas prerrogativas na primeira ênfase ao assunto, no que concerne ao 1º ano escolar. Junto a esse mesmo contexto, poderão ser trabalhadas as ações ligadas a Conservação e Preservação dos Patrimônios Históricos, sem esquecer de mencionar também os demais espaços constituintes da cidade, a exemplo daqueles considerados como Públicos, Privados, Coletivos, Urbanos, Rurais e Ecológicos, já aprofundando e consolidando esse mesmo conhecimento ofertado pelas práticas pedagógicas (DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO, 2016).

O documento ainda indica que no momento em que o discente estiver no 4º ou 5º anos, é preciso levar em conta que:

Para essa faixa etária é preciso considerar as transformações relacionadas aos aspectos de desenvolvimento biopsicossocial na construção da identidade do educando, para que o mesmo vivencie seus processos autônomos de aprendizado e sinta-se inserido em um grupo e espaço considerado como estrutura que estimula, exige, valoriza, provoca contradições e conflitos e que cria responsabilidades. (DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO, 2016, p. 30)

Nessa fase, destaca-se o desenvolvimento da própria autonomia, da interação com o outro de forma participativa, do respeito a opinião individual e coletiva, com vistas a buscar um pouco mais de saberes, que serão então inseridos e complementados ao referido processo educacional na escola. Sobre isso, pode-se dizer que a ação educativa é pautada por experimentações, sendo que “o educador é mediador e orientador no processo de ensino e de aprendizagem [...]. Assim, educando e educador são sensibilizados a lidar com desafios, a suportar inquietações e a conviver com o incerto, o imprevisível, o diferente” (DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO, 2016, p. 40).

Para que haja a prática satisfatória do ensino de História no 4º e 5º ano, é importante que o professor incorpore e aprofunde os assuntos ligados aos Sujeitos Históricos, ao próprio Tempo Histórico e também aos Fatos Históricos, disseminando as fontes e materiais necessários para efetivar esse conhecimento de fato.

Após a análise dos Projetos Pedagógicos da SMED e da 18ª CRE, tendo como enfoque o ensino de História nas escolas da cidade do Rio Grande/RS, é válido pensar na representação que o próprio projeto pedagógico infere na escola, levando em conta também

as demandas articuladas pela sociedade no processo educacional. Nesse sentido, Fontoura (2001) aponta uma importante reflexão:

Manifestando a aspiração de ensinar quase tudo a todos, só uma pequena parte dos projectos expressa a utilização da informação obtida para uma intervenção estratégica de resposta aos desafios contextuais. Os problemas foram identificados, as prioridades definidas, mas a acção, exceptuando o que foi assumido pelos órgãos de direcção de escola, ou reconduzido para os contextos epistemológicos e didáctico, continua a traduzir-se em sensibilizações e recomendações, sem sequência. Parece aguardar-se um maior conhecimento para, no futuro, tomar as decisões mais adequadas a uma intervenção eficaz. (FONTOURA, 2001, p. 134)

Constata-se que a categoria “Patrimônio” está presente no Projeto Pedagógico da cidade do Rio Grande/RS e também no do Estado do Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que se percebe o quão importante ela acaba se tornando, aliada é claro as práticas pedagógicas do ensino de História. Como o Patrimônio possui diversos níveis de inserção nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, seja por meio da Introdução, Consolidação e Aprofundamento dos conhecimentos pedagógicos, caberá ao professor realizar essa reflexão, no que se refere a importância dos conceitos em relação ao espaço escolar.

Ao se pensar na Catedral de São Pedro e na metodologia da Educação Patrimonial, percebe-se que sua inclusão junto ao ensino de História pode ocorrer de forma dinâmica e transmissível, no que tange ao conhecimento ofertado pelo educador na escola. Essa fase inicial de estudos dos discentes, ligados e vivenciados nos anos do ensino fundamental, infere na construção da própria cidadania e o viés da educação pelo patrimônio termina por fazer parte dessa mesma construção também.

Destaca-se ainda que tanto o Patrimônio quanto a Educação Patrimonial estão presentes na educação escolar do ensino fundamental. Tal afirmação tem por base a análise que foi realizada nos Projetos Pedagógicos da SMED e da 18ª CRE, ao perceber que o ensino de História se torna um espaço muito rico de conhecimentos, no momento em que ocorrem as aprendizagens dos educandos aos conteúdos pertencentes a área de História.

Na sequência, será analisado o instrumento que foi utilizado nesta dissertação para coletar os dados da pesquisa.

#### 4.3 DANDO OUVIDOS AOS SUJEITOS DE PESQUISA: O QUESTIONÁRIO COMO INSTRUMENTO POTENCIALIZADOR NA CONSTRUÇÃO DA CARTILHA

Nessa seção serão explanados os resultados obtidos através da aplicação e

interpretação das respostas ao questionário, que foi um dos instrumentos de coleta de dados utilizados para levantar e tabular as informações para esta Dissertação. Ressalta-se que as Cartilhas sobre o ensino de História e a Educação Patrimonial na Catedral de São Pedro são uma proposta de material didático, que serão de fundamental importância nas práticas pedagógicas dos professores ligados ao ensino de História, sobretudo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Após a realização da Pesquisa Documental e Bibliográfica acerca da História da Catedral e posteriormente a Análise dos Projetos Pedagógicos das Redes Municipal e Estadual de ensino da cidade do Rio Grande/RS, consideramos importante fazer uma consulta aos docentes que atuam e/ou atuaram com o ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A intenção era que cada um deles pudesse relatar sobre a experiência que tinha, ao tratar sobre o ensino de História e sobre os Patrimônios nas suas Práticas Pedagógicas, de modo a opinar sobre a Construção de um Recurso Didático. Esse material teria como fundamento a abordagem da Catedral de São Pedro, como fonte e objeto para o ensino de História e também para a Educação Patrimonial.

Para tanto, foram enviados por *e-mail* questionários para 11 professores, dos quais obteve-se o retorno de apenas sete deles. Verificou-se que eles pertencem a área da História (Licenciatura e/ou Bacharelado), Pedagogia (com habilitação em Pré-escola e/ou Anos Iniciais) e Letras (Licenciatura em Português).

Uma das perguntas no questionário solicitava que o professor (a) apontasse qual o ano em que atua. Como resultado, pode-se perceber que a maioria deles (as) atua no 5<sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental, conforme exposto no quadro que está sequência.

**Quadro 2 – Ano de Atuação no Espaço Escolar**

<b>Ano de Atuação na Escola</b>	<b>Quantidade de Professores (as)</b>
1º	1
4º	2
5 <sup>a</sup>	3
6º	1

**Fonte:** Elaborado por William Paiva, 2017.

Questionou-se também aos respondentes se eles trabalhavam, no momento em que

exerciam suas práticas pedagógicas, com aspectos sobre a História dos Patrimônios que pertencem, especificamente, ao município do Rio Grande/RS. Verificou-se que a maioria dos respondentes aborda esta Categoria de estudos na escola.

**Quadro 3** – Abordagem nas aulas sobre a História dos Patrimônios em Rio Grande/RS

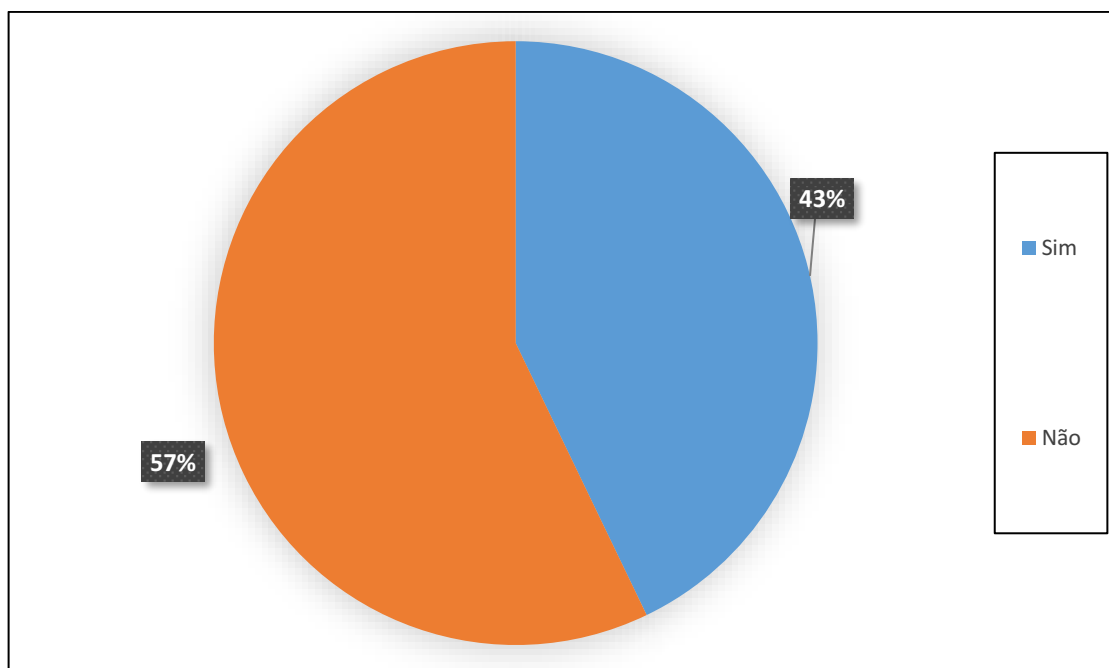
<b>Abordagem sobre os Patrimônios na Sala de Aula</b>	<b>Quantidade de Professores (as)</b>
SIM	5
NÃO	2

**Fonte:** Elaborado por William Paiva, 2017.

Os que responderam sim ainda informaram que abordavam os mais diversos monumentos; explicavam o modo como se deu a constituição da cidade; identificavam os pontos turísticos ligados aos patrimônios; comentavam sobre a existência dos prédios históricos; ressaltavam os tipos de patrimônios, os aspectos ligados a sua preservação e explanavam sobre a História do bairro, da cidade e também do Estado do Rio Grande do Sul. Contudo ainda chama atenção que alguns professores não trabalham com essa perspectiva, o que evidencia a necessidade desse estudo.

Outra questão indagava sobre a dificuldade de encontrar e/ou localizar materiais que abordassem de alguma forma, informações ou referências sobre os Patrimônios Históricos e Culturais da cidade do Rio Grande/RS. Constatou-se que grande parte deles consegue encontrar fontes, que tratem dos patrimônios pertencentes a cidade. No entanto, o que merece ser destacado é que alguns professores ainda encontram dificuldades para localizá-las. Fato que justifica a elaboração e disponibilização de materiais, que tenham por função sanar essa carência. O resultado desta questão pode ser observado no gráfico a seguir.

**Gráfico 1** – Dificuldade ao encontrar materiais sobre os Patrimônios Históricos e Culturais do Rio Grande/RS



**Fonte:** Elaborado por William Paiva, 2017.

Outra pergunta teve por intenção descobrir quais as fontes que os professores costumam usar, quando pretendem trabalhar os Patrimônios Históricos e Culturais do município com os alunos. Muitas fontes foram citadas, tais como a utilização de livros, de fotografias, de relatos sobre a memória e também a própria *internet*. Um professor mencionou as saídas de campo, para fins de complementar os estudos já realizados em sala de aula, levando em conta que ainda não há nenhum material pronto, que tenha por função servir como aporte ao ensino de História, no que concerne aos Patrimônios da cidade do Rio Grande/RS.

Uma importante questão colocada no questionário tratou de avaliar o conhecimento que cada professor respondente possuía, no que tange a História da Catedral de São Pedro na cidade do Rio Grande/RS. Já com vistas a produção da Cartilha, as respostas a essa pergunta foram fundamentais para nortear os conteúdos que nela estarão dispostos. Como resultado, observou-se que os professores ainda não conhecem muitos dos aspectos ligados a História da Catedral, o que torna ainda mais emergente a construção da Cartilha.

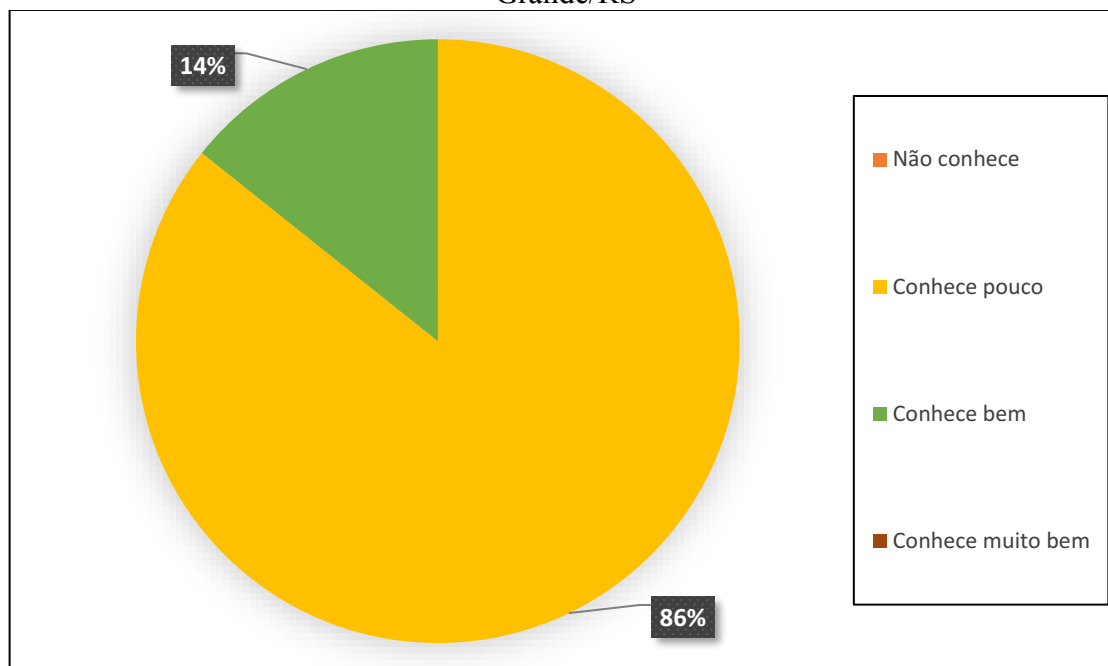
Como ainda não existe qualquer material similar, esse recurso didático terá por função enfatizar uma proposta de Educação Patrimonial, utilizando como objeto as práticas no ensino de História diante da Catedral de São Pedro. Irá corroborar também para que o professor possa se valer de uma nova fonte, que estará aliada para contribuir cada vez mais para o ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

No gráfico que está na sequência, percebe-se a discrepância sobre o conhecimento dos



professores em relação a História da Catedral.

**Gráfico 2** – Avaliação do conhecimento referente a História da Catedral de São Pedro em Rio Grande/RS



**Fonte:** Elaborado por William Paiva, 2017.

Já sobre a elaboração de uma Cartilha, perguntou-se aos professores se eles consideravam relevante que algum material educativo fosse construído, levando em conta toda a historicidade da Catedral de São Pedro, a metodologia da Educação Patrimonial e a sua utilização no ensino de História. Todos concordaram sobre o quanto esse material seria importante, no que tange ao modo colaborativo que seu conteúdo traria ao ensino de História da cidade.

Ainda como forma de complemento, alguns professores explanaram o fato de que o material “irá enriquecer e facilitar o acesso”, no que se refere aos conteúdos que versam sobre a Catedral de São Pedro, valorizando cada vez mais a História do município. Ele será importante também por “qualificar e aprimorar o ensino de História”, sendo que “além de ajudar, motivaria os professores”, uma vez que terá como enfoque trabalhar com as questões ligadas ao Patrimônio Histórico e Cultural.

Na questão que solicitou aos professores fazerem sugestões, sobre a inclusão na Cartilha de alguma imagem ou texto, por exemplo, teve como respostas o uso das próprias imagens da Catedral de São Pedro, mostrando-a como é, ao mesmo tempo em que fosse enfatizada sua respectiva importância cultural na cidade.

Após realizada essa análise, levando em consideração a interpretação das respostas que

os professores expressaram no questionário, verificou-se que a Categoria do Patrimônio é considerada por eles um assunto de extrema pertinência ao ensino de História, mas que no momento carece de materiais e/ou recursos para serem utilizados como auxílio em suas práticas pedagógicas. Sobre a Catedral de São Pedro, foi importante observar que existe um interesse por parte destes educadores, em ensinar e expor melhor as informações bem como os aspectos ligados a sua História, com vistas a revelar essa construção identitária no município.

Com base nesta compreensão, é plausível ainda discutirmos a relevância que é atribuída à Catedral de São Pedro, no momento em que se insere na Educação Patrimonial e também nas práticas atinentes ao ensino de História. Assim, como proposta de material educativo sobre a Catedral, realizou-se a elaboração de duas Cartilhas, voltadas para o ensino de História e que utilizaram como foco principal a metodologia da Educação Patrimonial.

No próximo capítulo, serão explanados aspectos sobre a construção dos referidos recursos didáticos.

## **CAPÍTULO V – A ELABORAÇÃO DA CARTILHA SOBRE A CATEDRAL DE SÃO PEDRO: UMA PROPOSTA DE TRABALHO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA CIDADE DO RIO GRANDE**

Este capítulo trata da elaboração de uma proposta de material didático, voltado ao ensino de História, para ser utilizado nas escolas da cidade do Rio Grande/RS, empregando como eixo central a Catedral de São Pedro através da abordagem da Educação Patrimonial. Dessa forma, esse capítulo, além de discutir as práticas pedagógicas no ensino de História, aborda o processo de construção dos recursos didáticos e por último apresenta a proposta das Cartilhas, a qual se configuram como produtos dessa pesquisa.

### **5.1 A RELAÇÃO ENTRE OS PROFESSORES E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Agentes sociais envolvidos no processo educacional, tais como a Escola, o Professor, o Aluno e a Sociedade como um todo são os elementos fundamentais nesse processo. Esse grande grupo acaba sendo o principal responsável por essa extensão da educação, que está muito além de ser somente um compromisso da escola e dos espaços formativos.

Sobre a relação existente entre a Educação por intermédio do Patrimônio e o ensino de História, Soares e Klamt (2008) explicam que:

o objetivo é a valorização da memória e da identidade regional, através de um processo de identificação, reconhecimento e valorização do patrimônio local. Ao mesmo tempo, deve-se observar que a educação para o patrimônio é um instrumento de conscientização para a preservação da História local e regional, na medida em que resgata e valoriza as ações cotidianas como portadoras de importância sócio-cultural. (SOARES; KLAMT, 2008, p. 146)

Esse processo, em sua totalidade, mostra a importância da valorização dos saberes e também do próprio patrimônio, diante das práticas educativas permeadas na escola. Aliado à metodologia utilizada por este professor, diante dos conteúdos para que essa educação seja efetiva, de fato, Callai (1988, p. 11) indica que:

ao professor cabe um papel muito importante neste estudo, pois, no dia-a-dia da sala de aula, serão realizadas partes do conjunto do trabalho, serão estudados certos aspectos apenas, e isto não pode passar para o aluno como algo solto, estático. Para tanto é necessário ter sempre a lógica sequencial do que está sendo tratado.

Em sua totalidade, o aprendizado terá maior fundamento acerca desse mesmo conhecimento, que passará então a compor o intelecto do aluno na construção conjunta por meio deste espaço educacional. Ademais, Soares (2009, p. 31) enfatiza que “[...] cabe ao professor, historiador ou educador demonstrar com clareza que não há consenso, unidade ou estática na definição dos bens culturais, da história ou da memória que se vai perpetuar”. Isso mostra que o conhecimento acaba se tornando interdisciplinar, pelo fato de não abranger somente um parâmetro educacional, mas sim um conjunto de vários.

Nesse contexto, a disciplina de História apresenta uma grande relevância ao ensino e também ao currículo, no momento em que corrobora tanto na aprendizagem quanto na formação cidadã dos alunos, permitindo que esses sejam capazes de refletir e de se posicionarem enquanto agentes sociais deste processo. Fonseca (2003) a define como sendo uma:

disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora. A história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva. (FONSECA, 2003, p. 89)

Por meio do espaço escolar, o aluno precisa ser compreendido como figura atuante no processo educacional e não apenas como um mero ouvinte na sala de aula. Segundo Sant’Anna (1995) é necessário que o professor entenda que sua prática reflete diversas possibilidades ao conhecimento, sendo importante perceber ainda que:

É fundamental ver o aluno como um ser social e político, sujeito do seu próprio desenvolvimento. O professor não precisa mudar suas técnicas, seus métodos de trabalho, precisa, isto sim, ver o aluno como alguém capaz de estabelecer uma relação cognitiva e afetiva com o meio circundante, mantendo uma ação interativa capaz de uma transformação libertadora [...]. (SANT’ANNA, 1995, p. 26)

Por outro lado, no caminho inverso a esse, a História acaba se tornando para muitos algo sem valor, sem fundamento. Caberá ao professor, diante desse viés, despertar nos alunos o entusiasmo, o interesse e a paixão por meio da aprendizagem dos conteúdos ligados ao ensino de História, por exemplo. Colaborando ao que foi explanado, Barbosa (2006, p. 63) comenta exatamente isso ao dizer que:

[...] a reação dos alunos à história nas salas de aula, que se apresenta na forma de aversão ou de apatia frente ao que é ensinado, quando afirmam que não sabem para que estudam isso ou que a história não tem função ou sentido, demonstra que até o

presente há um considerável emprego da idéia de história como fatos isolados e não como processo, como matéria decorativa e não interpretativa.

Na maioria das vezes, o educador pode se valer de algumas estratégias, de modo que consiga contornar esse entendimento e fazer com que sua aula seja ainda mais dinâmica. Como uma das diversas ferramentas que estão aliadas ao ensino, ele pode fazer o uso do livro didático para reforçar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Sabe-se que os livros são considerados como materiais didáticos na escola e que possuem caráter mediador, no que tange ao processo responsável pela apropriação do conhecimento. Podem ser usados em distintas situações “como fonte de orientação para explicações desenvolvidas nas aulas, como apoio ao planejamento e sugestões para avaliações, como material de estudo e atualização” (MONTEIRO, 2009, p. 175).

Sobre os livros didáticos que tratam do ensino de História, sabe-se que não apenas o seu conteúdo é levado em conta na sua produção, mas também uma gama de outros fatores, tais como as estratégias de venda ligadas aos possíveis leitores, os aportes teóricos utilizados pelos autores, o faturamento das editoras através das vendas e os próprios assuntos que fazem parte da publicação no todo. É o professor que, na maioria das vezes, acabará se tornando o responsável por fazer a seleção dos livros que irá trabalhar em sala de aula, levando em conta ainda toda a construção do currículo na disciplina escolar.

Caimi et al. (1999, p. 78) expressa essa relação ao dizer que:

Todos os livros didáticos corporificam determinado projeto pedagógico. A concepção de história ou de ensino de cada autor é fruto de uma opção teórica que, implícita ou explicitamente, está presente na obra; o autor de livros didáticos, assim como o historiador, é essencialmente um selecionador. Enquanto este seleciona, dentre incontáveis manifestações humanas, aquelas que julga mais importantes para o processo histórico, o primeiro privilegia, entre os já consagrados fatos históricos, aqueles que julga dignos de serem repassados através do ensino fundamental e médio.

Acredita-se que muitos assuntos ainda não estejam sendo contemplados pelos livros didáticos, como por exemplo, o estudo dos patrimônios específicos que compõem as cidades. No ensino sobre a História Local, torna-se necessário consultar outros aportes, de modo a fazer com que os respectivos conteúdos sejam mais dinâmicos e elucidativos aos educandos. Frente a isso, Barbosa (2006, p. 65) comenta que “[...] a história local pode estabelecer a aproximação entre segmentos populares e o ensino de história”.

Sobre a importância de trabalhar com diversos recursos didáticos, Terra (2002, p. 103) alude que:

A introdução de estudos que buscam desvendar as múltiplas relações dialógicas incorporadas às obras humanas amplia a oportunidade dos alunos conhecerem contextos históricos complexos, que se expandem em ressonâncias no tempo e que se materializam em obras e acontecimentos. Possibilitam ainda escaparem de explicações causais e simplistas, indo de encontro à olhares substanciosos, recheados de referências culturais, contextos e histórias.

Esse entendimento acaba sendo muito valioso para a construção das Cartilhas, já que elas se tornarão uma fonte adicional, para se explicar os diversos aspectos ligados a Educação Patrimonial na Catedral de São Pedro em Rio Grande/RS. Para se efetivar as práticas pedagógicas no ensino de História, é importante ainda investir não somente nos materiais didáticos e nos outros recursos metodológicos, mas também na formação e nas condições de trabalho dos profissionais da educação. Investimentos são importantes para qualquer área, desde que sejam bem planejados e embasados numa proposta educacional sólida, no tocante ao ambiente escolar.

## 5.2 A CARTILHA VISTA COMO RECURSO DIDÁTICO NO PROCESSO EDUCACIONAL DAS ESCOLAS

Na aprendizagem dos alunos sobre os conteúdos de História, o professor é quem assumirá o compromisso de escolher os meios pelos quais se dará a sua prática. De acordo com Fonseca (2003):

[...] o professor de história, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, faz com que o aluno não apenas compreenda, mas assimile, incorpore e reflita sobre esses ensinamentos de variadas formas. (FONSECA, 2003, p. 71)

A atividade ligada ao ensino de História torna-se fundamental, para que assim haja a compreensão dos processos históricos ocorridos e sua articulação com os fatos inseridos na atualidade. Ainda é possível pensar que esta área abrange outras categorias e temáticas, que acabam por intervir na produção historiográfica, nos documentos legais, na formação dos professores, na produção dos materiais didáticos e nos demais componentes envolvidos pelo mesmo espaço em que é desenvolvida a prática escolar. A interação entre todos estes fatores é essencial, de modo a compreender que o ensino de História vai muito além de apenas conteúdos simplificados, pois seus cruzamentos é que acabam por fazer parte do saber no espaço escolar (ABUD, 2007).



Complementando essa relação de sentidos, Wachowica (1995, p. 15) diz que “[...] o método didático necessário é aquele capaz de fazer o aluno ler criticamente a prática social na qual vive”, enfatizando assim a importância acerca da utilização dos diversos recursos metodológicos no espaço escolar. Sobre a elaboração de materiais voltados para o ensino do patrimônio, sabe-se que muitas das ações que englobam as atividades de Educação Patrimonial versam por dois caminhos, sendo um deles a própria divulgação dos conceitos básicos sobre o universo do patrimônio cultural e do tombamento; e o outro, referente às questões preservacionistas desse mesmo patrimônio. Como estratégia para essa finalidade, podem ser elaborados e distribuídos diversos materiais didáticos, como por exemplo, uma Cartilha (OLIVEIRA, 2011).

Já sobre a falta de materiais didáticos que abordem os diversos tipos de patrimônio, Teixeira (2008) nos traz uma importante informação ao expressar que:

As escolas sofrem grande carência de material didático para que os professores possam trabalhar as questões referentes ao patrimônio cultural, histórico e arqueológico em sala de aula, pois poucos pesquisadores no contexto universitário estão preocupados em atingir esse público de leitores (comunidade e escola do ensino fundamental e médio). (TEIXEIRA, 2008, p. 209)

Nessa passagem, a autora acaba por complementar o propósito de criação desse recurso didático, potencializando-o ainda mais diante do próprio ensino de História e auxiliando também a própria instituição escolar nesse processo. No entanto, sabe-se que os conteúdos referentes a riqueza patrimonial, que estão envoltos pelo espaço da cidade, acabam não sendo facilmente encontrados pelos professores em livros e/ou outros materiais básicos da disciplina. Por meio desse viés, Barbosa (2006) destaca a falta de materiais utilizados para abordar a História Local, como visto a seguir:

a análise da produção teórica, bem como do material didático de história e, em especial de história local, existente nos municípios ou sobre eles, indicou a situação de escassez e inadequação dos mesmos. O ensino de história local se apresenta na forma de matéria dirigida à memória e, às vezes, à imaginação, não levando em consideração qualquer outra propriedade intelectual do aluno e do próprio professor [...]. (BARBOSA, 2006, p. 64)

Para além do próprio ensino de História, os materiais didáticos produzidos refletem uma importância ainda maior para o Ensino Fundamental das escolas, no que concerne ao processo educacional em sua completude. Colaborando a isso, Barbosa (2006, p. 66) nos remete a pensar que:

o ensino de história local ganha significado e importância no ensino fundamental, exatamente pela possibilidade de introduzir e de prenunciar a formação de um raciocínio histórico que contemple não só o indivíduo, mas a coletividade, apreendendo as relações sociais que ali se estabelecem, na realidade mais próxima. (BARBOSA, 2006, p. 66)

Tratando agora sobre o propósito de construção das Cartilhas, comenta-se que elas terão por fundamento auxiliar os profissionais da educação e os alunos das escolas do município do Rio Grande/RS, com vistas a corroborar ainda mais nas práticas ligadas ao ensino de História.

As Cartilhas deverão ser utilizadas, mais precisamente, como uma proposta de trabalho através da Educação Patrimonial na Catedral, englobando ainda todas as Etapas já mencionadas no Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial (Observação, Registro, Exploração e Apropriação), proposto pela autora Evelina Grunberg (2007). Ressalta-se ainda que os recursos didáticos foram elaborados para atingirem diversos públicos, uma vez que poderão ser usados como fontes em diferentes Níveis de Aprendizagem, tanto no Ensino Formal quanto no Ensino Não Formal.

Acompanhando as ideias de Soares e Klamt (2008), as cartilhas que foram propostas têm por finalidade contribuir para o processo de educação patrimonial, no qual:

[...] os alunos são levados a conhecer a história de sua cidade, os prédios históricos, etc. A ênfase é dada, sobretudo, em dois aspectos: o reconhecimento do educando enquanto sujeito histórico e o binômio identificação-valorização dos patrimônios, desde o individual até o coletivo. (SOARES; KLAMT, 2008, p. 151)

É significativo dizer ainda que as Cartilhas, ora elaboradas e produzidas como produtos desta Dissertação, servirão como uma nova fonte metodológica para o ensino de História, mais especificamente sobre o estudo do patrimônio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Essa proposta acompanha a prerrogativa de Bittencourt (2008) que entende que:

Uma concepção mais ampla e atual parte do princípio de que os materiais didáticos são mediadores do processo de aquisição do conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina – no nosso caso específico a História. (BITTENCOURT, 2008, p. 296)

Concordando ainda ao que já foi exposto, Otto (2008, p. 28) ao falar sobre a importância do conhecimento produzido na academia e da troca desse conhecimento entre os pares, nos alude que “planejar e operacionalizar atividades que possibilitem o acesso dos

professores que atuam no Ensino Fundamental e Médio às reflexões desenvolvidas na universidade é fator primordial para a renovação do ensino de História”.

É pertinente discutir ainda que, para que seja possível acontecer a elaboração bem como a produção de um material didático, a exemplo da Cartilha, alguns critérios necessitam ser observados frente a esse processo. Conforme apontado por Silva e Silva (2015), o planejamento dos conteúdos é muito importante nessa construção, levando em conta também a linguagem que está sendo utilizada e o público-alvo a quem será destinado o recurso didático. Ele deverá responder aos objetivos educacionais propostos, servindo como facilitador, motivador e o mais importante, que seja visto como mediador para o conhecimento no espaço escolar.

Para Preti (2010) o texto que constitui o material deverá apresentar uma interligação com o assunto principal, através de um sentido claro, conciso e com uma intencionalidade que responda ao propósito de sua criação. Nele poderá ser utilizado diversos recursos visuais, tais como imagens, gráficos, ícones entre outros. Ele tem caráter didático, pelo fato de ser produzido com a intenção de ensinar e facilitar a aprendizagem de conteúdos, por exemplo.

Sobre a sugestão de atividades ao público que fará uso do material, Preti (2010, p. 23) relata que “propõem-se atividades para que o estudante atue ativamente na leitura e possa realizar autoavaliação de sua aprendizagem, tendo o cuidado para que estas atividades não sejam excessivas, mas propostas no texto no momento adequado”. Sendo assim, elas irão proporcionar que o conhecimento seja adquirido de uma forma lúdica, enriquecendo ainda mais a proposta educacional da Cartilha.

No que concerne às ilustrações, Preti (2010, p. 24) comenta que elas podem ser compostas de “imagens, fotos, diagramas, tabelas, [...]”. São utilizados ativamente, como recurso didático para melhor explicar determinado conteúdo ou para propor ao estudante atividades de reflexão, de análise, de comparação, de interpretação”. Nessa parte, a própria fotografia pode ser entendida como um recurso de grande importância, já que será a responsável por aproximar o texto da imagem, no momento em que fizer tal referência.

As Cartilhas terão grande destaque nas discussões circundadas pelo ensino de História, mais expressamente sobre aquelas que fazem alusão a uma proposta de Educação Patrimonial, tendo como objeto a Catedral de São Pedro em Rio Grande/RS. Através da riqueza atribuída às suas diversas imagens, motivo pelo qual se justifica o uso das mesmas nas Cartilhas, será possível fazer com que os alunos a conheçam, desenvolvam um sentimento de pertencimento e também reflitam sobre a sua importância, tendo em vista que a Catedral é considerada Patrimônio Histórico e Cultural do município. Nas palavras de Otto

(2008, p. 34) “[...] ensinar História pressupõe um trabalho consciente e sistemático também com a cultura, com as experiências dos alunos”.

É válido ressaltar que na composição dos recursos didáticos, pensou-se em valorizar não somente o Patrimônio, mas o olhar que é revelado pelas pessoas diante dele. Com base nisso, foram utilizadas na Capa e na Contracapa das Cartilhas uma imagem que retratava o desenho da Catedral, sob o olhar do Artista Plástico e Professor Aposentado da FURG Geraldo Roberto da Silva<sup>35</sup>. Como a proposta do material é trabalhar com a Categoria do Patrimônio, nada mais justo que homenagear um Artista Local, que demonstrou em sua obra toda a criatividade e o olhar atento aos traços que compõem o Templo.

Para que a exposição destas imagens nas Cartilhas fosse possível, solicitou-se e foi recebida, através de *e-mail*, a autorização do referido autor (APÊNDICE D), pelo fato de que este material será consultado pelos professores e alunos das escolas de Rio Grande/RS como fonte e recurso pedagógico.

Já em relação aos conteúdos que estão presentes nas Cartilhas, optou-se por fazer um direcionamento voltado tanto para a aprendizagem dos professores quanto para a dos alunos, com base numa proposta de Educação Patrimonial através da Catedral de São Pedro. Por meio desses recursos didáticos é possível fazer uma visita ao templo, conhecendo assim as suas principais características arquitetônicas, a sua grande importância cultural na cidade do Rio Grande/RS e ainda aprender diversos conceitos ligados ao patrimônio e também ao ensino de História.

A principal motivação para que pudesse haver a elaboração das Cartilhas foi a carência de outros materiais, que tratassem de abordar aspectos referentes aos patrimônios do município e principalmente sobre a História Local, de modo a auxiliar os professores em suas práticas escolares no ensino de História e também os alunos. Devido a toda importância histórica da Catedral e que já foi mencionada ao longo da escrita desta Dissertação, pensou-se então na construção destes recursos, que passarão a servir como fontes para que os alunos conheçam um pouco mais da história deste bem cultural.

A primeira Cartilha, voltada para as Práticas Pedagógicas dos Professores, apresenta ao todo 42 páginas, sendo composta de imagens externas (fachada, laterais, fundos) e imagens internas (santidades, altares, objetos) da Catedral de São Pedro; de alguns conceitos importantes ligados ao patrimônio cultural; do próprio histórico de criação do templo na cidade e também informações sobre a sua localização, contatos e horários para atendimento

---

<sup>35</sup> Informações embasadas no Currículo do autor. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1699621730978589>>. Acesso em: 20 set. 2017.

ao público.

Já a segunda Cartilha, que foi elaborada como proposta aos Alunos pertencentes aos Anos Iniciais, possui 36 páginas em que se apresentam atividades sobre cada uma das quatro etapas da Educação Patrimonial (observação, registro, exploração e apropriação), de modo a fixar ainda mais os conteúdos que estão dispostos no referido material sobre a Catedral.

O processo de criação dos materiais foi cuidadosamente planejado, pelo fato deles serem inéditos até o momento e uma fonte adequada, entendida aqui como proposta, para ser utilizada como recurso didático pelos professores e pelos alunos da rede de ensino de Rio Grande/RS. Procurou-se destacar as principais características da Catedral, tendo como enfoque as imagens da sua arquitetura em estilo barroco, as diversas santidades que fazem parte do templo, tais como São Pedro, Nossa Senhora da Conceição, São Miguel Arcanjo, São José bem como os objetos que são utilizados nas práticas religiosas do templo.

Em meio a todo esse planejamento coletivo, ou seja, através de muitas discussões entre orientando e orientadora, foi possível dar vida a esta criação, que possui desde já uma grande importância para o ensino de História. Sobre as diversas atividades que estão dispostas nas páginas da Cartilha para os Alunos, todas tem a função lúdica de fixar os conteúdos apresentados sobre a Catedral ao longo do material. Isso fará com que, ao fim da explanação desse conhecimento, os mesmos se sintam ainda mais pertencidos a História local da cidade do Rio Grande/RS, por meio da aprendizagem produzida em referência à história e à cultura do templo.

As cartilhas completas estão nos Apêndices B e C desta Dissertação, sendo que optamos por não colocá-las diretamente junto ao corpo do texto, de modo que pudessem assim estar disponibilizadas para aqueles que se interessarem em trabalhar com elas, mesmo que não tenham a versão impressa dos referidos materiais didáticos.

A seguir, apresentamos as considerações finais desse Trabalho de Conclusão de Mestrado (TCM).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos já apontados, pode-se dizer que a Catedral de São Pedro possui uma grande representação na Cidade do Rio Grande/RS, sem deixar de ressaltar também que ela é considerada como Patrimônio Histórico e Cultural do município, através da legislação que a preserva. Seu símbolo esteve presente e representado nos mais diversos patrimônios da cidade, a exemplo da rotulagem na produção da bebida Jurupiga na Ilha dos Marinheiros; no logotipo da PMRG, denominando-a como “Cidade Histórica” e colocado à disposição do Ginásio Municipal de Esportes Professor Farydo Salomão, que se localiza na Praça Saraiva.

Também esteve fazendo parte da logomarca presente no Plano Turístico, na qual estavam sendo representados os cinco macroprodutos turísticos do Rio Grande/RS (Obras de Engenharia, Ecologia, Praia, História e Cidade); no slogan “Rio Grande, Cidade Histórica, Cidade do Mar”, sendo considerada ainda como “Patrimônio do Rio Grande do Sul”, uma vez que sua imagem ficou em destaque ao lado das vagonetas dos molhes da barra, com forte representação do próprio município; na logomarca do PPGH da FURG e na capa da Revista BIBLOS (periódico disponível em meio digital) que pertence ao ICHI da FURG e ainda na 39ª edição da FEARG, através de um desenho num grande painel e sob a forma de *graffiti* no muro que fica na parte externa da feira.

Por tudo isso é que podemos considerar a Catedral de São Pedro como um importante instrumento de valoração histórica, aliado ao ensino de História nas escolas, pelo fato de sua própria historicidade fazer parte também da História Local da cidade. Contudo, não se sabia como esses aspectos estavam sendo abordados, no que tange às práticas pedagógicas dos professores da rede pública escolar em Rio Grande/RS.

O trabalho apresentou como Objetivo Geral contribuir para o desenvolvimento do ensino de História nas escolas de Rio Grande/RS, a partir de uma proposta de Educação Patrimonial utilizando a Catedral de São Pedro como objeto. E como específicos, discutir sobre o quão relevante é o ensino da História Local nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; averiguar o modo como a Educação Patrimonial está inserida no âmbito do ensino de História, mais especificamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; apresentar a Catedral de São Pedro e observar como ocorreu a sua Patrimonialização e ainda propor um recurso didático de Educação Patrimonial, para ser utilizado nas aulas de História.

Acredita-se que os objetivos foram atendidos, pois foi possível compreender com o referencial estudado e com a análise das fontes primárias que a Categoria pertencente ao Patrimônio e ao Ensino de História estão presentes na própria História da Cidade, podendo

ainda ser explanada como estratégia de ensino, através das práticas pedagógicas dos educadores em sala de aula. Isso fará com que o aluno possa conhecer a História do local onde vive, e se sinta portador desse sentimento de pertença, de respeito e preservação aos Patrimônios Culturais existentes.

Já sobre a inserção da Educação Patrimonial no âmbito do ensino de História, no que concerne aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede escolar do município, foi necessário consultar os Projetos Pedagógicos da SMED e da 18ª CRE, de modo a entender como a Categoria relativa ao Patrimônio estava abarcada. Além dos próprios Projetos, consultaram-se também outras fontes e materiais que se relacionavam com a temática, tais como o Plano Municipal de Educação e o Plano Estadual de Educação.

Após análise desses referidos materiais, constatou-se que no ensino de História os conhecimentos abrangidos pela Categoria do Patrimônio estão presentes nos Projetos Pedagógicos do Município e do Estado, de fato. Isso faz com que esse mesmo ensino se torne um rico espaço para discussões e aprendizagens, no momento em que ocorrer as práticas pedagógicas dos educadores em meio ao espaço escolar. No entanto, não há uma especificação de como esses temas devem ser trabalhados, tampouco há uma indicação da Catedral de São Pedro como um dos bens a serem abordados.

Ainda sobre a inclusão da Educação Patrimonial e da Catedral em sala de aula, foi realizada uma consulta a Professores pertencentes a rede escolar (municipal e estadual) do município do Rio Grande/RS, uma vez que eles deveriam, necessariamente, ser atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Referente ao Processo de Patrimonialização da Catedral de São Pedro aqui na cidade, buscou-se entender quais eram as ações preservacionistas que já estavam sendo realizadas, mesmo antes de vigorar o Decreto-Lei número 25, de 30/11/1937.

Para tanto, consultou-se a Ata do Conselho Consultivo do SPHAN, que fazia menção a 1ª Sessão Extraordinária realizada em 17 de maio de 1938. Neste importante documento ficou estabelecida a Inscrição da Matriz de São Pedro no Livro do Tombo, com base no Artigo 4º do referido Decreto-Lei. Consoante a esse ato, a Matriz passou a ser identificada e reconhecida nacionalmente com um Bem Patrimonial Tombado, devendo ser preservada e protegida. Ainda é importante destacar que para um bem ser patrimonializado, deve haver entre outros fatores, o conhecimento e o respeito pela historicidade de cada bem cultural, inferindo diretamente na construção e seguimento de Políticas e Legislações para tal fim.

Após a apropriação dos conceitos, das discussões teóricas acerca das diversas categorias que foram trabalhadas ao longo da escrita, passamos ao último objetivo específico,



que foi a proposição de uma Cartilha, recurso didático a ser utilizado nas aulas que versam sobre o ensino de História, diante das escolas que trabalham com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O Material fez referência a uma proposta de Educação Patrimonial na Catedral de São Pedro, sendo que sua construção buscou atender os anseios mencionados pelos professores, ao se depararem com uma carência sobre este tipo de recurso didático.

A colaboração destes educadores foi de extrema importância, pelo fato de poder compreender o conhecimento que cada um possuía, no que se refere a Catedral de São Pedro e também ao Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS. A construção das Cartilhas possibilitou um novo olhar diante do Patrimônio, já que servirão como fontes metodológicas para auxiliar ainda mais os docentes e os alunos, no que tange as práticas pedagógicas permeadas através do ensino de História. Na sua elaboração, levou-se em conta toda essa grande representação que a Catedral apresenta como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade.

Ao fim de tudo, espera-se que as Cartilhas possam contribuir ainda mais ao ensino de História, servindo também como recurso nas aulas sobre a explanação da História Local do município. Que os alunos possam desenvolver, com o auxílio desse recurso didático, o conhecimento sobre o nosso Patrimônio Cultural, em especial o revelado pela Catedral de São Pedro e ao mesmo tempo sintam orgulho por residir numa cidade histórica, com bens culturais históricos tão importantes.

Acredito que dessa forma, o compromisso e a responsabilidade que cada profissional da educação tem com seus alunos, será alcançado efetivamente, fomentando assim a busca por um ensino de melhor qualidade e com respeito a historicidade dos patrimônios.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABUD, Katia Maria. A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: MAUAD X: FAPERJ, 2007.

ALMEIDA, Luiz Fernando. Patrimônio, história e sociedade. In: PINHEIRO, Áurea da Paz. PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. Piauí: EDUFPI, 2010.

ALVES, Francisco das Neves. Instrução pública na cidade do Rio Grande: as reivindicações da câmara municipal (1845 – 1889). In: \_\_\_\_ (org.); TORRES, Luiz Henrique (org) et al. **A cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande, 1995: Ed. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Secretaria Municipal de Educação e Cultura. 204p.

\_\_\_\_\_. Patrimônio histórico x modernização – a questão em torno da reedificação da matriz de São Pedro nos anos trinta do Século XX. **BIBLOS**. v.18, p. 109-124, 2006. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/131/46>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Uma igreja, uma comunidade: os 250 anos de história da Catedral de São Pedro**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. Reflexões sobre a Educação Patrimonial e experiências da diversidade cultural no ensino de história. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa**. SP, 2006. BRASIL.

ARROYO, Michele Abreu. Educação Patrimonial ou a cidade como espaço educativo? In: **Revista Outro Olhar – Revista de Debates**. Ano IV, n.4, BH, Out/2005.

BARBOSA, Vilma de Lourdes. Ensino de História local: redescobrimos sentidos. In: **SAECULUM – Revista de História** [15]; João Pessoa, jul./dez. 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2ª Ed. São Paulo. Cortez. 2008.

\_\_\_\_\_. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BITTENCOURT, Ezio. **Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional - Panorama da história de Rio Grande**. Rio Grande: Ed. Furg, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Artigo 216. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 16 jul. 2017.

BRASIL, Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm)>. Acesso em: 08 jul. 2017.

BRASIL, Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova, organização ao Ministerio da Educação e Saude Publica. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1930-1949/L0378.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/L0378.htm)>. Acesso em: 08 jul. 2017.

BRITO, Marcelo. Gerenciamento de núcleos históricos: gestão do desenvolvimento versus gestão da estagnação. In: **A Construção da Cidade**. Brasília: Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal, 1998, p. 105.

CAIMI, Flávia Eloisa et al. **O livro didático e o currículo de história em transição**. Passo Fundo: EDUPF, 1999.

\_\_\_\_\_. Por que os alunos (não) aprendem história? Reflexões sobre o ensino, aprendizagem e formação de professores de História. In: **Revista Tempo**; v.11, n. 21, jun. 2006, p. 17-32.

CAINELLI, Marlene. **O que se ensina e o que se aprende em História**. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. História: ensino fundamental – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí: UNIJUÍ Ed., 1988.

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. **Plano Municipal de Educação 2015-2025**. Secretaria de Município da Educação/SMED, 2015. Disponível em: <[http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/wp-content/uploads/2015/08/20150808-lei\\_7.911\\_anexo\\_-\\_plano\\_municipal\\_de\\_educacao.pdf](http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/wp-content/uploads/2015/08/20150808-lei_7.911_anexo_-_plano_municipal_de_educacao.pdf)>. Acesso em: 21 ago. 2017.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. SP: Contexto, 2011.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume, BH: IEDS, 2009.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra J. (Org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2001. p. 43-69.

CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. 3.ed. SP: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA. **Código do Direito Canônico**. 1983. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf)>. Acesso em: 03 fev. 2017.

COZBY, Paul C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. 1ª Ed. 2003 – 4ª reimp. – SP: Atlas, 2009.

DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO. **Reestruturação Curricular - Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Secretaria da Educação – SEDUC/RS, 2016. Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/201702/09164831-reestruturacao-curricular-ensino-fundamental-e-medio-2016-documento-orientador.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

DIAS, Guilherme; SOARES, André Luis Ramos. Educação Patrimonial e Educação Popular: um viés possível. In: SOARES, André Luis Ramos; KLAMT, Sérgio Célio (orgs.). **Educação Patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.

EQUIPE DA CASA DO PATRIMÔNIO DE JOÃO PESSOA. Meu quintal é maior que o mundo ou reflexões sobre a Educação Patrimonial. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação Patrimonial reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Muito antes do SPHAN: a política de patrimônio histórico no Brasil (1838-1937). In: **Seminário Internacional de Políticas Culturais: teorias e práxis**, 2010.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. GIOIA, Lílian de Cássia Miranda de. **Educação patrimonial no ensino de história nos anos finais do ensino fundamental: conceitos e práticas**. São Paulo: Edições SM, 2012.

FLORENCIO, Sônia Regina Rampim. Educação Patrimonial: um processo de mediação. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em Processo**. RJ: Editora UFRJ/ Minc-Iphan. 2ª edição, 2005.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FONTAL MERILLAS, Olaia. El patrimonio en la escuela: más allá del patrimonio como contenido curricular. In: FONTAL MERILLAS, Olaia (Coord.). **La Educación Patrimonial: Del patrimonio a las personas**. España: Trea, 2013.

\_\_\_\_\_. Estirando hasta dar la vuelta al concepto de patrimonio. In: FONTAL MERILLAS, Olaia (Coord.). **La Educación Patrimonial: Del patrimonio a las personas**. España: Trea, 2013.

FONTOURA, Madalena. Projecto educativo de escola: realidade ou ficção? In: **Revista de Educação**. Lisboa, Portugal: Universidade de Lisboa, Vol X, n.1, 2001, p. 123-137.

FRAGA, Hilda Jaqueline de. A cidade como documento no ensino de história. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.) **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Patrimônio histórico e cultural** / Pedro Paulo Funari e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GADOTTI, Moacir. Pressupostos do Projeto Pedagógico. In: MEC. **Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos**. Brasília, 28/8 a 2/9/1994.

GAZZÓLA, Lucivani. Educação Patrimonial: Teoria e Prática. In: **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**, PUCPR, 2009. Anais eletrônicos. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/trabalhos\\_9.html](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/trabalhos_9.html)>. Acesso em 16 jul. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. 3ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. RJ: Vértice, 1990.

\_\_\_\_\_. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas. Anthropos Editorial: Universidad de la Concepcion: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1393

LAHIRE, Bernard. A transmissão familiar da ordem desigual das coisas. Tradução de Pascoal Carvalho. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. XXI, p.13-22, 2011.

LUPORINI, Teresa Jussara. Educação Patrimonial: projetos para educação básica. In: Ciências & Letras. **Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras**. Educação e Patrimônio Histórico-Cultural. Porto Alegre: FAPA, n. 31, jan./jun. 2002. p.325-338.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. **Educação Patrimonial**: orientações para professores do ensino fundamental e médio. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2004.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

MEDEIROS, Enderson. A patrimonialização e o arquivo enquanto patrimônio: um olhar antropológico. **BIBLOS**. v.25, n. 1, p. 35-45, 2011. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/1853/1226>>. Acesso em: 23 jul 2017.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; PENHA, Maria Angélica Pereira; PESTANA, Marlon Borges. Arqueologia na cidade do Rio Grande. In: ALVES, Francisco das Neves. **Coleção pensar a História Sul-Riograndense – Volume 26**. Rio Grande: FURG, 2004

MICHELON, Francisca Ferreira. Acervos sistematizados e informação disponível: a fotografia sobre o trabalho no Rio Grande do Sul/Brasil. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.5, n.8, Jan./Jun. 2013, p. 1-25.

MONTEIRO, Ana Maria. Professores e livros didáticos: narrativas e leituras no ensino de História. In: ROCHA, Helenice Aparecida; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **A História na escola: autores, livros e leituras**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MORAES, Maria Helena Machado de; MIRANDA, Angélica Conceição Dias. Produção do conhecimento sobre o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) no Brasil nos anos de 2003 a 2010, p. 31. In: Encontros Bibli: **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 16, n. 32, p. 27-40, 2011). Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n32p27/19337>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

MOTTA, Antonio. Patrimônio. In: SANSONE, Livio e FURTADO, Cláudio Alves (Org.). **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 379-391

NEVES, Décio Vignolli. In: Bittencourt, Ezio. **Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional - Panorama da história de Rio Grande**. Rio Grande: Ed. Furg, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, N. 10, dezembro 1993, p. 7-28.

NÚCLEO DOS ANOS INICIAIS. **Objetivos de Aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino do Rio Grande**. Secretaria de Município da Educação - SMED/Rio Grande, 2016. Disponível em: <[http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/wp-content/uploads/2016/11/20161130-objetivos\\_de\\_aprendizagemanos\\_iniciais\\_final\\_24-11.pdf](http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/wp-content/uploads/2016/11/20161130-objetivos_de_aprendizagemanos_iniciais_final_24-11.pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2017.

NUÑEZ, Déborah Coimbra. **Educação Patrimonial nos bastidores do processo. A formação dos agentes multiplicadores e as metodologias de ensino aplicadas na apreensão de bens culturais: o caso de São João Del-Rei / Minas Gerais**. 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2011.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de. **Educação patrimonial no Iphan**. 2011. Monografia (Especialização) – Escola Nacional de Administração Pública, Brasília, 2011.

OSOWSKI, Cecília Irene. Projeto pedagógico, diálogo e participação: repensando os cursos de especialização na UNISINOS. In: **Educação/UNISINOS**, São Leopoldo/RS, v.4, n.7, p. 161-177, jul/dez. 2000.

OTTO, Clarícia. Ensinar história: experiência e sentido. In: SEARA, Izabel Christine; DIAS, Maria de Fátima Sabino; OSTETTO, Luciana Esmeralda; CASSIANI, Suzani (Org.). **Práticas pedagógicas e estágios: diálogos com a cultura escolar**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**. São Paulo : Brasiliense, 2009.

\_\_\_\_\_; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é Patrimônio Cultural Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PEREIRO, Xerardo. Patrimônio cultural: o casamento entre patrimônio e cultura. **ADRA – Revista dos socios e socias do Museo do Pobo Galego**, n. 1, 2006, p. 23-41. Disponível em: <<http://museodopobo.gal/web/uploads/pdf/Revista%20Adra%201.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

PÉREZ LÓPEZ, Sara. Interpatrimonios: relaciones e interrelaciones en/con la educación patrimonial. In. FONTAL MERILLAS, Olaia (Coord.). **La Educación Patrimonial: Del patrimonio a las personas**. España: Trea, 2013.

PÉREZ LÓPEZ, Sara; MARÍN CEPEDA, Sofía. Programas singulares de educación patrimonial: investigar para innovar. In. FONTAL MERILLAS, Olaia (Coord.). **La Educación Patrimonial: Del patrimonio a las personas**. España: Trea, 2013.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Memória, ensino de história e patrimônio cultural. In: PINHEIRO, Áurea da Paz. PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. Piauí: EDUFPI, 2010.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. O que e como ensinar? Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leonardo (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 17-36.

PIRAGINE, Maria de Lourdes da Rocha. **Cartilha Papareia**: Informativo Turístico de A/Z do Município do Rio Grande. Rio Grande: FURG, 1992.

PORTO ALEGRE, Aquiles. **Homens Ilustres do Rio Grande do Sul**. ERUS.[S.I.19--]. 238p.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, história e vistas urbanas. **História**, Franca, v.27, n.2, p.253-277, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v27n2/a12v27n2.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2017.



\_\_\_\_\_. Leituras da cidade: educação para o patrimônio urbano. In: **III encontro nacional de estudos da imagem**. Londrina, Paraná, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Zita%20Rosane%20Possamai.pdf>>. Acesso em 30 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Patrimônio e Identidade: qual o lugar da história? In: GASPAROTTO, Alessandra. FRAGA, Hilda Jaqueline de. BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Orgs). **Ensino de história no CONESUL – Patrimônio cultural, territórios e fronteiras**. Porto Alegre: Evangraf / UNIPAMPA Jaguarão, 2013.

POULOT, Dominique. Um Ecosistema do Patrimônio. In: CARVALHO, C. S. de; GRANATO, M; BEZERRA, R. Z; BENCHETRIT, S. F. (orgs.). **Um Olhar Contemporâneo sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material**. RJ: Museu Histórico Nacional, 2008.

\_\_\_\_\_. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores**. SP: Estação Liberdade, 2009.

PRATS, L. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de Antropología Social**, nº 21, p. 17-35, 2005.

\_\_\_\_\_. El concepto de patrimonio cultural. **Política y Sociedad**, n. 27, p. 63-76, 1998.

PRETI, Oreste. **Produção de Material Didático Impresso: orientações técnicas e pedagógicas**. Cuiabá: UAB/UFMT, 2010.

RABELLO, Sonia. **O Estado na preservação de bens culturais: o tombamento**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2009

RADUN, Denis Fernando. **O (des)tombamento em questão: (des)patrimonialização de bens culturais tombados pelo órgão federal de preservação no Brasil (1937-2015) / Joinville**. 2016. 214 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade. Universidade da Região de Joinville, UNIVILLE. 2016.

REISEWITZ, Lucia. **Direito ambiental e patrimônio cultural: direito a preservação da memória, ação e identidade do povo brasileiro**. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2004.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

RICOEUR, Paul. **Memória, História e Esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Marly. De quem é o patrimônio? Um olhar sobre a prática preservacionista em São Paulo. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.24, p. 195-203, Rio de Janeiro, 1996.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa Acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas**. SP. Editora Atlas S.A. 2007.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?:** Critérios e instrumentos. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1995.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. A preservação da memória enquanto instrumento de cidadania. **Cadernos de Museologia** (3). Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1994.

SBERNI JR, Cleber; SARAIVA, Flávio Henrique Simão; MARTINO, Vânia de Fátima. Conhecer para Pertencer: o patrimônio cultural como caminho para uma maior percepção da história para 2º série do primeiro ciclo. In: **Livro Eletrônico dos Núcleos de Ensino da UNESP, Pró-Reitoria de Graduação**. São Paulo, 2006. p. 479-492.

SCIFONI, Simone. Educação e patrimônio cultural: reflexões sobre o tema. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. rev. e atual. SP: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. O projeto político-pedagógico: a saída para a escola. In: Para onde vai à escola? **Revista da Educação AEC**, Brasília, v.27, n.107, p. 81-91, abr-jun. 1998.

SILVA, Andreza Regina Lopes da; SILVA, Daiana da. **Guia do professor conteudista** (Capacitação – Produção de Materiais Didáticos). Florianópolis: IFSC, 2015.

SOARES, André Luis Ramos. Dr. Jeckyl and Mister Hide ou “a educação patrimonial serve a quem?”. In: ZANON, Elisa Roberta; CASTELO BRANCO, Patrícia Martins; MAGALHÃES, Leandro Henrique (Orgs.). **A construção de políticas patrimoniais: ações preservacionistas de Londrina, Região Norte do Paraná e Sul do país**. Londrina: EdUniFil, 2009.

\_\_\_\_\_; KLAMT, Sérgio Célio. Educação Patrimonial e a Interdisciplinaridade em Sala de Aula: um estudo de caso. In: SOARES, André Luis Ramos; KLAMT, Sérgio Célio (orgs.). **Educação Patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.

SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de. Em busca de um instrumental teórico-metodológico para a construção de instrumentos de classificação de documentos de arquivo. In: BARTALO, Linete. MORENO, Nádina Aparecida. (org.). **Gestão em arquivologia: abordagens múltiplas**. Londrina: EDUEL, 2008. p. 11-52.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. A Educação Patrimonial no Ensino de História. **BIBLOS**. v.22, n. 1, p. 199-211, 2008. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/868/347>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

TERRA, Antonia. História e dialogismo. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes et al. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

THUMS, Jorge. **Acesso à realidade: técnicas de pesquisa e construção do conhecimento**. Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

TORNATORE, Jean-Louis. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas das relações com o passado. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, Dez. 2009/Mar. 2010, p. 7-21.

TORRES, Luiz Henrique. A Catedral de São Pedro. **BIBLOS**. v.18, n. 2, p. 55-68, 2006. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/82/187>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Cronologia básica da História da cidade do Rio Grande (1737-1947). **BIBLOS**. v.22, n. 2, p. 9-18, 2008. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/957/424>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **História & educação patrimonial da cidade do Rio Grande**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

\_\_\_\_\_. **Rio Grande: imagens de espaços públicos que contam a história**. Rio Grande: FURG, 2007.

TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da. De volta ao rio: estratégias de gestão e (re)apropriação do espaço urbano na área central de Belém. In: TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da; TAVARES, Maria Goretti (Orgs.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: Edufpa, 2008. p. 145-156.

VALENTE, Antônio Luis Schifino. **Plano turístico: Rio Grande, cidade histórica, cidade do mar**. Rio Grande: FURG, 2006.

\_\_\_\_\_. **Roteiros turísticos: Rio Grande, cidade histórica, cidade do mar: metodologia para roteiros de um pólo turístico**. Rio Grande: FURG, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e Projeto Educativo**. São Paulo, Libertad, 1995.

VIANNA, Lauro de Brito. A cidade, o porto e a barra de São Pedro do Rio Grande do Sul. In: **Coleção pensar a História Sul-Riograndense – Volume 41**. Rio Grande: Ed. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1995.

WACHOWICA, Lílian Anna. **O método dialético na didática**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1995 (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. **Ensino de História, Patrimônio Cultural e Currículo: reflexões sobre ações educativas em educação patrimonial**. Revista Labirinto, Porto Velho – RO, Ano XV, V. 22, p. 77-90, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/viewFile/1391/1417>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – Questionário aplicado aos Professores para Levantar Dados sobre a  
Elaboração da Cartilha**

**Questionário sobre a elaboração de um Recurso  
Didático para o ensino de História nos anos iniciais  
do Ensino Fundamental em Rio Grande (RS)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO - ICHI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH  
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM

Caro Participante,

Solicito sua cooperação para responder a esse questionário, pois sua ajuda será imprescindível para que eu possa dar prosseguimento na minha Pesquisa do Mestrado Profissional em História da FURG, cujo objetivo é Contribuir para o desenvolvimento do ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental em Rio Grande (RS) a partir de uma proposta de Educação Patrimonial. Para tanto, irei elaborar uma Cartilha voltada ao ensino de História, para ser utilizada nas escolas da cidade do Rio Grande (RS), empregando como eixo central a Educação Patrimonial na Catedral de São Pedro, que é considerada como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade. Informo que os respondentes não serão identificados nos resultados da pesquisa.

Desde já agradeço a sua colaboração!

William Paiva

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da FURG

E-mail: [wampaiva17@hotmail.com](mailto:wampaiva17@hotmail.com)

1. Endereço de e-mail \*

\_\_\_\_\_

2. Qual a sua área de formação?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Qual o ano que você atua em sua escola?

*Marcar apenas uma oval.*

- 1º  
 2º  
 3º  
 4º  
 5º

4. Você trabalha em suas aulas sobre os aspectos ligados a História dos Patrimônios pertencentes a Rio Grande (RS)?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não

5. Se sim, que aspectos trabalha?

---

---

---

---

---

6. Você possui dificuldade em encontrar materiais que discutam e abordem informações sobre os Patrimônios Históricos e Culturais de Rio Grande (RS)?

Marcar apenas uma oval.

- Sim  
 Não

7. Se desejar, comente:

---

---

---

---

---

8. Que tipo de materiais (fontes) você geralmente costuma usar para trabalhar os patrimônios cultura] e histórico com os alunos (livros, revistas, fotos, internet, música, etc)?

---

---

---

---

---

9. Como você avalia seu conhecimento sobre a História da Catedral de São Pedro em Rio Grande (RS)?

Marcar apenas uma oval.

- Não conhece  
 Conhece pouco  
 Conhece bem  
 Conhece muito bem

10. Se desejar, comente:

---

---

---

---

---

11. Você considera relevante a construção de um material educativo, voltado especificamente para o ensino de História, utilizando uma proposta de Educação Patrimonial na Catedral de São Pedro em Rio Grande (RS)?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

12. Se desejar, comente:

---

---

---

---

---

13. Por favor, indique alguma sugestão para ser incluída nesse material (imagens, texto, formato)

---

---

---

---

---

14. Espaço livre para comentários, sugestões, dúvidas

---


---

---

---

---

---

Powered by  
 Google Forms



APÊNDICE B – Cartilha para o professor sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS

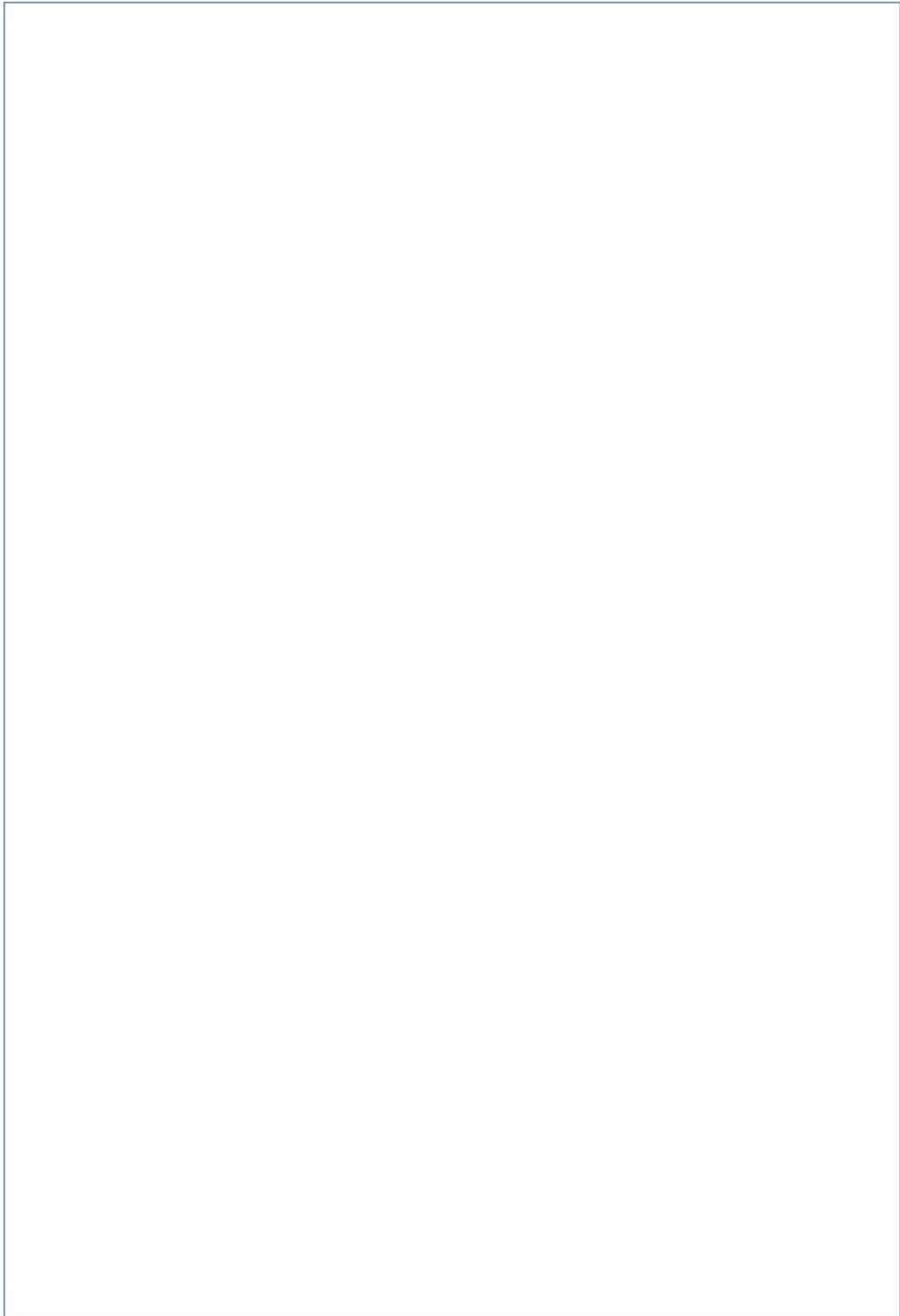
LIVRO DO  
PROFESSOR

## *Catedral de São Pedro*



## *Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS*

*William Adão Ferreira Paiva  
Renata Braz Gonçalves*



*Catedral de São Pedro:*

*Patrimônio Histórico*

*e Cultural do*

*Rio Grande/RS*

*(Livro do Professor)*

*William Adão Ferreira Paiva*

*Renata Braz Gonçalves*

RIO GRANDE

2017

© William Adão Ferreira Paiva e Renata Braz Gonçalves, 2017.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

**Como citar esta cartilha:**

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS – Livro do Professor**. Rio Grande: Ed. dos Autores, 2017. 42 p.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P149c	<p>Paiva, William Adão Ferreira          Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS – Livro do Professor / William Adão Ferreira Paiva, Renata Braz Gonçalves – Rio Grande: Ed. dos Autores, 2017.          42 p.</p> <p>1. História. 2. Ensino de História. 3. Educação Patrimonial.          4. Rio Grande - RS. I. Gonçalves, Renata Braz. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 94(816.5RG)</p>
-------	---

Catalogação na Publicação: Renata Braz Gonçalves CRB 10/ 1502

Apoio:

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPESP

Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI

Programa de Pós-Graduação em História – PPGH

**Ilustrações da Capa e Contracapa:** Geraldo Roberto da Silva, Artista Plástico e Professor Aposentado do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Disponível em:

<<http://desenhosdeobservacao.blogspot.com.br/2012/09/2322-geraldo-roberto-da-silva.html>>. Acesso em 18 set. 2017.

<<http://geraldorobertodasilva.blogspot.com.br/2009/07/catedral-de-sao-pedro-rio-grande-rs.html>>. Acesso em 18 set. 2017.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
A NOSSA CATEDRAL DE SÃO PEDRO .....	7
CONHECENDO OS TRAÇADOS DA ARQUITETURA.....	10
UM CONVITE PARA ENTRAR NO TEMPLO.....	15
IMAGENS DE SANTOS.....	16
INFORMAÇÕES ADICIONAIS .....	20
APRENDENDO ALGUNS CONCEITOS .....	21
Você sabe o que é Patrimônio?.....	21
Você sabe o que é Patrimônio Histórico e Cultural? .....	21
Porque é importante aprendermos esses conteúdos nas Aulas de História?.....	22
Você sabe o que é Educação Patrimonial? .....	23
ETAPAS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL .....	24
ATIVIDADES.....	25
Palavras Cruzadas.....	28
Caça-Palavras.....	31
CONHECER PARA PRESERVAR E CONHECER PARA PERTENCER.....	32
AFINAL, O QUE APRENDEMOS? .....	35
REFERÊNCIAS .....	37
SOBRE OS AUTORES.....	39

---

## APRESENTAÇÃO

---

**O**lá professores e professoras da cidade do Rio Grande/RS!

Vocês estão prestes a explorar um lugar cheio de Histórias e que tem muito destaque no nosso município.

Estão preparados para essa aventura?

Hoje vamos conhecer a Catedral de São Pedro, que é considerada um Patrimônio Histórico e Cultural aqui do município. Ela está localizada no Centro Histórico do Rio Grande/RS, Largo Dr. Pio.

Este livro traz como conteúdo uma proposta de Educação Patrimonial, através da Catedral de São Pedro, de modo a ser utilizada nas Práticas Pedagógicas referentes ao ensino de História e deve ser usada como complemento à visita ao centro histórico da cidade.

Na cartilha do aluno apresentamos atividades que poderão ser realizadas com os mesmos. Esperamos que esse Conhecimento sobre o Patrimônio contribua para a sua formação, permitindo Conhecer para Preservar!

Um grande abraço!

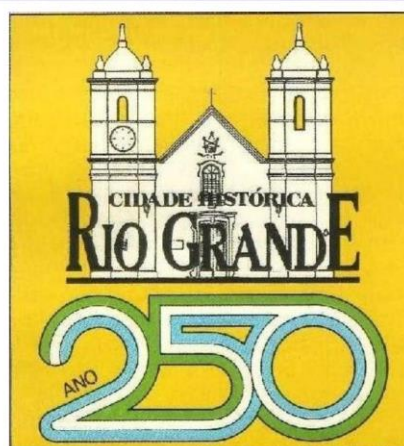
William Paiva  
Renata Braz Gonçalves

Página | 5

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Catedral de São Pedro:**  
Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS – Livro do Professor



Observe essas imagens e aponte o que elas possuem em comum:



Isso, mesmo! Todas elas apresentam uma imagem da nossa Catedral!

**Vamos conhecê-la melhor?**

Página | 6

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Catedral de São Pedro:**  
Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS – Livro do Professor



---

## A NOSSA CATEDRAL DE SÃO PEDRO

---

No dia 25 de agosto de 1755 nascia à **igreja** mais antiga do Rio Grande do Sul, pertencente a cidade do Rio Grande. A Catedral é um **Bem** Cultural e apresenta sua inscrição no Livro Tombo das Belas Artes (Nº inscr.: 071; Vol. 1; F. 013; Data: 17/05/1938), de acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Os registros documentais realizados no templo foram fundamentais para a Constituição das **Identidades** Sociais, sendo que ela é considerada um Monumento Histórico Nacional. A Catedral possui como dimensões 15 metros de largura por 30 metros de comprimento, comportando em seu espaço interno aproximadamente 300 pessoas.



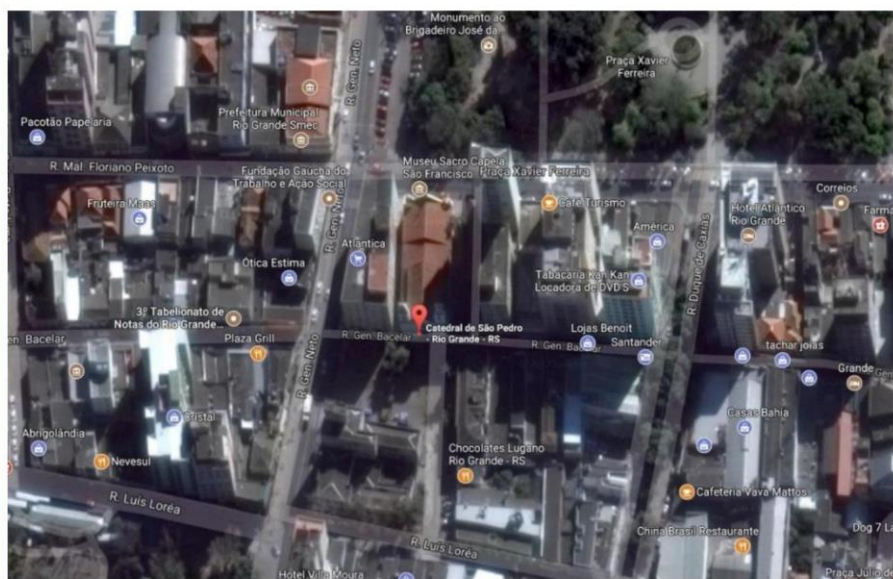
Página | 7

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Catedral de São Pedro:**  
Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS – Livro do Professor



Bem a sua frente, encontra-se o Largo Dr. Pio, que é considerado um lugar de encontro, local tradicional e **cultural** do município. Neste espaço se realizam muitas práticas de **ritos**, manifestações populares, diversas campanhas sociais bem como celebrações e festividades.

Vamos localizar a Catedral de São Pedro no mapa?



Página | 8

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Catedral de São Pedro:**  
Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS – Livro do Professor

Sabe-se que só é preservado, na maioria das vezes, aquilo que possui algum sentido próprio, seja para a comunidade ou para aqueles que utilizam o monumento, por exemplo. A Catedral é considerada um espaço de cultura e de história, que se perpetua diante do tempo e da população, obtendo assim uma visibilidade ainda maior para o patrimônio. Com isso, ela acaba se aproximando ainda mais das pessoas e dos turistas que conhecem a cidade do Rio Grande/RS.

“[...] a cidade se torna um espaço educativo quando seus bens culturais e naturais e a pluralidade dos itinerários educativos de sua comunidade de aprendizagem se convertem em possibilidades de educação que visem à valorização e à qualificação de redes de pertencimento e das condições sociais de existência de seus cidadãos”.

(FRAGA, 2010, p. 223)

---

## CONHECENDO OS TRAÇADOS DA ARQUITETURA

---

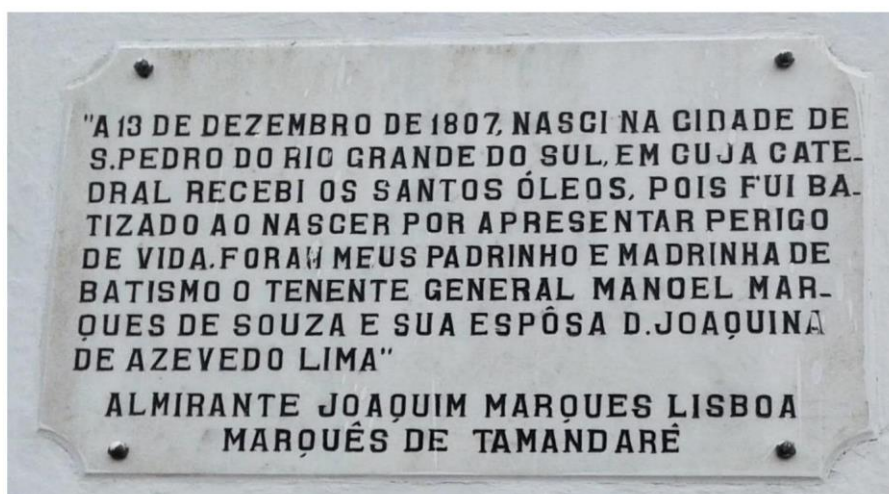


Sejam bem-vindos a conhecer a nossa Catedral de São Pedro! Começaremos nossa visita apresentando algumas referências importantes e que fazem parte da arquitetura do templo. Uma delas são as Portas que dão acesso ao Monumento e que ficam dispostas na parte central. Sua cor apresenta tons de verde e seu material é de madeira maciça.

Página | 10



Na fachada da Catedral, podemos perceber que tanto na parte de cima quanto ao lado esquerdo da porta, há duas placas de mármore. A primeira delas apresenta a data de construção do templo. Já a segunda é uma transcrição da Carta do Marquês de Tamandaré, ressaltando o acontecimento histórico que foi o seu batismo.



Em frente ao Largo Dr. Pio, no Centro Histórico da cidade do Rio Grande/RS, podemos encontrar a Catedral de São Pedro. Seu prédio é todo em estilo Barroco Colonial Português. Sua principal cor é a branca.

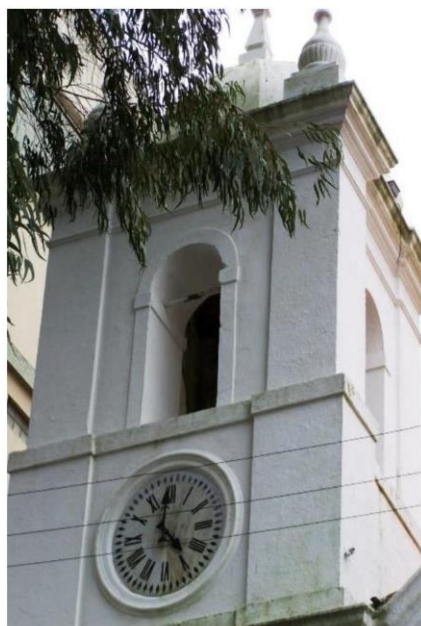


Uma das laterais está localizada na Rua Doutor Eduardo Ernesto Araújo. Seu entorno apresenta muitas janelas e portas, também na cor verde, que dão acesso a Secretaria da Catedral. Nesse local ocorre o agendamento de missas, casamentos e também a comercialização de velas e outros artigos.



No campanário, está sino da Catedral de São Pedro, utilizado para situar os cidadãos Rio-Grandinos sobre o começo das Missas, das Festividades e também das próprias Celebrações.

No campanário (torre) esquerdo, está fixado um relógio. Ele foi instalado em 1848, sendo que em 1878 foi atingido por um raio. Não está mais em funcionamento e seus números possuem o formato Romano.





Nos fundos da Catedral de São Pedro, encontramos o Museu de Arte Sacra e a Capela de São Francisco de Assis. Sua entrada é pela Rua Marechal Floriano Peixoto, em frente à Praça Xavier Ferreira.

A Capela foi tombada pelo IPHAN no ano de 1938, junto com a Matriz de São Pedro. O processo referente a esse ato encontra-se no Livro Tombo das Belas Artes, no momento em que fala sobre a “Capela da Ordem Terceira de São Francisco”.



Página | 14

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Catedral de São Pedro:**  
Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS – Livro do Professor

---

## UM CONVITE PARA ENTRAR NO TEMPLO

---



Logo após passarmos pela porta de entrada, iremos nos deparar com essa imagem do altar. Na realidade, o que serve como refúgio para as imagens dos santos do templo é chamado de Retábulo, sendo que a Catedral apresenta sete desses ao todo. Eles são construções em madeira, colocados na parte posterior aos altares e possuem Estilo Neoclássico. Ressalta-se que os mesmos foram construídos com materiais bastante nobres, apresentando assim muita qualidade e maior durabilidade.

## IMAGENS DE SANTOS



À esquerda temos a imagem de São Pedro, o santo Padroeiro da cidade do Rio Grande e do Estado do Rio Grande do Sul. Considerado também o protetor dos Pescadores.

Sua imagem fica localizada no Retábulo-Mor, bem ao fundo do templo.

Na foto à direita, temos o Retábulo de Nossa Senhora da Conceição e sua imagem foi esculpida em madeira, no Século XIX. É considerado uma das raridades da Catedral de São



Página | 16



À direita, temos São Miguel Arcanjo, e seu Retábulo foi construído no ano de 1780. Importante salientar que essa obra apresenta as mesmas características Históricas e Artísticas do Século XVIII. Ela ainda possui as cores originais, tomando como base a sua criação no Período Barroco.



Na foto à esquerda, temos o Retábulo de São José e a sua imagem foi esculpida toda em gesso. A obra apresenta o formato dos olhos em vidro e revela sua pintura em ouro.



À direita da porta central que dá acesso à Catedral, podemos encontrar a Pia Batismal. Ela foi esculpida em pedra e trazida diretamente de Portugal. É considerada um símbolo de história e memória, pois foi nela que ocorreu o batizado do Almirante Tamandaré na cidade do Rio Grande/RS.



Esta é a Arca Dourada. Ela é utilizada como um santuário portátil, no qual o bispo guarda os objetos sagrados das celebrações.

Página | 18



Na imagem à esquerda está o túmulo com os restos mortais de Dom Frederico Didonet, que foi o primeiro Bispo Diocesano aqui do município. Antigamente, as igrejas realizavam muitos sepultamentos e eram utilizadas também como cemitério.

Abaixo, na urna da esquerda, estão os Restos Mortais do Tenente-General Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, que foi o primeiro Governador do RS. Na urna da direita, estão os Restos Mortais do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira.



---

## INFORMAÇÕES ADICIONAIS

---

A Catedral de São Pedro é uma Entidade responsável por diversas Práticas de Ritos, tais como aqueles ligados ao Batismo, as Celebrações de Casamento, os Sacramentos de Confirmação (Crismas) bem como as Festividades Religiosas em alusão a São Pedro, Padroeiro da Cidade do Rio Grande/RS.

Venha conhecer esse nosso Patrimônio Histórico e Cultural!

### Catedral de São Pedro

Endereço: Rua General Bacelar, 440 – CEP 96200-370

Fone: (53) 3232-8696 – Rio Grande/RS - Brasil

E-mail: [catedraldesaopedrorg@gmail.com](mailto:catedraldesaopedrorg@gmail.com)

Site: [www.catedraldesaopedro.com.br](http://www.catedraldesaopedro.com.br)

#### **Horários da Catedral**

Funcionamento das 09h às 19h

#### **Horários da Secretaria**

**Manhã** – das 09h às 12h

(de segunda a sexta-feira)

**Tarde** – das 14h às 18h

(de segunda a sexta-feira)

**Aos sábados** – das 09h às 12h

#### **Horários das Missas**

**Seg./Ter./Qui./Sex.**

Às 12h10 e às 18h

#### **Quarta-feira**

Às 12h10 e às 16h

**Sábado** – 18h

#### **Domingo**

Às 09h e às 18h

Página | 20



---

## APRENDENDO ALGUNS CONCEITOS

---

Você sabe o que é **Patrimônio**?

“Assim, gradativamente, foi sendo conferido ao conceito de patrimônio o atributo de algo comum à humanidade ou de pertencimento a uma comunidade nacional a partir de um conjunto de bens – relíquias, monumentos, sítios históricos, entre outros”.

(MOTTA, 2014, p. 379-380)

Você sabe o que é **Patrimônio Histórico e Cultural**?

O Patrimônio Cultural pode ser entendido como um conjunto de bens, de natureza material ou imaterial e com um valor (histórico, artístico) que remete a identidade social de um povo, independentemente da época vivenciada (passado, presente). Consegue-se reconhecer os saberes, os fazeres, as expressões, as celebrações e tudo aquilo que pode ser oriundo enquanto “popular”, como sendo parte indivisível deste patrimônio.

(PELEGRINI, 2009)

Página | 21

Porque é importante aprendermos esses conteúdos nas **Aulas de História**?

O Patrimônio Cultural acaba por representar uma alternativa com elevado grau de significância, pois dinamiza o ensino de História e torna possível que a própria História da Cidade seja utilizada como Recurso Didático e Metodológico.

“A presença dos patrimônios no espaço urbano, por outro lado, é uma oportunidade de contato com monumentos-documentos do passado à disposição de educadores e alunos que permite exploração muito além de uma relação de identidade unívoca que se possa estabelecer”.

(POSSAMAI, 2013, p. 96-97)

Você sabe o que é **Educação Patrimonial**?

“Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural”.

(HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999, p. 6)

## ETAPAS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A Educação Patrimonial pode ser dividida em quatro etapas, como podemos ver no quadro abaixo:

Etapas	Recursos / atividades	Objetivos
1. Observação	Exercícios de percepção visual/sensorial, por meio de perguntas, manipulação experimental, mediação, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive, etc.	. Identificação do objeto, da sua função e seu significado; Desenvolvimento da percepção visual e simbólica
2. Registro	Desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas  baixas.	Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica; Desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.
3. Exploração	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas.	Desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.
4. Apropriação	Recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo.	Envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural

(Horta et al, 1999, p.11)

“A educação patrimonial não é, por si só, a solução para a preservação do patrimônio cultural, porém, indiscutivelmente, é um dos aspectos fundamentais para que isso aconteça”.

(OLIVEIRA, 2011, p. 68)

---

## ATIVIDADES

---

Agora vamos realizar agora uma atividade de Percepção Visual, com base em duas Fotografias da Catedral de São Pedro (sendo uma bem antiga e outra um pouco mais atual).



Página | 25

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Catedral de São Pedro:**  
Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS – Livro do Professor





1) Após observar estas duas imagens da Fachada Principal da Catedral, o que você percebeu de diferente entre elas?

---

---

---

---

2) E o que ainda permanece igual?

---

---

---

---

Responda as questões a seguir. Para tanto, você poderá utilizar o seu conhecimento, através das memórias que possui sobre a Catedral.

- 1) Você já visitou a Catedral de São Pedro? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
  
- 2) Se já visitou, que novidades viu nessa Cartilha que não observou na visita? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
  
- 3) Você já participou de alguma Festa ou Celebração no espaço da Catedral? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
  
- 4) Após ter conhecido a História da Catedral através desta Cartilha, você gostaria de ir até lá para vê-la de perto e aprender um pouco mais? Por quê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_





Para isso, você deverá pesquisar e colocar as respostas de cada pergunta nos espaços em branco de cada quadrado. Bom Trabalho!

- 1) A Catedral é um Bem \_\_\_\_\_ e apresenta sua inscrição no Livro Tombo das Belas Artes.
- 2) Qual é o nome do lugar que está bem à frente da Catedral de São Pedro e que serve como local de encontro no município?
- 3) Sobre as placas que estão do lado de fora da fachada, uma delas apresenta a data de construção do templo e a outra a transcrição da \_\_\_\_\_ do Marquês de Tamandaré.
- 4) O que está instalado na torre da Catedral, bem ao lado esquerdo da fachada principal?
- 5) O nome do santo Padroeiro da cidade do Rio Grande e do Estado do Rio Grande do Sul é São \_\_\_\_\_.
- 6) Como é conhecida a construção em madeira que está colocada na parte posterior ao altar, e que serve como abrigo para as imagens dos santos?

- 7) Bem próximo à direita da porta central que dá acesso à Catedral, podemos encontrar a \_\_\_\_\_ Batismal.
- 8) A Catedral possui duas urnas com os Restos Mortais de pessoas importantes, sendo uma delas a do Brigadeiro \_\_\_\_\_ Pinto Bandeira.

Respostas: 1.Cultural 2.Largo Dr. Pio 3.Carta 4.Relógio 5.Pedro 6.Retábulo  
7.Pia 8.Rafael

Página | 30

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Catedral de São Pedro:**  
Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS – Livro do Professor

### Caça-Palavras

Agora verifique as palavras que estão em **NEGRITO** nas Páginas 7 e 8 desta Cartilha e as encontre no Caça-Palavras abaixo. Boa Sorte!

Q	R	T	U	P	N	F	J	D	Z	B	S
G	I	D	E	N	T	I	D	A	D	E	S
A	T	Y	Q	L	F	S	E	T	W	M	P
I	O	X	I	G	R	E	J	A	Q	V	O
P	S	Z	G	K	I	L	P	E	S	T	H
P	W	J	V	C	U	L	T	U	R	A	L
R	I	S	G	P	A	V	L	H	T	J	S

S	r	L	H	T	A	V	a	g	S	I	R
T	V	R	U	L	T	U	C	A	r	W	a
H	L	S	E	a	T	I	R	g	Z	S	a
O	A	õ	V	f	E	R	g	I	X	O	I
a	R	W	L	E	S	E	T	õ	X	L	V
S	E	d	V	d	I	L	N	E	d	I	g
S	R	Z	d	J	E	N	a	U	L	R	õ

**CONHECER PARA PRESERVAR E  
CONHECER PARA PERTENCER**



“O compromisso do setor educacional articula-se a uma educação patrimonial para as atuais e futuras gerações, centradas no pluralismo cultural. Educação que não visa apenas evocar fatos históricos ‘notáveis’, de consagração de determinados valores de setores sociais privilegiados, mas também concorrer com a rememoração e preservação daquilo que tem significado para as diversas comunidades locais, regionais e de caráter nacional”.

(BITTENCOURT, 2009, p. 278)

Página | 32

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Catedral de São Pedro:**  
Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS – Livro do Professor

Agora vamos realizar uma atividade que irá desenvolver a sua capacidade de autoexpressão, com a intenção de perceber a valorização que é atribuída a nossa Catedral de São Pedro.

Observe as imagens a seguir e após, responda as perguntas:





1) Você concorda com esta ação que foi praticada na Catedral?

---



---

2) O que você pensa/acredita que deveria ser feito para mudar essa realidade, no que se refere aos Bens Culturais da cidade?

---



---



---



---



---

### AFINAL, O QUE APRENDEMOS?

---

A Catedral é um Patrimônio Histórico e Cultural, considerada ainda como símbolo da cidade, sendo que necessita ser melhor aproveitada no processo educativo das escolas pertencentes ao município do Rio Grande/RS.

Seja através da sua história, da sua memória, de seus eventos e até mesmo das manifestações ligadas ao templo, é possível fazer com que toda comunidade adquira um sentimento de pertencimento ao monumento, preservando-o assim cada vez mais.

“A melhor forma de conservar a memória é lembrá-la. A melhor forma de contar a história é pensá-la. A melhor forma de assegurar a identidade é mantê-la. Tudo se faz através da educação, e educar para a preservação e valorização cultural é denominado de Educação Patrimonial”.

(SOARES, 2003, p. 25)

Sobre a Educação Patrimonial, é importante destacarmos que sua metodologia envolve a:

“[...] valorização da memória e da identidade regional, através de um processo de identificação, reconhecimento e valorização do patrimônio local. Ao mesmo tempo, deve-se observar que a educação para o patrimônio é um instrumento de conscientização para a preservação da História local e regional, na medida em que resgata e valoriza as ações cotidianas como portadoras de importância sócio-cultural”.

(SOARES; KLAMT, 2008, p. 146)

“O trabalho da Educação Patrimonial é levar os indivíduos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para uma melhor utilização destes bens e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, tendo assim um contínuo processo de criação cultural. A metodologia da Educação Patrimonial é materializada através do estudo de objetos comunitários como estratégia de aprendizagem do contexto sociocultural”.

(ITAQUI e VILLAGRÁN, 1998, p. 20)

## REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves. **Uma igreja, uma comunidade: os 250 anos de história da Catedral de São Pedro**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004.

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FRAGA, Hilda Jaqueline de. A cidade como documento no ensino de história. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.) **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

ITAQUI, José; VILLAGRÁN, María Angélica. **Educação patrimonial: a experiência da Quarta Colônia**. Santa Maria: Pallotti, 1998.

KLAMT, Sérgio Célio; BARTH, Marina Amanda. Educação Patrimonial: uma experiência com utilização de cartilha. In: **Revista do CEPA**, v.31, n.43, 2015.

MOTTA, Antonio. Patrimônio. In: SANSONE, Livio e FURTADO, Cláudio Alves (Org.). **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 379-391

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de. **Educação patrimonial no Iphan**. 2011. Monografia (Especialização) – Escola Nacional de Administração Pública, Brasília, 2011.

POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e Identidade: qual o lugar da história? In: GASPAROTTO, Alessandra. FRAGA, Hilda Jaqueline de. BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Orgs). **Ensino de história no CONESUL – Patrimônio cultural, territórios e fronteiras**. Porto Alegre: Evangraf / UNIPAMPA Jaguarão, 2013.

SOARES, André Luís Ramos (Org.). **Educação patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: Editora UFSM, 2003.

\_\_\_\_\_; KLAMT, Sérgio Célio. Educação Patrimonial e a Interdisciplinaridade em Sala de Aula: um estudo de caso. In: SOARES, André Luís Ramos; KLAMT, Sérgio Célio (orgs.). **Educação Patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.

TORRES, Luiz Henrique. **História & educação patrimonial da cidade do Rio Grande**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

\_\_\_\_\_. **Rio Grande: imagens de espaços públicos que contam a história**. Rio Grande: FURG, 2007.

VIANNA, Lauro de Brito. A cidade, o porto e a barra de São Pedro do Rio Grande do Sul. In. **Coleção pensar a História Sul-Riograndense – Volume 41**. Rio Grande: Ed. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1995.



---

## SOBRE OS AUTORES

---

### Me. William Adão Ferreira Paiva<sup>1</sup>

Arquivista da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (PPGH/FURG). É também Especialista em Gestão de Projetos, pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e Bacharel em Arquivologia pela FURG. Possui experiência em Atividades Arquivísticas vinculadas aos Processos de Organização, Classificação e Avaliação Documental. Tem interesse por assuntos ligados ao Patrimônio Cultural, Gestão de Documentos, Memória, História e Salvaguarda do Patrimônio Documental.

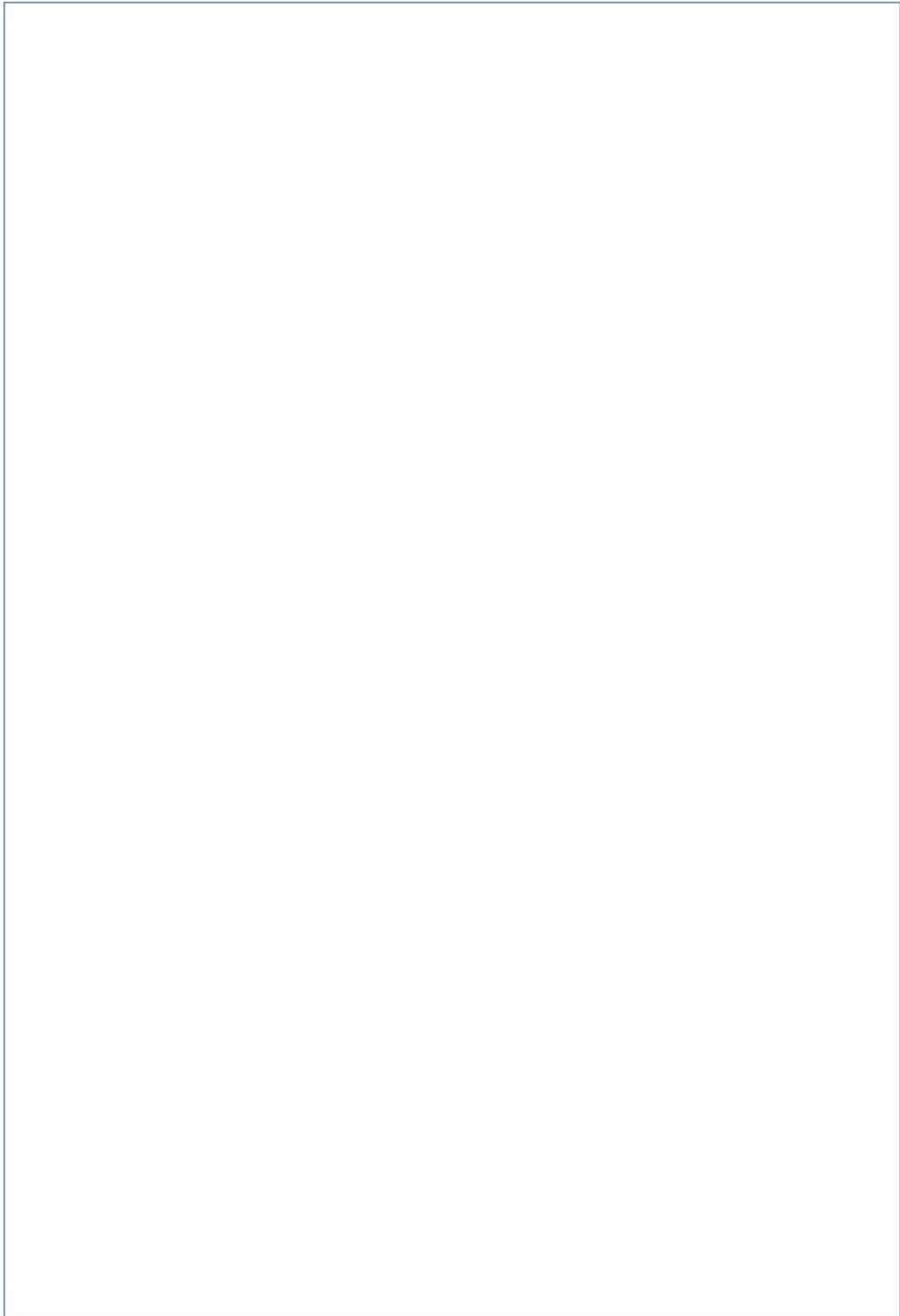
### Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Braz Gonçalves<sup>2</sup>

Professora do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) e dos Cursos de Biblioteconomia e Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Bacharel em Biblioteconomia pela FURG, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Tem interesse por assuntos ligados ao Patrimônio Cultural, História da Leitura, Mediação da Leitura, Competência Informacional, Ensino de Biblioteconomia, Bibliotecas, Metodologia da Pesquisa, Políticas do Livro e de Leitura e História da Educação.

---

<sup>1</sup> E-mail: [william.paiva@ufsc.br](mailto:william.paiva@ufsc.br)

<sup>2</sup> E-mail: [renatabraz@furg.br](mailto:renatabraz@furg.br)







APÊNDICE C – Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS

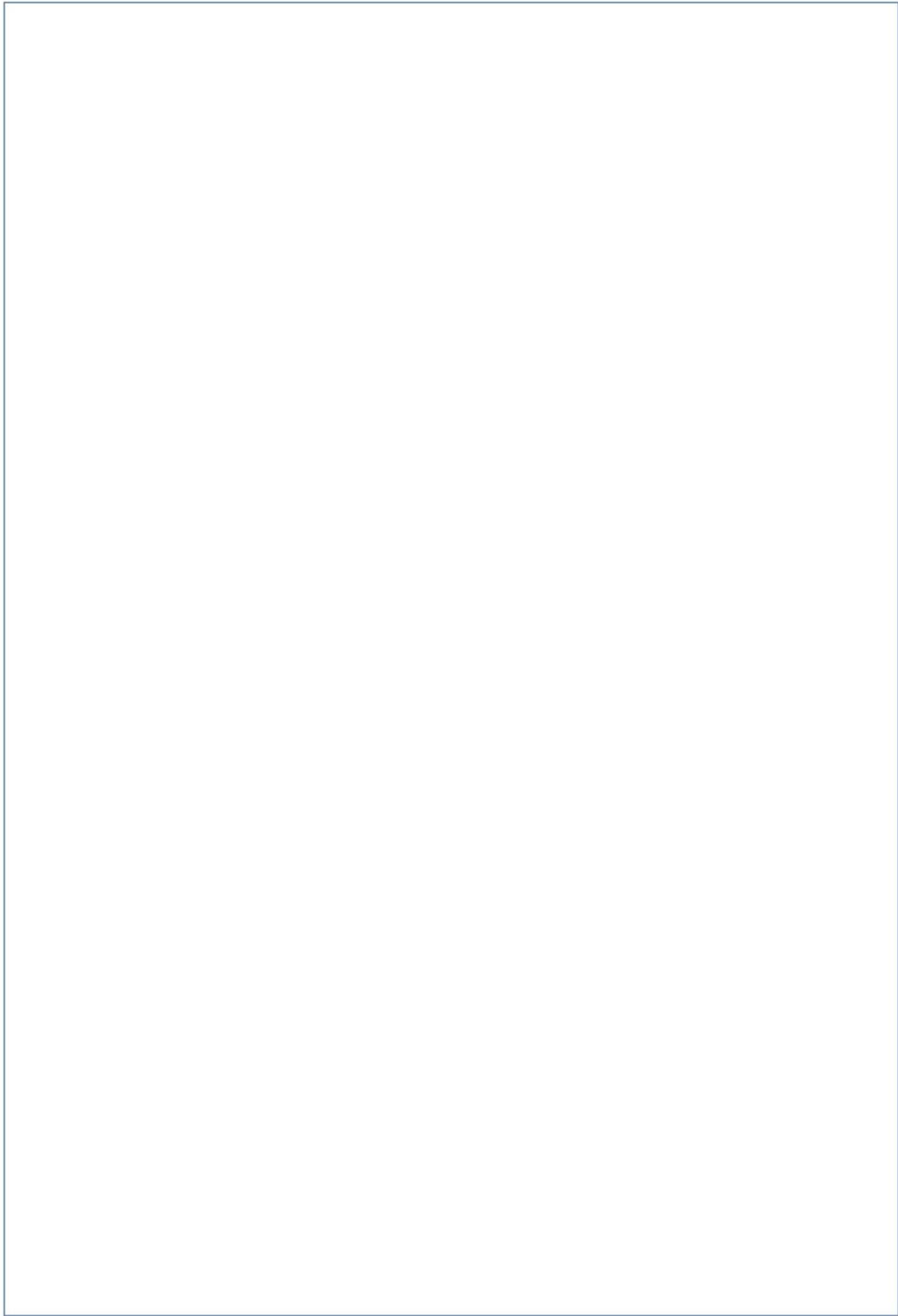
CARTILHA PARA  
O ALUNO

## *Catedral de São Pedro*



## *Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS*

*William Adão Ferreira Paiva  
Renata Braz Gonçalves*



*Cartilha para o Aluno sobre a  
Catedral de São Pedro:*

*Patrimônio Histórico*

*e Cultural do*

*Rio Grande/RS*

*William Adão Ferreira Paiva  
Renata Braz Gonçalves*

RIO GRANDE  
2017

© William Adão Ferreira Paiva e Renata Braz Gonçalves, 2017.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

**Como citar esta cartilha:**

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS**. Rio Grande: Ed. dos Autores, 2017. 36 p.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P149c	<p>Paiva, William Adão Ferreira</p> <p>Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS / William Adão Ferreira Paiva, Renata Braz Gonçalves – Rio Grande: Ed. dos Autores, 2017.</p> <p>36 p.</p> <p>1. História. 2. Ensino de História. 3. Educação Patrimonial. 4. Rio Grande - RS. I. Gonçalves, Renata Braz. II. Título.</p>
-------	--

CDU: 94(816.5RG)

Catalogação na Publicação: Renata Braz Gonçalves CRB 10/ 1502

Apoio:

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPESP

Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI

Programa de Pós-Graduação em História – PPGH

**Ilustrações da Capa e Contracapa:** Geraldo Roberto da Silva, Artista Plástico e Professor Aposentado do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Disponível em:

<<http://desenhosdeobservacao.blogspot.com.br/2012/09/2322-geraldo-roberto-da-silva.html>>. Acesso em 18 set. 2017.

<<http://geraldorobertodasilva.blogspot.com.br/2009/07/catedral-de-sao-pedro-rio-grande-rs.html>>. Acesso em 18 set. 2017.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
A NOSSA CATEDRAL DE SÃO PEDRO .....	7
CONHECENDO OS TRAÇADOS DA ARQUITETURA.....	9
UM CONVITE PARA ENTRAR NO TEMPLO.....	14
IMAGENS DE SANTOS.....	15
INFORMAÇÕES ADICIONAIS .....	19
APRENDENDO ALGUNS CONCEITOS .....	20
Você sabe o que é Patrimônio Histórico e Cultural? .....	20
Porque é importante aprendermos esses conteúdos nas Aulas de História?.....	20
ETAPAS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL .....	21
ATIVIDADES.....	22
Palavras Cruzadas .....	25
Caça-Palavras.....	28
AFINAL, O QUE APRENDEMOS? .....	31
REFERÊNCIAS .....	32
SOBRE OS AUTORES.....	34

---

## APRESENTAÇÃO

---

**O**lá alunos e alunas da cidade do Rio Grande/RS!

Vocês estão prestes a explorar um lugar cheio de Histórias e que tem muito destaque no nosso município.

Estão preparados para essa aventura?

Hoje vamos conhecer a Catedral de São Pedro, que é considerada um Patrimônio Histórico e Cultural aqui do município. Ela está localizada no Centro Histórico do Rio Grande/RS, Largo Dr. Pio.

Esta Cartilha traz como conteúdo várias atividades, referentes a uma proposta de Educação Patrimonial através da Catedral de São Pedro, de modo a ser utilizada também como complemento ao ensino de História da cidade.

Esperamos que esse Conhecimento sobre o Patrimônio contribua para a sua formação, permitindo Conhecer para Preservar!

Um grande abraço!

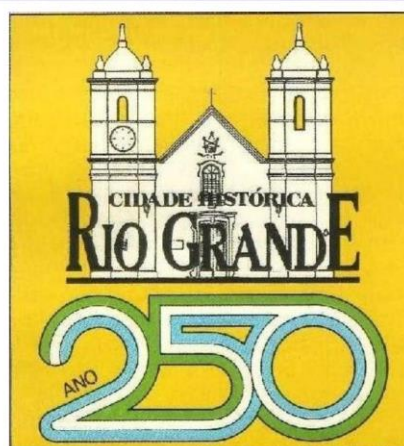
William Paiva  
Renata Braz Gonçalves

Página | 5

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro**: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS



Observe essas imagens e aponte o que elas possuem em comum:



Isso, mesmo! Todas elas apresentam uma imagem da nossa Catedral!

**Vamos conhecê-la melhor?**

Página | 6

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS**



---

## A NOSSA CATEDRAL DE SÃO PEDRO

---

No dia 25 de agosto de 1755 nascia à **igreja** mais antiga do Rio Grande do Sul, pertencente a cidade do Rio Grande. A Catedral é um **Bem** Cultural e apresenta sua inscrição no Livro Tombo das Belas Artes (Nº inscr.: 071; Vol. 1; F. 013; Data: 17/05/1938), de acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Os registros documentais realizados no templo foram fundamentais para a Constituição das **Identidades** Sociais, sendo que ela é considerada um Monumento Histórico Nacional. A Catedral possui como dimensões 15 metros de largura por 30 metros de comprimento, comportando em seu espaço interno aproximadamente 300 pessoas.



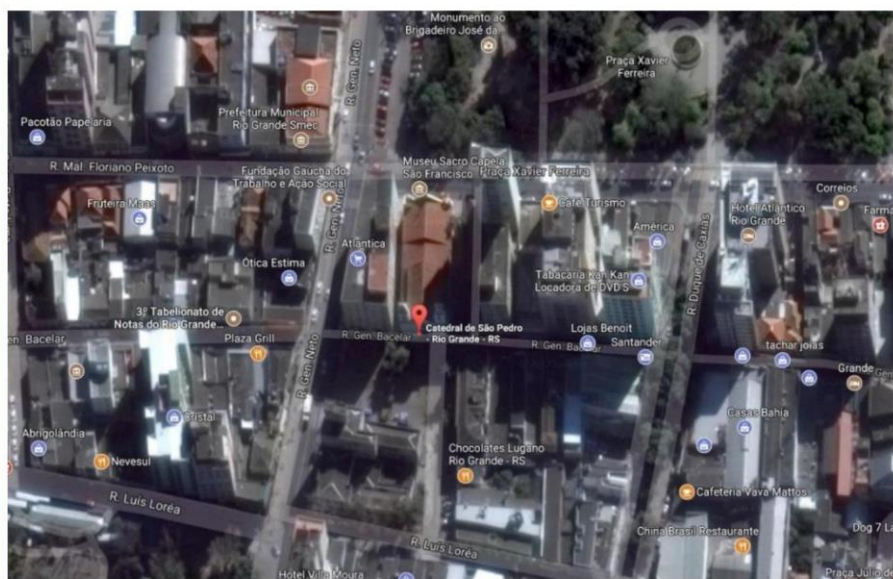
Página | 7

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS**



Bem a sua frente, encontra-se o Largo Dr. Pio, que é considerado um lugar de encontro, local tradicional e **cultural** do município. Neste espaço se realizam muitas práticas de **ritos**, manifestações populares, diversas campanhas sociais bem como celebrações e festividades.

Vamos localizar a Catedral de São Pedro no mapa?



---

## CONHECENDO OS TRAÇADOS DA ARQUITETURA

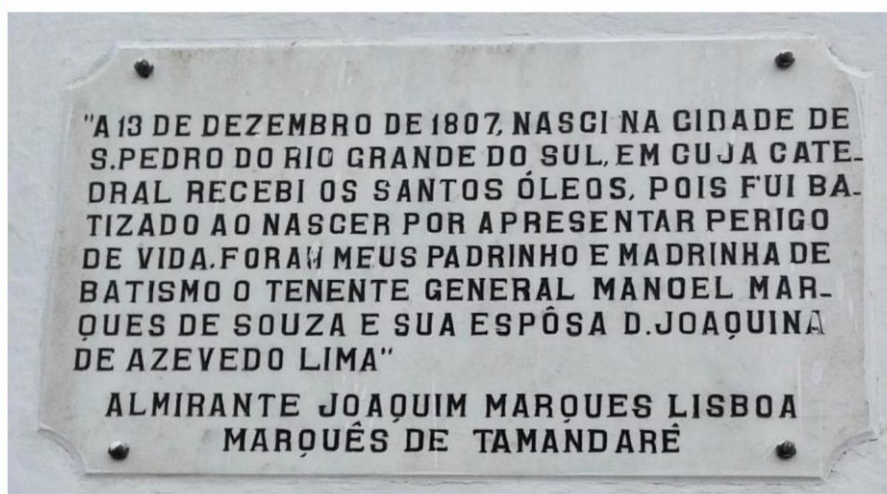
---



Sejam bem-vindos a conhecer a nossa Catedral de São Pedro! Começaremos nossa visita apresentando algumas referências importantes e que fazem parte da arquitetura do templo. Uma delas são as Portas que dão acesso ao Monumento e que ficam dispostas na parte central. Sua cor apresenta tons de verde e seu material é de madeira maciça.



Na fachada da Catedral, podemos perceber que tanto na parte de cima quanto ao lado esquerdo da porta, há duas placas de mármore. A primeira delas apresenta a data de construção do templo. Já a segunda é uma transcrição da Carta do Marquês de Tamandaré, ressaltando o acontecimento histórico que foi o seu batismo.



Em frente ao Largo Dr. Pio, no Centro Histórico da cidade do Rio Grande/RS, podemos encontrar a Catedral de São Pedro. Seu prédio é todo em estilo Barroco Colonial Português. Sua principal cor é a branca.



Uma das laterais está localizada na Rua Doutor Eduardo Ernesto Araújo. Seu entorno apresenta muitas janelas e portas, também na cor verde, que dão acesso a Secretaria da Catedral. Nesse local ocorre o agendamento de missas, casamentos e também a comercialização de velas e outros artigos.



No campanário, está sino da Catedral de São Pedro, utilizado para situar os cidadãos Rio-Grandinos sobre o começo das Missas, das Festividades e também das próprias Celebrações.

No campanário (torre) esquerdo, está fixado um relógio. Ele foi instalado em 1848, sendo que em 1878 foi atingido por um raio. Não está mais em funcionamento e seus números possuem o formato Romano.





Nos fundos da Catedral de São Pedro, encontramos o Museu de Arte Sacra e a Capela de São Francisco de Assis. Sua entrada é pela Rua Marechal Floriano Peixoto, em frente à Praça Xavier Ferreira.

A Capela foi tombada pelo IPHAN no ano de 1938, junto com a Matriz de São Pedro. O processo referente a esse ato encontra-se no Livro Tombo das Belas Artes, no momento em que fala sobre a “Capela da Ordem Terceira de São Francisco”.



Página | 13

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS**



---

## UM CONVITE PARA ENTRAR NO TEMPLO

---



Logo após passarmos pela porta de entrada, iremos nos deparar com essa imagem do altar. Na realidade, o que serve como refúgio para as imagens dos santos do templo é chamado de Retábulo, sendo que a Catedral apresenta sete desses ao todo. Eles são construções em madeira, colocados na parte posterior aos altares e possuem Estilo Neoclássico. Ressalta-se que os mesmos foram construídos com materiais bastante nobres, apresentando assim muita qualidade e maior durabilidade.

Página | 14

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS**

## IMAGENS DE SANTOS



À esquerda temos a imagem de São Pedro, o santo Padroeiro da cidade do Rio Grande e do Estado do Rio Grande do Sul. Considerado também o protetor dos Pescadores.

Sua imagem fica localizada no Retábulo-Mor, bem ao fundo do templo.

Na foto à direita, temos o Retábulo de Nossa Senhora da Conceição e sua imagem foi esculpida em madeira, no Século XIX. É considerado uma das raridades da Catedral de São



Página | 15

À direita, temos São Miguel Arcanjo, e seu Retábulo foi construído no ano de 1780. Importante salientar que essa obra apresenta as mesmas características Históricas e Artísticas do Século XVIII. Ela ainda possui as cores originais, tomando como base a sua criação no Período Barroco.



Na foto à esquerda, temos o Retábulo de São José e a sua imagem foi esculpida toda em gesso. A obra apresenta o formato dos olhos em vidro e revela sua pintura em ouro.





À direita da porta central que dá acesso à Catedral, podemos encontrar a Pia Batismal. Ela foi esculpida em pedra e trazida diretamente de Portugal. É considerada um símbolo de história e memória, pois foi nela que ocorreu o batizado do Almirante Tamandaré na cidade do Rio Grande/RS.



Esta é a Arca Dourada. Ela é utilizada como um santuário portátil, no qual o bispo guarda os objetos sagrados das celebrações.

Página | 17



Na imagem à esquerda está o túmulo com os restos mortais de Dom Frederico Didonet, que foi o primeiro Bispo Diocesano aqui do município. Antigamente, as igrejas realizavam muitos sepultamentos e eram utilizadas também como cemitério.

Abaixo, na urna da esquerda, estão os Restos Mortais do Tenente-General Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, que foi o primeiro Governador do RS. Na urna da direita, estão os Restos Mortais do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira.



---

## INFORMAÇÕES ADICIONAIS

---

A Catedral de São Pedro é uma Entidade responsável por diversas Práticas de Ritos, tais como aqueles ligados ao Batismo, as Celebrações de Casamento, os Sacramentos de Confirmação (Crismas) bem como as Festividades Religiosas em alusão a São Pedro, Padroeiro da Cidade do Rio Grande/RS.

Venha conhecer esse nosso Patrimônio Histórico e Cultural!

### Catedral de São Pedro

Endereço: Rua General Bacelar, 440 – CEP 96200-370

Fone: (53) 3232-8696 – Rio Grande/RS - Brasil

E-mail: [catedraldesaopedro.org@gmail.com](mailto:catedraldesaopedro.org@gmail.com)

Site: [www.catedraldesaopedro.com.br](http://www.catedraldesaopedro.com.br)

#### **Horários da Catedral**

Funcionamento das 09h às 19h

#### **Horários da Secretaria**

**Manhã** – das 09h às 12h

(de segunda a sexta-feira)

**Tarde** – das 14h às 18h

(de segunda a sexta-feira)

**Aos sábados** – das 09h às 12h

#### **Horários das Missas**

**Seg./Ter./Qui./Sex.**

Às 12h10 e às 18h

#### **Quarta-feira**

Às 12h10 e às 16h

**Sábado** – 18h

#### **Domingo**

Às 09h e às 18h

Página | 19



---

## APRENDENDO ALGUNS CONCEITOS

---

Você sabe o que é **Patrimônio Histórico e Cultural**?

O Patrimônio Cultural pode ser entendido como um conjunto de bens, de natureza material ou imaterial e com um valor (histórico, artístico) que remete a identidade social de um povo, independentemente da época vivenciada (passado, presente). Consegue-se reconhecer os saberes, os fazeres, as expressões, as celebrações e tudo aquilo que pode ser oriundo enquanto “popular”, como sendo parte indivisível deste patrimônio.

(PELEGRINI, 2009)

Porque é importante aprendermos esses conteúdos nas **Aulas de História**?

O Patrimônio Cultural acaba por representar uma alternativa com elevado grau de significância, pois dinamiza o ensino de História e torna possível que a própria História da Cidade seja utilizada como Recurso Didático e Metodológico.

Página | 20

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS**

## ETAPAS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A Educação Patrimonial pode ser dividida em quatro etapas, como podemos ver no quadro abaixo:

Etapas	Recursos / atividades	Objetivos
1. Observação	Exercícios de percepção visual/sensorial, por meio de perguntas, manipulação experimental, mediação, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive, etc.	. Identificação do objeto, da sua função e seu significado; Desenvolvimento da percepção visual e simbólica
2. Registro	Desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas  baixas.	Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica; Desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.
3.Exploração	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas.	Desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.
4. Apropriação	Recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo.	Envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural

(Horta et al, 1999, p.11)

---

## ATIVIDADES

---

Agora vamos realizar agora uma atividade de Percepção Visual, com base em duas Fotografias da Catedral de São Pedro (sendo uma bem antiga e outra um pouco mais atual).



Página | 22

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS**



1) Após observar estas duas imagens da Fachada Principal da Catedral, o que você percebeu de diferente entre elas?

---

---

---

---

2) E o que ainda permanece igual?

---

---

---

---

Responda as questões a seguir. Para tanto, você poderá utilizar o seu conhecimento, através das memórias que possui sobre a Catedral.

1) Você já visitou a Catedral de São Pedro? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2) Se já visitou, que novidades viu nessa Cartilha que não observou na visita? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3) Você já participou de alguma Festa ou Celebração no espaço da Catedral? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4) Após ter conhecido a História da Catedral através desta Cartilha, você gostaria de ir até lá para vê-la de perto e aprender um pouco mais? Por quê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_





Para isso, você deverá pesquisar e colocar as respostas de cada pergunta nos espaços em branco de cada quadrado. Bom Trabalho!

- 1) A Catedral é um Bem \_\_\_\_\_ e apresenta sua inscrição no Livro Tombo das Belas Artes.
- 2) Qual é o nome do lugar que está bem à frente da Catedral de São Pedro e que serve como local de encontro no município?
- 3) Sobre as placas que estão do lado de fora da fachada, uma delas apresenta a data de construção do templo e a outra a transcrição da \_\_\_\_\_ do Marquês de Tamandaré.
- 4) O que está instalado na torre da Catedral, bem ao lado esquerdo da fachada principal?
- 5) O nome do santo Padroeiro da cidade do Rio Grande e do Estado do Rio Grande do Sul é São \_\_\_\_\_.
- 6) Como é conhecida a construção em madeira que está colocada na parte posterior ao altar, e que serve como abrigo para as imagens dos santos?

- 7) Bem próximo à direita da porta central que dá acesso à Catedral, podemos encontrar a \_\_\_\_\_ Batismal.
- 8) A Catedral possui duas urnas com os Restos Mortais de pessoas importantes, sendo uma delas a do Brigadeiro \_\_\_\_\_ Pinto Bandeira.

Respostas: 1.Cultural 2.Largo Dr. Pio 3.Carta 4.Relógio 5.Pedro 6.Retábulo 7.Pia 8.Rafael

Página | 27

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS**

### Caça-Palavras

Agora verifique as palavras que estão em **NEGRITO** nas Páginas 7 e 8 desta Cartilha e as encontre no Caça-Palavras abaixo. Boa Sorte!

Q	R	T	U	P	N	F	J	D	Z	B	S
G	I	D	E	N	T	I	D	A	D	E	S
A	T	Y	Q	L	F	S	E	T	W	M	P
I	O	X	I	G	R	E	J	A	Q	V	O
P	S	Z	G	K	I	L	P	E	S	T	H
P	W	J	V	C	U	L	T	U	R	A	L
R	I	S	G	P	A	V	L	H	T	J	S

S	f	L	H	T	A	V	d	G	S	I	R
L	V	R	U	L	T	L	C	A	f	M	d
H	L	S	E	d	T	I	R	G	Z	S	d
O	A	Ø	V	f	E	R	G	I	X	O	I
d	R	M	L	E	S	f	T	Ø	A	L	V
S	E	d	V	d	I	J	N	E	d	I	G
S	R	Z	d	f	f	N	f	U	L	R	Ø

Página | 28

Agora vamos realizar uma atividade que irá desenvolver a sua capacidade de autoexpressão, com a intenção de perceber a valorização que é atribuída a nossa Catedral de São Pedro.

Observe as imagens a seguir e após, responda as perguntas:



Página | 29

PAIVA, William Adão Ferreira; GONÇALVES, Renata Braz. **Cartilha para o aluno sobre a Catedral de São Pedro: Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande/RS**



1) Você concorda com esta ação que foi praticada na Catedral?

---

---

2) O que você pensa/acredita que deveria ser feito para mudar essa realidade, no que se refere aos Bens Culturais da cidade?

---

---

---

---

---

## AFINAL, O QUE APRENDEMOS?

---

A Catedral é um Patrimônio Histórico e Cultural, considerada ainda como símbolo da cidade, sendo que necessita ser melhor aproveitada no processo educativo das escolas pertencentes ao município do Rio Grande/RS.

Seja através da sua história, da sua memória, de seus eventos e até mesmo das manifestações ligadas ao templo, é possível fazer com que toda comunidade adquira um sentimento de pertencimento ao monumento, preservando-o assim cada vez mais.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves. **Uma igreja, uma comunidade: os 250 anos de história da Catedral de São Pedro**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004.

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FRAGA, Hilda Jaqueline de. A cidade como documento no ensino de história. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.) **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

ITAQUI, José; VILLAGRÁN, María Angélica. **Educação patrimonial: a experiência da Quarta Colônia**. Santa Maria: Pallotti, 1998.

KLAMT, Sérgio Célio; BARTH, Marina Amanda. Educação Patrimonial: uma experiência com utilização de cartilha. In: **Revista do CEPA**, v.31, n.43, 2015.

MOTTA, Antonio. Patrimônio. In: SANSONE, Livio e FURTADO, Cláudio Alves (Org.). **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 379-391

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de. **Educação patrimonial no Iphan**. 2011. Monografia (Especialização) – Escola Nacional de Administração Pública, Brasília, 2011.

POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e Identidade: qual o lugar da história? In: GASPAROTTO, Alessandra. FRAGA, Hilda Jaqueline de. BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Orgs). **Ensino de história no CONESUL** – Patrimônio cultural, territórios e fronteiras. Porto Alegre: Evangraf / UNIPAMPA Jaguarão, 2013.

SOARES, André Luís Ramos (Org.). **Educação patrimonial**: relatos e experiências. Santa Maria: Editora UFSM, 2003.

\_\_\_\_\_; KLAMT, Sérgio Célio. Educação Patrimonial e a Interdisciplinaridade em Sala de Aula: um estudo de caso. In: SOARES, André Luís Ramos; KLAMT, Sérgio Célio (orgs.). **Educação Patrimonial**: teoria e prática. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.

TORRES, Luiz Henrique. **História & educação patrimonial da cidade do Rio Grande**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

\_\_\_\_\_. **Rio Grande**: imagens de espaços públicos que contam a história. Rio Grande: FURG, 2007.

VIANNA, Lauro de Brito. A cidade, o porto e a barra de São Pedro do Rio Grande do Sul. In. **Coleção pensar a História Sul-Riograndense – Volume 41**. Rio Grande: Ed. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1995.

---

## SOBRE OS AUTORES

---

### Me. William Adão Ferreira Paiva<sup>1</sup>

Arquivista da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (PPGH/FURG). É também Especialista em Gestão de Projetos, pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e Bacharel em Arquivologia pela FURG. Possui experiência em Atividades Arquivísticas vinculadas aos Processos de Organização, Classificação e Avaliação Documental. Tem interesse por assuntos ligados ao Patrimônio Cultural, Gestão de Documentos, Memória, História e Salvaguarda do Patrimônio Documental.

### Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Braz Gonçalves<sup>2</sup>

Professora do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) e dos Cursos de Biblioteconomia e Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Bacharel em Biblioteconomia pela FURG, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Tem interesse por assuntos ligados ao Patrimônio Cultural, História da Leitura, Mediação da Leitura, Competência Informacional, Ensino de Biblioteconomia, Bibliotecas, Metodologia da Pesquisa, Políticas do Livro e de Leitura e História da Educação.

---

<sup>1</sup> E-mail: [william.paiva@ufsc.br](mailto:william.paiva@ufsc.br)

<sup>2</sup> E-mail: [renatabraz@furg.br](mailto:renatabraz@furg.br)





## APÊNDICE D – Autorização do Autor para utilização de suas Imagens na Capa e Contracapa da Cartilha

20/09/2017

Email – williampaiva17@hotmail.com

Re: Autorização de Imagem - Catedral de São Pedro Rio Grande/RS

geraldo roberto da silva <geraldoroberto@gmail.com>

ter 19/09/2017 19:37

Para: will.l.Am Paiva <williampaiva17@hotmail.com>;

OK, William. Autorizado. O motivo é justo.

Obrigado

--

**GERALDO ROBERTO DA SILVA**

**Artista plástico e animador cultural**

**tel: 05392414491**

**e-mail: [geraldoroberto@gmail.com](mailto:geraldoroberto@gmail.com)**

Em 18 de setembro de 2017 10:27, will.l.Am Paiva <williampaiva17@hotmail.com> escreveu:

Bom dia Sr. Geraldo,

Me chamo William Paiva e sou Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), instituição na qual o Sr. exerceu atividades como Professor no Instituto de Letras e Artes (ILA).

Gostaria de lhe dizer que minha Dissertação se refere as Práticas Pedagógicas no ensino de História, dos professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental em Rio Grande/RS. Meu produto (resultado da dissertação) será a produção de uma Cartilha (recurso didático), que utilizará por escopo uma proposta de Educação Patrimonial na Catedral de São Pedro.

Para tanto, gostaria de homenageá-lo enquanto artista plástico local e utilizar suas fotos da Catedral de São Pedro, para compor a Capa e a Contracapa da referida Cartilha.

Nada melhor que valorizar o olhar de um artista frente ao Patrimônio Histórico e Cultural, sendo que eu e minha orientadora ficaríamos muito gratos por seus traços estarem fazendo parte deste material, que será utilizado como fonte ao ensino da História Local em Rio Grande/RS.

Em anexo segue as imagens que gostaria de utilizar na composição da Cartilha.

Esta mensagem está em cópia a minha orientadora, Profª Drª Renata Braz Gonçalves.

Aguardo retorno logo que possível e agradeço desde já pela sua disponibilidade.

**Atenciosamente,**

**William Paiva**

**Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História - FURG**

**Especialista em Gestão de Projetos - UNOPAR**

**Bacharel em Arquivologia - FURG**

***"A melhor maneira de predizer o futuro é criá-lo."***

***Peter Drucker***